



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**Identidade e Transmissão Psíquica: Da Primeira
Geração (Migrante) para a Descendência (Não-
migrante)**

Isabel de Oliveira Ramos

Orientador de Dissertação:

PROF. DOUTORA Maria Emília Marques

Coordenador do Seminário de Dissertação:

PROF. DOUTORA Maria Emília Marques

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2017

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Emília da Silva Marques, apresentada no ISPA – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço à Professora Doutora Maria Emília Marques, pela paciência incansável e por todo o conhecimento transmitido ao longo do meu percurso acadêmico. Em especial neste último ano, agradeço a possibilidade de poder ter aprendido e refletido sobre esta área tão vasta como é a psicologia. Permitiu-me crescer e alargar os horizontes sobre métodos e paradigmas de investigação.

Em segundo lugar, agradeço a disponibilidade do Abel e da Luana que, com toda a amabilidade, se dispuseram a partilhar as suas experiências e vivências pessoais de modo a ser possível a realização deste estudo.

Agradeço também aos colegas do seminário de dissertação que ao longo do ano permitiram a construção de novos conhecimentos e aqueles que colaboraram na análise das narrativas. Em especial um obrigada à Beatriz e à Cassandra pela disponibilidade e companheirismo que, de maneira especial, fizeram com que tivesse sempre ânimo para a realização deste projeto.

Agradeço também ao ISPA por me ter “visto” crescer ao longo destes 5 anos e pelo que de bom me providenciou.

Agradeço à minha mãe por toda a dedicação e por me fazer sorrir sempre que não era possível. Agradeço à minha irmã por estar sempre do meu lado e acreditar em mim.

Agradeço ao meu pai e à Lina por todo o apoio, pois sem eles esta etapa não era possível. Agradeço à Sandra por todas as palavras sábias nos momentos certos.

Agradeço ainda à minha família de coração cheio por todos os conselhos de força que me deram ao longo da vida. Às minhas avós e ao meu avô que representam duas figuras muito importantes para mim, aos meus queridos tios e tias, primos e primas cuja presença foi fundamental.

Agradeço também aos amigos que sempre estiveram do meu lado e que acreditaram em mim.

E, por último, que são sempre os melhores, um obrigado do fundo do coração ao Ricardo por ter sido incansável e paciente ao percorrer comigo lado a lado este caminho tão difícil para mim.

RESUMO

De acordo com a concepção teórica proposta pela clínica etnopsicanalítica, a condição migrante muitas vezes envolve um sofrimento que é incompreendido, desmentido e silenciado. A experiência migratória coloca o sujeito numa posição desprotegida e suscetível ao conflito entre a identidade e a alteridade. Esta posição irá influenciar a próxima geração pela maneira como se dá a transmissão psíquica dos conteúdos não-elaborados devido ao sentimento de desamparo pela perda das referências culturais e identitárias. Utiliza-se o Método das Narrativas de Associação Livre (FANI – Free Association Narrative Interview), de Hollway e Jefferson (2000; 2008) para a realização de duas entrevistas com o intuito de aceder à dimensão psíquica e subjetiva do adolescente filho de pais migrantes. Dos temas principais analisados nas entrevistas destaca-se a identidade e a transmissão psíquica como problemáticas. Em ambos os participantes pode-se observar um processo de construção da identidade conturbado pela constante referência a duas culturas diferentes, a dos pais e as suas, mas também a influência da herança parental na transmissão da cultura que se torna ameaçadora para a estruturação identitária.

Palavras-chave: Etnopsicanálise, Identidade, Transmissão psíquica, Adolescência, Narrativa de Associação Livre

ABSTRACT

According to the theoretical conception proposed by the ethnopschoanalytic clinic, the migrant condition often involves suffering that is misunderstood, denied and silenced. The migratory experience places the subject in a position unprotected and susceptible to the conflict between identity and otherness. This position will influence the next generation by the way the psychic transmission of unprocessed content occurs due to the feeling of helplessness due to the loss of cultural and identity references. The Free Association Narrative Interview (FANI) method, by Hollway and Jefferson (2000; 2008), is used to make two interviews with the purpose of accessing the psychic and subjective dimension of the adolescent sons of migrant parents. Among the main themes analyzed in the interviews are the identity and the psychic transmission as problematic. In both participants it is possible to observe a process of identity construction disturbed by constant reference to two different cultures, that of the parents and theirs, but also the influence of parental inheritance in the transmission of the culture that becomes threatening for the identity structuring.

Key-words: Ethnopschoanalysis, Identity, Psychic Transmission, Adolescence, Free Association Narrative

Índice

Introdução	1
1. Enquadramento da disciplina: Etnopsicanálise	3
2. Identidade	5
2.1. Construção da identidade em ambiente “ <i>estrangeiro</i> ”	5
2.2. Tornar-se adolescente na presença de dupla cultura.....	8
3. Transmissão Psíquica e (A)Filiação	11
4. Metodologia	14
4.1. Tipo de Estudo.....	14
4.2. Método.....	15
4.3. Participantes.....	15
4.4. Procedimento de Recolha dos Dados.....	16
4.5. Procedimento de Análise dos Dados.....	17
5. Apresentação e Análise dos Dados	18
5.1. Análise dos Dados.....	18
5.1.1. Análise do Discurso do Abel.....	18
5.1.2. Análise do Discurso da Luana.....	23
5.2. Análise dos Grandes Temas.....	31
5.2.1. Análise dos Grandes Temas do Abel.....	31
Identidade.....	31
Representação do Casal.....	35
Sentimento de Pertença: Dimensão filiativa e afiliativa.....	37
5.2.2. Análise dos Grandes Temas da Luana.....	38
Identidade.....	38
Representação do Casal.....	41

À Procura de um Lugar de Pertença: o não-nomeado.....	43
6. Discussão.....	46
Conclusão.....	51
Referências Bibliográficas.....	54
Anexos.....	57
Anexo A: Carta de Consentimento Informado.....	58
Anexo B: Transcrição da Entrevista do Abel.....	59
Anexo C: Transcrição da Entrevista da Luana.....	72

Introdução

Atendendo à crescente globalização e às diferenças culturais cada vez mais acentuadas no interior da sociedade, as questões ligadas às migrações tornam-se cada vez mais pertinentes. Sabe-se que a experiência migratória acarreta um conjunto de preocupações e consequências, quer a um nível concreto e adaptativo, quer ao nível da elaboração psíquica. A migração exige a (re)significação e a constante negociação dos processos psíquicos para manter a identidade estável. Sabemos também que estas dinâmicas têm um impacto subjetivo nos processos de construção da identidade e transforma os padrões de referência e o sentido de pertença.

No contexto das relações *em* e *na* sociedade, qualquer que seja a sua transformação ou mudança, é acompanhada de acordo com o padrão cultural predominante. No contexto das migrações, essa mudança produz um impacto na dimensão subjetiva do sujeito quando confrontado com os padrões existentes no país de acolhimento que têm implicações no processo de “(re)tornar-se casal” e de “tornar-se pais”. Tendo em conta que esta dinâmica é fulcral no processo de (re)construção identitária, o ponto de partida da investigação iria no sentido de compreender qual a representação que os filhos de pais migrantes têm sobre como é ser casal cá (país de acolhimento) e ser casal lá (país de origem). Certamente a reorganização psíquica da estrutura já existente, quer ao nível da cultura, quer ao nível da relação conjugal, num contexto migratório requer (re)adaptações sólidas para dar sentido de continuidade à identidade.

A pertinência do estudo sobre a visão dos adolescentes filhos de migrantes acerca da relação conjugal em contexto migratório prende-se com a falta de literatura sobre este tema tão complexo que exige uma compreensão alargada e atenta do fenómeno, mas também pela curiosidade acerca da dinâmica conjugal quando muda para um contexto que não é o habitual. Do ponto de vista da etnopsicanálise, um dos parâmetros que leva o sujeito a construir a sua identidade está relacionado com a interiorização dos padrões culturais impostos pela sociedade. O sujeito, quando passa por um processo de socialização, "apropria-se necessariamente do modelo cultural em que se expressa" (Lecomte, Jama & Legault, 2006). Na sequência da presente investigação, a população confronta-se com mais do que uma referência cultural, tornando-se pertinente o enquadramento da etnopsicanálise na medida em que nos possibilita uma compreensão profunda dos processos e transformações psíquicas subjetivas do sujeito que estão subjacentes ao processo de aculturação.

Depois de feito o enquadramento da etnopsicanálise, é feita uma abordagem das considerações teóricas desenvolvidas evidentes na literatura que permitem compreender melhor o contexto em que serão estudadas as temáticas emergentes das narrativas dos sujeitos.

Uma das abordagens prende-se com o processo de construção da identidade que pressupõe um sentimento de pertença a um lugar e, neste contexto, o sujeito é confrontado com um sentimento de ambivalência perante duas culturas distintas, respetivamente apresentada pelos pais e imposta pela sociedade envolvente. O desenvolvimento da identidade com base na ambivalência faz com que o sujeito recorra constantemente a mecanismos de defesa contra a ameaça de destruição identitária.

O processo de construção identitária está intimamente ligado à transmissão de conteúdos psíquicos entre gerações. Será então desenvolvido o tema da transmissão psíquica no sentido de compreender a influência que este tem na construção psíquica subjetiva do sujeito. Considerando que a experiência de vida dos pais e a dos filhos ocorre em sociedades diferentes, as clivagens geracionais e a transmissão psíquica transgeracional poderá ser particularmente acentuada nas famílias migrantes. Este contexto poderá ser razão para a emergência de determinados conflitos resultantes do processo de migração (da primeira geração) e, conseqüentemente, transportar conseqüências ao nível da intersubjetividade psíquica entre pais e filhos.

Não querendo perder de vista a individualidade do sujeito e o contexto social e cultural em que está inserido, é proposta a utilização de uma metodologia qualitativa assente nas conceções psicanalíticas. Neste sentido, é com base no método de investigação desenvolvido por Hollway e Jefferson (2000, 2008) que procura aceder, através da associação livre de ideias, à dimensão psíquica intersubjetiva do sujeito. Neste método de pesquisa, é feita uma pergunta ao entrevistado como ponto de partida para o desenrolar de ideias e associações sobre as suas vivências, com o objetivo de compreender os processos psíquicos inerentes à vivência subjetiva do conflito.

Será desenvolvido o tema da identidade, onde a cultura tem um peso importante, e também o tema da transmissão psíquica entre gerações com base na importância que este tem para a construção da identidade do sujeito.

1. Enquadramento da disciplina: Etnopsicanálise

Freud, considerado o “pai” da psicanálise, quando escreveu textos como *Totem e Tabu* (1913), *Mal-Estar na Civilização* (1930), *O Futuro de uma Ilusão* (1927) e *Moisés e o Monoteísmo* (1939), (citado por Barros & Bairrão, 2010), tinha o objetivo de introduzir a questão da cultura na prática clínica. Das obras supramencionadas, *Totem e Tabu* (1913) foi a que suscitou algumas críticas como a crítica de Bronislaw Malinowski, primeiro antropólogo a realizar trabalho de campo na área da antropologia moderna, que pegou em considerações da tese freudiana sobre o Complexo de Édipo e contrapôs. Como forma de resposta a esta crítica, Freud pediu a Ernest Jones e Géza Róheim, psicanalistas e etnólogo, que reagissem às análises de Malinowski (Barros & Bairrão, 2010). No entanto, tais considerações não foram levadas adiante nem pelos antropólogos, que parece não terem lido ou se pronunciado sobre elas, nem pelos psicanalistas da época (incluindo Freud). Ao que parece, é a partir deste contexto confuso e sem diálogo direto que se promove a dissociação entre a antropologia e a psicanálise (Barros & Bairrão, 2010).

Contudo, o diálogo entre as disciplinas não cessou, Géza Róheim seguiu com o estudo psicanalítico de diferentes culturas pelo mundo e desenvolveu o que seria a “antropologia psicanalítica” ou a “etnopsicanálise”. O conceito etnopsicanálise foi primeiramente empregado por Georges Devereux que, na década de 60, contribuiu para o desenvolvimento da disciplina que conjuga a antropologia e a psicanálise na teoria e na prática terapêutica. Na prática terapêutica, Georges Devereux implementou um outro conceito – “psicoterapia transcultural” ou “etnopsicanálise transcultural” (Lioger, 2002 citado por Barros & Bairrão, 2010) – que procurou dar respostas mais eficazes e permitiu compreender numa perspetiva “*complementar*” determinadas perturbações psiquiátricas de acordo com a cultura em que o sujeito se desenvolve.

O processo migratório não é apenas um ato social, mas também psíquico. Devemos insistir neste aspeto, pois é fundamental para a clínica com o sujeito migrante (Moro, 2015). Tendo em conta a dimensão clínica, antropológica e também linguística tornou-se necessário (re)pensar os métodos de intervenção que permitissem operacionalizar as interações intersubjetivas e intrapsíquicas destas problemáticas (Moro, 2015). Desta forma, Georges Devereux (1972) desenvolveu também o princípio metodológico do “*complementarismo*” que convoca uma dupla matriz epistemológica, por um lado conhecimentos da etnologia e por outro, conhecimentos da psicanálise, que se cruzam de forma integrativa, para abordar e pensar os fenómenos humanos. A dupla matriz epistemológica permitiu uma dupla leitura do relato do

paciente e contribuiu para o *descentramento* do analista (Moro, 1015). Para o autor, a verdadeira etnopsicanálise funciona de forma «pluridisciplinar», pois ela analisa determinados fatos através de duas visões distintas, a da etnologia e da psicanálise para se conseguir fazer efetivamente uma clínica transcultural (Devereux, 1977, cit. por Bairros & Bairrão, 2010). Segundo Tobie Nathan (1986), os dois princípios fundamentais em que se baseia a etnopsiquiatria são, por um lado, a universalidade da psique humana e, por outro lado, a noção de que todo homem pertence a uma cultura e é imerso nesta referência cultural e psíquica que constrói a sua humanidade. Trabalhar sobre o particular, sem especular sobre o universal, é uma das premissas da etnopsicanálise.

Na sua origem a psicanálise configura-se tanto como um método de investigação de processos psíquicos quanto como disciplina científica que poderia contribuir para as ciências sociais, ao constituir um olhar atento para a cultura (Barros & Bairrão, 2010). Estamos habituados a uma psicanálise restrita à clínica e à ideia de tratamento, no entanto é necessário (re)pensar esta noção tendo em conta que o sujeito vive em relação e num determinado meio social que o define em certa parte. Quando se dá especial atenção à dimensão social do sujeito, mais propriamente à especificidade cultural, torna-se indispensável o cruzamento das disciplinas, neste caso da psicanálise e da antropologia.

Georges Devereux pretendia mostrar a importância de um olhar atento sobre os padrões culturais de cada indivíduo e não rege sobre a ideia de que um indivíduo dito “normal” é aquele que está de acordo com os padrões estipulados pela psiquiatria ocidental, mas sim aquele capaz de compreender e viver a cultura como um sistema de referência que permite que se estruture e que consiga estabelecer relações com os outros de acordo com as ferramentas, valores, princípios e regras disponíveis para todos (1977, cit. por Barros & Bairrão, 2010).

Desta forma, Devereux defendia que era da responsabilidade dos profissionais (psiquiatra ou psicólogo) o conhecimento aprofundado da cultura dos seus pacientes. Devereux utilizou os termos etnopsicanálise e etnopsiquiatria para designar a mesma coisa (Barros & Bairrão, 2010). Assim, podemos dizer que a etnopsicanálise (ou etnopsiquiatria) é uma área das ciências humanas e sociais pluridisciplinar que estuda a perturbação mental a partir de diferentes culturas, isto é, procura compreender o indivíduo como um ser singular único e constituído em sociedade atendendo às características específicas do seu padrão cultural e social.

A partir do final da década de 1980, Marie Rose Moro, psicanalista e psiquiatra, foi uma das primeiras na França a interessar-se pela clínica de crianças migrantes. A sua necessidade de aprofundar os conhecimentos para trabalhar com as crianças e adolescentes migrantes levou a

cabo a realização de diversas investigações nesta área, desta forma também contribuiu para o desenvolvimento da etnopsiquiatria infantil na França.

Segundo Moro (1994), a etnopsiquiatria é uma teoria e uma prática psicoterapêutica que reserva uma parcela igual à dimensão cultural da desordem e à sua gestão, mas também à análise do funcionamento psíquico.

2. Identidade

2.1. Construção da identidade em ambiente “*estrangeiro*”

A identidade é um processo de construção individual e social que se desenvolve de acordo com o meio envolvente e ao longo do tempo, permitindo construir a unicidade e a integridade do Self. A identidade é, então, construída num processo dinâmico e relacional, que está em constante transformação e adaptação. As identidades não se formam através de combinações opostas, mas pertencem a fronteiras ténues, que estão contextualizadas no espaço e no tempo, que se formam e transformam de forma dinâmica, através das interações que se vão estabelecendo no dia-a-dia, sejam elas relacionais, culturais ou sociais (Hall, 2006). Segundo Jacques (2006), a identidade expressa-se e constitui-se de acordo com o meio social que nos rodeia, mas também no seio das relações familiares e sociais, nomeadamente, quando se pertence a um grupo, “etnia, raça, género, família ou profissão, em que o igual e o diferente convivem simultaneamente”.

Segundo o autor Georges Devereux (2009), toda a individualidade supõe uma identidade, e ambas estão simultaneamente em permanente construção e adaptação, sujeitas às condições que o mundo externo proporciona. Para o autor, a construção de uma identidade estável pressupõe uma ordem no espaço e no tempo. Isto é, para o sujeito reconhecer um sentido de continuidade de si através da constância, é imprescindível uma relação consonante entre a causalidade dos acontecimentos no espaço e a capacidade para definir os acontecimentos numa sequência temporal.

É neste sentido, que a experiência migratória expõe o sujeito a um conjunto de fatores desfavoráveis à noção de continuidade de si mesmo e contribui para uma vulnerabilidade psíquica, obrigando o sujeito migrante a mobilizar mecanismos (de defesa) contra essa ameaça (Devereux, 2009). Então, a experiência migratória – considerada *traumática* (Grinberg & Grinberg, 1996) – exige a reorganização do funcionamento psíquico, que se encontra em rutura,

em desequilíbrio, de modo a possibilitar a construção de uma estrutura identitária. Então, o mundo interno e externo é posto em causa pela experiência desorganizadora que sugere a migração (Mohamed, 2001).

É de salientar que a mudança introduz na vida das pessoas alguns acontecimentos que requerem (re)adaptação, sendo que as consequências que estas produzem são vivenciadas de diferentes maneiras pelo sujeito, contribuindo para um desenvolvimento estável da identidade, ou então para o aparecimento do conflito que gera a chamada “crise identitária” (Yahyaoui, 1988, citado por Mohamed, 2001).

A experiência migratória intensifica a tendência para o conflito identitário, visto que a mudança para um ambiente cultural diferente e desconhecido gera um “choque cultural”. A adaptação ao novo meio passa pela elaboração psíquica da perda dos objetos amados, dos hábitos culturais, da língua materna e pela resolução da ameaça do desconhecido.

Segundo Grinberg & Grinberg (1996), o fenómeno migratório deixa o sujeito vulnerável e desprovido de recursos. Assim sendo, apenas o luto das perdas até aqui mencionadas permitirá integrar de maneira diferenciada os dois lugares, o de origem e o de acolhimento, e tudo o que seja de “lá” e de “cá”. O luto constitui uma resposta psíquica adequada, no sentido em que possibilita a integração e a “continuidade psíquica” no processo de construção da identidade (Mohamed, 2001). Muitas vezes não é feito o “luto” necessário à adaptação do sujeito, o que impossibilita a vivência adaptada ao mundo exterior e compromete o desenvolvimento da dinâmica intrapsíquica.

O sujeito desenvolve-se através da cultura e adota códigos culturais próprios do meio social onde está inserido. A cultura é o meio através do qual o sujeito desenvolve as suas crenças, os costumes, os valores e normas sociais que estão enraizados no psiquismo do sujeito. Quando se confronta com a perda das referências culturais gera um sentimento de instabilidade e, conseqüentemente, potencializa a fragilidade psíquica do sujeito migrante.

Assim como a referência cultural, também se pode pensar o lugar como sendo um dos fatores que dá suporte à construção da identidade e ao sentimento de pertença. É principalmente através deste que o sujeito expressa a sua forma de viver e existir na sociedade através de uma interação dinâmica e contínua entre o sujeito e o seu lugar (de pertença). O lugar confere identidade. O lugar transmite sentimento de pertença. O lugar permite o sentido de continuidade. O lugar possibilita dar conta da nossa existência. O (não-)lugar gera angústia (Casey, 2001).

No caso dos sujeitos migrantes, na passagem de um lugar para outro – do conhecido para o desconhecido – há muitas coisas que ficam no antigo lugar que se tentam recuperar no novo,

porém este lugar novo é diferente. É exatamente por essa diferença que é necessário mobilizar recursos para a adaptação ao lugar desconhecido que causa estranheza e desconforto. Estes concebem no lugar de acolhimento o seu lugar perdido. Recriar o lugar de origem é uma forma de proteger a identidade contra o conflito e a angústia gerada pelas várias perdas e de evitar a rutura do sentimento de continuidade (Marandola, 2014).

No entanto, muitas vezes o que acaba por acontecer é que, - o sujeito é confrontado com a impossibilidade de conciliar as suas heranças culturais e os referenciais identitários com as experiências atuais, - pois o sujeito migrante encontra-se numa situação precária, acabando por não se considerar de nenhum lugar, o que estimula a desorganização psíquica e evidencia a sua condição de estrangeiro. Quando confrontado com a divergência entre o sentimento de continuidade de si mesmo e a (in)estabilidade psíquica, é neste sentido que o sujeito, ao se cruzar com um sentimento de dupla-pertença ou de não-pertença, aproxima-se de um processo de construção da identidade pouco estável, ou até mesmo instável.

Na realidade, é certo que a sociedade exige a interiorização de um conjunto de múltiplas identidades (Hall, 2006). Neste sentido, em determinadas situações o sujeito necessita de recorrer a cada uma delas de forma adaptada consoante o contexto e a exigência exterior. No contexto das migrações, como já vimos, a situação complica-se. Por exemplo, o projeto de ser mãe implica a criação e a transformação de conteúdos psíquicos que permitirão criar recursos adaptados ao acontecimento a todos os níveis, incluindo ao nível da identidade. No seguimento, o projeto de ser mãe num contexto transcultural, tornará necessário recorrer a mecanismos e elementos, desta vez mais consistentes, que permitam o acesso ao projeto de maternidade adaptado ao contexto, tendo em conta que o contexto é a sociedade de acolhimento, um ambiente à partida considerado *estrangeiro*. Neste caso, o sujeito migrante tem que elaborar sobre dois processos de mudança, - o projeto de maternidade e o processo de transição cultural, - temendo os vários riscos e fragilidades que irá encontrar.

Assim como sugere o autor Woodward (2011), a migração está associada à constituição de identidades plurais que, por vezes, são desmentidas e perturbadoras no processo de integração do Self. Bossé (2004) acrescenta comunicando que a construção identitária é um processo que está em constante alinhamento com as múltiplas facetas, está também associado à subjetividade do sujeito, permitindo um sentimento de pertença e de continuidade de si mesmo, mas ao mesmo tempo gera conflito, pois está sempre em contradição entre o ser e o vir-a-ser.

Ao contrário destes autores, Wendy Hollway (2009) destaca a identidade como sendo um resultado da dimensão relacional segundo a dinâmica intersubjetiva do inconsciente. Apesar de explorar o conceito de identidade e de subjetividade, que, por sua vez, estão interligados, usa o

conceito de identidade, e não o de subjetividade, para abranger todos os níveis que constituem a mesma, de maneira a não cair na tentação de confinar o sujeito apenas à dualidade individual-social. Hollway (2009) defende ainda que o conflito está na base da mudança e, sendo este um princípio básico da psicanálise, é algo comum e inevitável.

Sabemos também que a migração é um ato complexo e de coragem que exige reajustes psíquicos internos e externos por parte do sujeito e, conseqüentemente, altera toda a dinâmica familiar dos mesmos, passando por várias gerações. A experiência migratória não envolve apenas aqueles que a fizeram, mas também todos os que irão nascer em território estrangeiro (Moro, 2015).

A chamada “*segunda geração de imigrantes*”, à qual a designação não é a mais correta porque estes jovens não são imigrantes, dá continuidade ao caminho começado pela primeira geração. Isto significa que estes jovens continuam a construir uma identidade assente na dupla-pertença e sob a condição de um ambiente considerado, por eles, *estrangeiro*.

A identidade dos jovens filhos de imigrantes é construída com base na herança cultural transmitida pelos pais e, ao mesmo tempo, com base no meio cultural em que estão inseridos. Por esta razão se compreende que um adolescente filho de pais migrantes possa adotar uma posição frágil e desestabilizadora, porque os códigos culturais transmitidos pelos pais não são necessariamente os códigos (re)transmitidos pelos cânones do país de origem (Moro, 2003). Assim o questionamento das referências culturais reverte a favor do sentimento de dupla pertença ou de não-pertença numa dimensão diferente, mas próxima à dos seus pais.

Estes adolescentes – a *segunda geração* – convivem diariamente com a impossibilidade de se reger através de um único padrão cultural e munido de algum sentido, pois ora é convocado o padrão cultural interno (família) ora ressaltam os valores culturais do meio envolvente (sociedade, escola). Inevitavelmente no decorrer do processo de construção da identidade no sentido de encontrar coerência e estabilidade, os movimentos psíquicos efetuados irão entrar em conflito.

2.2. Tornar-se adolescente na presença de uma dupla cultura

A cultura é considerada um conjunto dinâmico de representações móveis em contínua transformação, um sistema aberto e coerente com o qual o sujeito está em constante interação. O sujeito cria um laço e um sentimento de pertença cultural aos costumes, crenças e valores do seu país. A dinâmica do processo migratório está intrinsecamente ligada a esta dimensão, assim como as suas conseqüências potencialmente traumáticas, e também as vicissitudes de toda a inscrição numa nova sociedade e num sistema cultural desconhecido. (REFERENCIA)

O trabalho de Marie Rose Moro (2004) destacou uma vulnerabilidade psíquica particular dos filhos de migrantes. Ela descreve três períodos em que esse risco é particularmente significativo: no decorrer das primeiras interações mãe-bebê, no início da aprendizagem principal da criança no período da primeira infância e na fase da adolescência.

Os pais migrantes podem experimentar sentimentos de confusão, sentimento de abandono e não-pertença ou até a perda das referências culturais que irão acompanhar no desempenho das funções parentais. Quando a experiência do mundo exterior é tão peculiar e dolorosa, a mãe tem dificuldade em enquadrar a criança no contexto em que esta vai crescer. "Neste registo eventualmente será transmitido à criança uma percepção caleidoscópica do mundo que pode ser originária de ansiedade e insegurança" (Moro, 2003).

O psicanalista Roland (2001) defende que as primeiras experiências de relacionamentos familiares, representadas pelos diferentes membros da família, são profundamente internalizadas pelo Eu e tornam-se parte integrante da identidade. Mais tarde, o Eu é confrontado por um sistema cultural exterior através da escola, das relações sociais e do trabalho, que promulgam representações e códigos culturais diferentes que também será internalizado. A confusão e os conflitos de identidade podem então surgir entre experiências mais antigas e experiências mais recentes que podem induzir um sentimento desconfortável que gera ansiedade no sujeito (Hermans e Kempen, 1998; Roland, 2001). Na verdade, a construção psíquica do adolescente foi feita em torno de uma clivagem onde as filiações (transmissão parental) e as afiliações (sentimento de pertença a um padrão cultural) se encontram dissociadas, refletindo o que é chamado de *vulnerabilidade específica* do filho migrante (Moro, 2003).

O conceito de "*vulnerabilidade específica*" desenvolvido por Moro (2003) refere-se a uma fragilidade psíquica do sujeito migrante que, por perda das referências culturais e pela exposição a um ambiente considerado ameaçador, deixa de ter os recursos e mecanismos necessários para a estabilidade psíquica, mas também para uma adaptação à realidade exterior. Por conseguinte, a fragilidade do sujeito migrante poderá ser incutida aos filhos logo desde cedo, comprometendo a construção de uma identidade una e íntegra a vários níveis. É por isso que o exercício da parentalidade é particularmente posto à prova na fase da adolescência, quando filiação e afiliação podem entrar em contradição (Moro, 2000).

As pesquisas atuais sobre saúde mental e imigração (Moro, 2003) encontram momentos de "*vulnerabilidade específica*" que diferem segundo o género na população que diz respeito à

primeira geração. No caso das mulheres migrantes, a gravidez e o período de construção das primeiras interações precoces mãe-bebê constituem o primeiro momento de *vulnerabilidade*. No caso dos homens migrantes, a *vulnerabilidade* surge, principalmente, no período em que os filhos passam pela adolescência, uma vez que estes irão fazer as suas escolhas identitárias, mas também irão aceder à herança cultural dos seus pais e aos requisitos da sociedade de afiliação, ou então irá rejeitar a cultura do país de origem dos seus pais em detrimento dos seus. Nesta fase, o pai põe em questão a escolha do seu próprio projeto migratório e da sua capacidade de estruturação cultural.

É sem dúvida na adolescência que a vulnerabilidade dos pais aparece mais como causadora de dificuldades. A migração introduz, portanto, uma descontinuidade manifesta no exercício da parentalidade. Ela põe em risco os processos de (a)filiativos que se organizam durante a relação e com base num movimento de identificação ao Outro (Moro, 2003).

A adolescência é um período específico do desenvolvimento em que os (re)ajustes psíquicos e as questões sobre a identidade assumem uma especial importância. O processo de construção da identidade torna-se ainda mais complexo num contexto transcultural (Bouche-Florin, Skandrani & Moro, 2007), na medida em que o seu desenvolvimento será baseado em dois sistemas culturais distintos: a cultura familiar (padrão cultural interno) e a cultura do país de origem (padrão cultural exterior). É nesta altura que o processo de negociação da identidade sofre múltiplos avanços e recuos e o sujeito é confrontado com a necessidade de mobilizar recursos psicológicos para lidar com as dicotomias que deixam em suspenso os elementos psíquicos que, por sua vez, dão sentido de continuidade ao referencial identitário.

O desenvolvimento da identidade do adolescente filho de pais migrantes é visto como uma “continuação de um caminho iniciado pelos pais mesmo antes deste nascer. As primeiras páginas da narrativa da (sua) construção de identidade são introduzidas pela história migratória dos próprios pais” (Bouche-Florin et al, 2007). Os jovens, por um lado não rejeitam por completo a cultura dos seus pais, mas por outro sentem-se mais integrados na cultura portuguesa do que os seus pais. Isto cria uma relação ambígua entre o que são e o que querem ser (Gusmão, 2004).

Segundo Machado (1994), podemos então dizer que os filhos de imigrantes apresentam um nível de contrastes culturais com a população portuguesa menor do que o dos seus pais. Estes jovens estarão culturalmente mais próximos da cultura portuguesa do que do seu grupo familiar, ao mesmo tempo que, em situação de regresso ao país de origem dos seus pais, sentiriam um contraste cultural perante a sociedade de origem.

Neste sentido, pode-se dizer que o adolescente se desenvolve com base na chamada “identidade híbrida” que combina o encontro de culturas diversificadas, transpondo os espaços entre estas e construindo múltiplas identificações (Hall, 2006). Esta identidade híbrida, de dupla referência cultural, tem mantido estes jovens na margem da etnicidade e na confusão identitária. O impacto do contexto de aculturação é de tal forma que, perante a (im)possibilidade de fazer convergir o mundo interno e o mundo externo, então, o adolescente fica “suspenso entre dois mundos” (Nathan, 1986). Conforme propõe Moro (2003) o adolescente fica aprisionado nas heranças culturais dos pais, - “suspenso no discurso, na capacidade de elaboração e de simbolização, no seu próprio modo de ser ou de *vir-a-ser*” - e ainda, na referência ao (não-)lugar (Moro, 2003).

3. Transmissão Psíquica e (A)Filiação

No seguimento do que foi nomeado, podemos agora falar sobre a importância dos processos psíquicos inerentes à construção intersubjetiva da identidade do jovem filho de um casal migrante. Em primeiro lugar, é importante explicitar o que acontece ao nível do transgeracional, isto é, o sujeito desenvolve a sua identidade e mecanismos psíquicos com base no que é (in)conscientemente transmitido de uma geração para a outra e daí a importância da dinâmica intersubjetiva entre pais e filhos, sem esquecer o contexto transcultural em que ocorre. Em segundo lugar, também importa referir que os laços de filiação e afiliação são construídos de cariz afetivo e social que constituem um alicerce para o processo de construção da identidade pressupondo a importância do sentimento de pertença a um sistema social e cultural.

Kaes (1993, 2000) salienta que a transmissão de uma geração para outra implica a partilha de espaços psíquicos intra e intersubjetivos e a forma como o sujeito lida com a herança, sendo ele um agente ativo nesta dinâmica que o leva a transformar e a (re)produzir aquilo que foi transmitido. Conforme explica Kaes (2003), a transmissão pode ocorrer de duas formas divergentes que serão elaboradas pelo sujeito “recetor”: por um lado, o transmitido pode constituir uma base segura desencadeadora de bons sentimentos (de pertença) e também um vínculo emocional seguro através da identificação que permita sustentar os investimentos narcísicos. Por outro lado, o transmitido pode estar contaminado pelo conflito e pelo que não é contido da geração precedente que irá ser reverberado na elaboração de conteúdos psíquicos tóxicos, causando dificuldades ao nível da construção identitária do mais novo. Assim, o sujeito

tem como tarefa principal, tal como a família e o casal, construir, organizar e transformar as heranças, elaborando-as.

Correa (2000, citado por Gomes & Henriques, 2005) fala da transmissão psíquica transgeracional como sendo a passagem de conteúdos psíquicos da herança parental que não foram contidos nem elaborados. A falta de capacidade simbólica e a toxicidade destes conteúdos revertem-se numa transmissão inconsciente que irá levar à introjeção dissociada dos objetos e à consequente identificação ao mau objeto. Quando existe um contexto familiar e social em torno da migração, refletir sobre a transmissão psíquica significa então pensar no “vir a ser do sujeito”, atendendo às características específicas do *lugar* em que se encontra. Como já vimos, experiência migratória é um processo de adaptação que requer a elaboração psíquica do que ficou para trás e a interiorização dos novos hábitos e valores culturais. Esta experiência pode ser traumática e, é neste contexto, que a transmissão psíquica da herança cultural se torna relevante.

Segundo Rosa (2001), quando estamos perante o contexto migratório em que os pais enfrentaram situações de sofrimento no passado e, por isso, preferem não falar sobre isso na tentativa de (re)construir um futuro esquecendo do passado. Este sofrimento é encoberto para proteger os filhos da angústia que estes acontecimentos possam gerar, no entanto, segundo a autora, a transmissão dos conteúdos não elaborados acontece na mesma, apesar de não ser falada é transmitida no campo da intersubjetividade psíquica em forma de *não-dito*. Kaes (2001) reforça esta ideia quando diz que “não é só a partir do que falha e falta que a transmissão se organiza, mas também a partir do que não se tornou evidente, da ausência de sentido e de representação simbólica, ou do que [...] está a emergir sem estar inscrito”.

A transmissão psíquica transgeracional ocorre ao serviço da intersubjetividade e da dinâmica inconsciente, sendo que este pode constituir um processo arriscado no sentido de representar um conflito que anteriormente não foi resolvido e está a ser depositado na nova geração. A adolescência é um período de constantes mudanças e transformações importantes que irão contribuir para a constituição do psiquismo, é por isso que o processo de transmissão psíquica tem uma grande influência, vai ditar alguns dos conteúdos que serão assimilados.

Claude Nachin (1993, citado por Pastori, 2006) baseia-se na concepção de Fantasma, desenvolvida por N. Abraham e M. Torok, para se referir ao segredo e ao silenciado que está encristado na psique do sujeito migrante e que, posteriormente, será transmitido aos seus

descendentes. O descendente irá herdar esse segredo que irá interferir no processo de construção da identidade.

Segundo Moro (2014), a experiência migratória acentua a expressão da “*transparência psíquica*” dos pais quando se fala de herança cultural e dos processos psíquicos subjacentes, isto é, ao nível da psique surge a emergência do conflito passado que não foi resolvido e a expressão de sentimentos dolorosos ligados à perda de referenciais identitários e culturais. Já ao nível da cultura, o padrão cultural de eleição dos pais por norma é o do país de origem que colide com o padrão cultural externo e, quando transmitido, tem um impacto angustiante.

Estes pais ao se focarem no padrão cultural do país de origem e ao incutirem esses valores aos filhos querem garantir a continuidade de existência e continuar a preservar um lugar lá. No entanto, não podemos esquecer que, como refere o autor, a chama “segunda geração” já nasceu cá e cresceu no contexto da sociedade portuguesa, e não no das sociedades de origem dos seus pais, que muitos deles nem conhecem. Apesar disto, “não quer dizer que a cultura do país de origem dos pais não seja uma referência positiva e até mitificada. Contudo, não é uma experiência vivida” (Machado, 1994). Apesar de não ser uma experiência vivida, a transmissão da cultura é de tal maneira intensa que pode levar à confusão identitária do adolescente.

Os conceitos de filiação e afiliação, estão intimamente ligados à necessidade de pertença e reconhecimento dos sujeitos, e que contribuem para a construção da identidade. Segundo Mohamed (2001), o processo de construção identitária impõe que se realizem operações complexas e novos (re)ajustes, estas tornam-se dificultadas, quando se trata, especialmente, de jovens que o têm de fazer a partir da interiorização de códigos culturais diferentes, existindo um grande risco destes não serem bem sucedidos no processo de negociação identitária, fazendo emergir “crises identitárias” com várias consequências

4. Metodologia

4.1. Tipo de Estudo

Dada a complexidade do objetivo da investigação e o carácter ainda relativamente inexplorado do seu objeto, privilegiou-se uma abordagem qualitativa de cariz exploratório, com base nos participantes de segunda geração e filhos de casais migrantes. Segundo Hollway (2001), a pesquisa qualitativa permite ultrapassar as limitações dos questionários que restringem as respostas dos participantes e não permitem aceder ao significado real da experiência no contexto.

Com efeito, o método de pesquisa utilizado para o presente estudo é o Estudo de Caso, frequentemente utilizado como modalidade de pesquisa qualitativa nas Ciências Humanas e Sociais e que contribui para a compreensão de fenómenos psicológicos (conscientes e inconscientes) individuais, sendo cada vez mais utilizado como método de pesquisa em Psicologia Clínica porque preserva as características holísticas e significativas dos acontecimentos da vida real (Yin, 2015).

Trata-se de um estudo de caso assente nas conceções psicanalíticas que avalia a dinâmica intersubjetiva inconsciente do sujeito que, por sua vez, convoca a dimensão conflitual da experiência (Hollway, 2009). O estudo de caso permite ainda aceder à experiência subjetiva do sujeito e compreender as suas dimensões, onde as hipóteses estão subordinadas à compreensão do caso. Segundo Yin (2015), o estudo de caso representa uma investigação empírica e compreende um método abrangente, com a lógica do planeamento, da recolha e da análise de dados. A utilização do estudo de caso como metodologia permite enfatizar a variedade de dimensões de um problema, focalizando-o como um todo e também, uma compreensão e análise em profundidade e de forma detalhada dos dados, preservando o significado dos acontecimentos da vida real. Desta forma, o investigador exerce pouco, ou quase nenhum, controlo sobre os acontecimentos no decorrer da pesquisa, procurando não intervir.

De acordo com Yin (2015), a recolha de dados para os estudos de caso pode-se basear em diferentes fontes de evidências. O uso dessas mesmas fontes requer o conhecimento da técnica e de procedimentos metodológicos diferentes. Na presente investigação, a fonte de informação para o estudo de caso foi a entrevista que consiste na narrativa do próprio sujeito em associação livre. Na realização da entrevista, utilizou-se a abordagem do Método das Narrativas de Associação Livre (FANI – Free Association Narrative Interview), desenvolvido por Hollway e

Jefferson (2000; 2008). Trata-se de um método em que o objeto de estudo são as vivências subjetivas do sujeito, sendo que a responsabilidade do entrevistador é ser um bom ouvinte e o entrevistado constrói a sua narrativa de acordo com as vivências, não se limitando a responder a questões do entrevistador.

4.2. Método

O método utilizado para a recolha de dados foi a Entrevista. Inscrita na concepção psicanalítica, é um tipo de entrevista não-estruturada que incita o sujeito a construir a sua própria narrativa de acordo com a sua vivência subjetiva.

Com o objetivo de não afastar as narrativas da experiência e vivência subjetiva do sujeito, existem quatro princípios básicos que os autores sugerem para a condução da entrevista de maneira a que o discurso do sujeito não seja influenciado pelo entrevistador e que flua através da associação livre de ideias, são eles: (1) a utilização de questões abertas; (2) elicitación de histórias; (3) evitar as questões “porquê”, e (4) acompanhar a narrativa, procurando ecoar a ordem e terminologia do discurso do sujeito (Scutze, 1992, cit. por Hollway & Jefferson, 2000).

Uma das principais preocupações é a dinâmica inconsciente na entrevista, tanto do entrevistado como do entrevistador, e, por isso, é preciso ter em conta que se produzem defesas contra a ansiedade. Defesas essas que, por parte do entrevistador, são o resultado de uma combinação entre a falta de experiência relativamente à situação (primeira vez) e o desenvolvimento de inquietações sobre o sucesso da entrevista devido a um conjunto de expectativas previamente formadas. As defesas inconscientes contra a ansiedade também vão afetar a forma como o entrevistado irá narrar as suas vivências subjetivas, pois o sujeito irá aceder (ou não) ao conflito inconsciente e irá recordar conteúdos emocionalmente carregados. Assim, no método FANI é possível e crucial tomar especial atenção à intersubjetividade existente na relação e ao facto de ambos estarem sob forças inconscientes e conflituosas (Hollway & Jefferson, 2000).

4.3. Participantes

Os participantes deste estudo pertencem a uma população não-clínica e qualquer pessoa poderia participar na investigação, com a condição de serem filhos de casais migrantes.

O primeiro participante foi o Abel, um jovem de 19 anos que nasceu em Portugal. É filho de um casal de origem são-tomense que reside em Portugal há mais de 20 anos e o motivo da sua vinda foi a procura de uma melhor qualidade de vida para os filhos.

A segunda participante foi a Luana, uma jovem de 16 anos com nacionalidade portuguesa. Filha de uma mulher que nasceu em Cabo-verde e que aos 3 anos migra com a família para São Tomé com o estatuto de “contratados”, para trabalharem nas roças; e de um homem que nasceu em São Tomé, filho de cabo-verdianos que também migrou no estatuto de “contratados”. Mais tarde migraram para Portugal, o seu pai veio para fazer tratamentos médicos e 3 anos depois veio a sua mulher, entretanto já residem em Portugal há 20 anos.

4.4. Procedimento de Recolha dos Dados

Depois de realizadas entrevistas a casais migrantes de origem africana que passaram pela experiência migratória, a colega do seminário de dissertação, cedeu-me o contacto de alguns dos filhos desses mesmos casais que estariam interessados em colaborar para uma entrevista. Após esse primeiro contacto e confirmado o interesse dos participantes em colaborar, marcou-se uma data e hora que fosse conveniente a ambos para realizar a entrevista.

Ambas as entrevistas foram realizadas em casa dos participantes. A primeira entrevista foi em casa do Abel num ambiente calmo e silencioso em Santo António da Charneca, que fica no Barreiro. Já a segunda entrevista, também foi realizada em casa da Luana numa divisão em que estávamos só as duas, mas havia algum ruído por parte da família que também frequentava a casa. Esta realizou-se no Casal de São Brás que fica na Amadora.

Antes do início da entrevista, expliquei o objetivo da sua participação na investigação e que os dados obtidos seriam apenas para fins académicos, mantendo o anonimato dos mesmos. Depois de pedida autorização para gravação áudio da entrevista deu-se então início à entrevista.

Em associação livre de ideias, expliquei ao participante que poderia dizer o que lhe viesse à cabeça sobre qualquer assunto, partindo da questão previamente formulada: *“Como achas que é ser casal em São Tomé (ou no seu país de origem) e cá em Portugal?”*.

4.5. Procedimento de Análise dos Dados

Os dados recolhidos nas entrevistas passaram por um procedimento de análise que recorre à metodologia qualitativa, que incluiu várias fases: numa primeira fase a transcrição integral das entrevistas, depois a sua leitura geral e, seguidamente, a leitura aprofundada dos dados obtidos.

Num primeiro momento, depois de transcrita a entrevista, com recurso ao grupo de investigação, entre os quais a entrevistadora, a orientadora de dissertação e cinco estudantes pertencentes ao seminário de dissertação, foram lidas as entrevistas e houve um momento de reflexão e discussão em grupo sobre as mesmas. Como já referido, as entrevistas foram feitas com base no método de FANI, o que possibilitou o acesso a dimensões psíquicas subjetivas do sujeito e aos mecanismos defensivos que estão latentes no seu discurso. As narrativas foram sempre pensadas e analisadas com base na teoria psicanalítica que centra a atenção na emergência do conflito e nas incoerências discursivas do sujeito (Hollway, 2009).

No trabalho de Melanie Klein, a sua proposição fundamental é que as defesas mais primitivas contra a ansiedade são intersubjetivas, ou seja, elas entram em jogo nas relações entre as pessoas. Os processos inconscientes de projeção e introjeção (incorporação) de objetos mentais resultam na divisão, na separação do bem e do mal. Defesas estas que são mobilizadas a um nível amplamente inconsciente. A ideia de um inconsciente dinâmico que defende contra a ansiedade é vista como uma influência significativa nas ações das pessoas, nas vidas e nas relações. É por isso que temos de analisar os dados recolhidos, olhando para o discurso manifesto e interpretar o que está latente no discurso que advém da experiência e da vivência subjetiva, que, por sua vez, no decorrer da narrativa também estão ativas as defesas contra a ansiedade ou contra o conflito.

Num segundo momento, foi feita uma reflexão individual mais aprofundada e específica de acordo com as temáticas emergentes das narrativas. Surgiram temas comuns em ambas as entrevistas como: 1) Identidade (representação do cá e do lá); 2) Representação do casal; 3) Sentimento de pertença.

5. Apresentação e Análise dos Dados

5.1. Análise dos Dados

5.1.1. Análise do discurso do Abel

Depois de introduzida a questão inicial, que consiste em perguntar como acha que é ser casal em São Tomé e cá em Portugal, Abel começa por dizer que ser casal “*é mais fácil lá do que aqui.*” Explica que é mais fácil lá porque “*as pessoas são originárias de lá*”, entendendo-se desde cedo que o lugar de origem é condição ou um meio facilitador para a vivência enquanto casal. Continua e faz referência temporal ao passado de quando “*os meus pais viviam em barracas e isso mas o meu pai trabalhou muito para estar cá. Ya e no início foi tudo muito complicado, nós não conseguimos ter uma casa assim...*”. Revela assim dificuldades de adaptação a nível da habitação, passando ele próprio por esse processo. Volta novamente à ideia inicial, reforçando a mesma: “*(...) mas eu penso que lá, ser casal em São Tomé é muito mais fácil do que cá*”.

Quanto ao “nível de adaptação”, refere que é um “choque cultural”, pois os seus pais “demoraram muito a habituar-se” e o “clima” foi algo que os afetou no início (“*(...) como lá em São Tomé é um clima tropical, raramente está esse calor tão abafante como é cá em Portugal e penso que isso afetou-os muito no início*”). O motivo de saída do país de origem foi “dar melhor qualidade de vida aos filhos”, porque “o nível de educação em São Tomé, hoje em dia já é muito melhor, tem protocolos com países asiáticos mas na altura não era muito bom”. À procura de “um melhor acesso à educação”, foi essa a principal razão para os seus pais migrarem. Num outro plano, Abel acrescenta que “a maioria das pessoas estuda muito para conseguir dar uma qualidade de vida melhor aos nossos pais quando eles forem mais velhos”, invertendo os papéis e projetando-se no futuro. Sente-se na obrigação de retribuir todo o sacrifício feito pelos pais, na medida em que presenciou o sofrimento pelo qual os pais vivem de ter que sair do seu país de origem. Acrescenta, fazendo referência à língua, na medida em que “a língua nunca foi um problema”, apenas para a mãe que falava “dialeto” e “não costumava falar muito português”. Abel reconhece as suas raízes (São Tomé) mas revela dificuldades e desconforto relativamente à comunicação por não saber falar o dialeto (“*(...) eu estando lá e tendo raízes são tomenses eu não estava muito confortável em relação à comunicação (...)*”), pois os “superiores” é que falam português (“*(...) quem fala português lá tipo é as classes mais altas, o presidente, os advogados, os médicos, é a classe mais elevada do país que fala português (...)*”).

Quando questiono se o motivo pelo qual as pessoas vêm para cá é a procura de uma melhor qualidade de vida, Abel responde prontamente que sim, mas acha que *“as pessoas em África sabem saborear melhor a vida, eu penso que a população lá é mais feliz com o pouco que têm do que cá (...)”*. Justifica o que parece ter vivido com alguma intensidade emocional e sensorial, afirmando: *“tive outro tipo de sensações, tive muito livre, é um clima, é um país muito mais tranquilo, menos azáfama”*, pois *“(...) eu pessoalmente que estudo em Lisboa parece que passa tudo ao lado, é uma vida muito agitada, por mais que a pessoa tente ser calma a agitação acaba por se apoderar da pessoa (...), é tudo uma azáfama”*. Vai relatando a sua impressão sobre os dois lugares simultaneamente, sublinhando que cá é uma *“azáfama”* e lá *“a vida é muito mais tranquila, tudo tem os seus prós e contras”*. Sempre dividido entre o cá e o lá, conta as vantagens e desvantagens das duas realidades sem transição entre as mesmas. Abel conta que quando foi *“conhecer as raízes”* em São Tomé ficou *“muito surpreendido”* porque *“pensava que seria um choque maior”* e, por isso, estava muito *“reticente”*, mas sublinha que *“é uma realidade completamente diferente”*. Parece não estar ainda constituído (entre o cá e o lá), pois possui as duas referências, não desvalorizando nem cá nem lá.

Visitou São Tomé em 2015 com a sua mãe e irmão. Conta que tem uma família grande e quando esteve lá falou com dois tios que estudaram em Cuba que lhe explicaram que *“viver em São Tomé e tentar fazer algo diferente para que o país cresça é isso que faz a diferença (...), deviam ficar lá pa tentar marcar a diferença”*. Abel acrescenta: *“infelizmente isso não é possível a toda a gente, assim como não foi possível aos seus pais. (...) aqui por acaso não tem uma comunidade São-Tomense tão grande mas onde eu vivia antes havia muita gente que saiu de São Tomé.”* Quando pergunto onde vivia, responde que se esqueceu (*“Eiii, esqueci-me..., (...) esqueci o nome completamente, (...) me esqueci mas havia lá uma comunidade de São Tomé”*), sendo este um lapso relativamente a uma lembrança de um lugar que aparentemente terá sido marcante.

O seu discurso fica afeto ao sentimento de culpa sobre a vinda dos pais, pois retoma a ideia de que se fosse *“um casal com menos filhos”* seria mais fácil ser casal lá, devido às condições financeiras e económicas. Isto é, se ele não tivesse nascido, os seus pais não teriam de emigrar – *“eu tenho plena noção que se nós fossemos os 5 viver pra São Tomé viver com os meus pais, talvez o meu pai ia ter mais dificuldade para arranjar a mesma quantia de dinheiro para nos sustentar lá do que cá (...)”*. O pai aparece como sendo a figura patriarcal que trabalha para sustentar a família, assumindo os atributos masculinos patriarcais de poder.

Ao falar de cá, revela que conseguiram superar todas as dificuldades que encontraram pelo caminho, visto que ter nascido neste “panorama” fez com que valorizasse muito o “esforço, a dedicação”, não querendo desapontar os pais tenta “sempre tirar boas notas na escola”. No seu discurso parece construir um caminho de acordo com o que os pais incutiram: “(...) *só posso compensar com a confiança que eles depositam em mim e tentar ser o melhor aluno possível e a melhor pessoa possível (...)*”, mostrando assim algum tipo de tensão para atingir a “perfeição” como forma de compensar os pais. Mais uma vez o seu discurso remete para a sua representação parental - “(...) *o que eu posso dizer, por experiência própria, o que eu vejo à volta nas famílias africanas é sempre tipo a figura paternal que se esforça mais, eu praticamente fui educado pela minha mãe e pelo meu irmão mais velho, o meu pai raramente estava em casa porque tinha de trabalhar, trabalhar, trabalhar para nos sustentar (...), por isso é que eu valorizo muito mais o meu pai porque só ele sabe o quanto é que ele teve de se esforçar para nós estarmos estáveis hoje em dia (...)*” – fazendo referência às famílias africanas em que a figura paterna aparece como sendo distante, pouco afetuosa e trabalhador e a figura materna é aquela que cuida, educa, assim como é também a sua família. Abel, mais uma vez, idolatra o pai num discurso oscilante em que evidencia a ausência do pai, mas que, ao mesmo tempo, tem uma grande admiração pelo mesmo por todo o esforço que fez pela família – “(...) *talvez a nossa relação (...) com o meu pai nunca foi muito afetuosa mas pelo que ele fez eu acho que sim, ele foi o herói da família por tudo o que ele fez, (...) raramente o via, tavamos mais juntos nas coisas especiais, no natal, nenhum aniversário dele celebramos praticamente*”.

Conforme diz, apesar de já estar “habituação a Portugal”, gostaria de “retornar” a São Tomé quando for mais velho para constituir família. Embora tenha nascido e vivido sempre cá mantém fortes ligações e demonstra uma constante vontade de permanecer lá.

Quando questionado sobre se gostaria de voltar a São Tomé, Abel responde - “*sim gostaria, se eu tivesse boas condições de trabalho (...)*”, - contudo, mais uma vez, num movimento entre o cá e o lá, entre o bom e o mau, os prós e contras - “*para passar férias claro que pra mim é muito bom, agora viver é uma realidade completamente diferente, eu não sei como vai estar o país daqui a 10/15 anos mas se o país crescesse sustentavelmente claro que queria voltar lá*”. Abel continua a sua explicação, fazendo referência às coisas boas que Portugal lhe dá - “*hoje em dia estou muito feliz em Portugal, dá-me tudo, praticamente tudo, tudo, tudo... às vezes, há situações cá que às vezes sinto-me estrangeiro... eu sinto um pouco esse preconceito... eu habituo-me mas não é uma coisa que fique contente...*” – mas, ao mesmo tempo, demonstra

um certo descontentamento e um sentimento de não pertença ao seu país de origem, pois como ele refere sente-se *estrangeiro* no país onde nasceu.

Quando Abel remete para a (sua) experiência familiar, condensa essa mesma experiência - “*As pessoas cá em Portugal têm a sua família e eu acho que a conexão que têm dentro da sua família é um pouco mais afastada (...), a nível de família as pessoas estão mais distanciadas... em São Tomé é muito difícil isso acontecer, as pessoas são muito acolhedoras, são muito próximas... as pessoas com o pouco que têm são muito felizes. Eu acho que cá em Portugal... duvido muito que a maioria das pessoas sejam muito felizes*”. Aparecem como um conjunto de experiências confusas e condensadas, ou seja, segundo Abel, Portugal dá-lhe tudo mas não consegue ter uma família próxima porque o pai está sempre fora para trabalhar e em São Tomé consegue ter a família mais próxima mas não pode ter tudo o que tem cá. Quando fala das famílias distantes, parece estar a falar da sua também. Há um misto de condições que são evocadas conforme as experiências vividas e transmitidas e que variam consoante o(s) lugar(es).

O seu discurso está muito inscrito na missão paterna mas não está numa lógica conformista – “*(...) eu acho que em Portugal dá-me todas as condições para eu constituir família e basicamente é isso que o meu pai pensa (...), o que eu acho é: eu posso constituir família cá mas um dia viver em São Tomé com a minha família, isso pode nunca vir a acontecer (...), mas se calhar é algo que eu queria adquirir na minha vida (...)*” – parece estar inscrito num discurso familiar, são os pais que querem e pensam de uma forma e quando aparece o seu desejo colide. Torna-se denso e confuso quando remete para o peso da herança parental, principalmente do paterno. A este discurso acresce um lapso relativamente ao (não) lugar onde nasceu: “*(...) ser bem sucedido na minha terra natal, tentar fazer crescer o país, fazer a diferença (...), há muitas pessoas da etnia africana, prontos, da minha raça, dos pretos, que marcaram a diferença e eu gostava de ser uma pessoa tal como eles para tentar orientar as pessoas na vida*”, Abel está-se a reportar a São Tomé que considera a sua terra natal, no entanto, efetivamente a sua terra natal é Portugal. Procura constantemente um lugar, *cá* ou *lá*, que lhe confira algum sentido e orientação, procurando fazer coisas *cá* e *lá*, se possível.

A ideia que Abel tem sobre ser casal *cá* e *lá* é que “não tem nada a ver”, pois *lá* os casais “são muito mais felizes” e têm “menos motivos para desconfiar um do outro”, e, por esse motivo, “é muito mais fácil um casal divorciar-se “*cá*” do que “*lá*”, também porque Portugal tem muitas “tentações...”.

Dá-se conta que Abel quando está a falar dos outros, nomeadamente dos portugueses, também está a falar de si mesmo e do que acontece à sua volta – *“eu falo por experiência própria e pelo que eu vejo, tanto o homem como a mulher desconfiam muito um do outro e eu acho que sinceramente em São Tomé (...) o país é pequeno (...) e cresceram os dois no mesmo meio e conhecem-se muito melhor um ao outro, é muito mais difícil pra eles gerarem aquelas desconfianças (...)”*, - e acaba por não fazer distinção nem transição entre o que é de “cá” e o que é de “lá”.

Mais à frente, num movimento projetivo - *“Por exemplo, o meu pai e a minha mãe (...), conhecem-se um ao outro (...), tem mais proximidade e confiança. Se calhar do jeito que o meu pai vive, ele nunca está em casa, está sempre a trabalhar, eu acredito que os portugueses (...) também estejam na mesma situação, se calhar a mulher pode ter mais desconfiança sobre aquilo que o marido possa estar a fazer, pode não estar a trabalhar, do que por exemplo neste caso a minha mãe. Porque o meu pai está sempre a trabalhar, viaja muito por aí”* – pois na verdade, os “portugueses” estão na mesma situação que os seus pais, ou os pais é que estarão na mesma situação que os portugueses. A constante ausência do pai, às tantas parece causar-lhe algumas incertezas e estranhamentos, pois as outras pessoas estão na mesma situação, em que o homem pode estar muito tempo fora, mas no discurso manifesto precisa constantemente de reforçar a ideia de que a ausência do seu pai é por estar a trabalhar e os outros não sabe, poderá ser por outras razões. Desta (re)afirmação surge a incerteza.

Posto isto, serão as suas angústias e incertezas a falar mais alto e, ao mesmo tempo, insinua que os portugueses são efetivamente mais desconfiados: *“(...) mas a percentagem de desconfiança tende muito mais para os casais cá em Portugal, claramente.”*. Reforça ainda esta ideia em tom irónico: *“(...) isso talvez tenha a ver com o ADN do português, não sei (risos) (...)”*.

Abel não tende a falar muito em sentimentos e/ou a expressar emoções, pois quando questiono se os seus pais são um exemplo para ele como casal, Abel faz referência ao *“caminho correto”* que os irmãos seguiram e que *“para um pai (...), isso é um sucesso”*, aliás até *“foram 5 casos de sucesso”*. Não sabe o que o futuro lhes reserva e se continuarão no “bom caminho” ou não, mas acha que acataram o que os pais transmitiram – *“saiu por um ouvido e ficou cá dentro”*. Por seguirem as lógicas e os *“caminhos”* indicados pelos pais encontraram de alguma maneira o sucesso, no entanto parece que fica em falta algo mais profundo, pois interiorizaram os conteúdos psíquicos transmitidos, mas de uma maneira superficial, visto serem igualmente superficiais e rígidos. Entre o *bom* e o *mau* caminho, de nada tem a certeza, mas de uma coisa

ele sabe: *“quando eu for pai eu vou querer passar mais tempo com os meus filhos, acompanhar muito a sua infância, a sua adolescência que talvez seja a época mais difícil (...)”*. Anuncia então a falta de acompanhamento por parte do pai, daquele que vê como sendo um *herói*, principalmente nesta fase mais crítica do seu desenvolvimento que é uma fase repleta de mudanças e feita de escolhas.

No entanto, os pais não deixam de ser o seu *ídolo*, mas *“principalmente a mãe (...) porque eu passo muito mais tempo com a minha mãe, tenho mais confiança com ela, eu acho que isso é normal...”*. Na relação com as imagens parentais, a tendência é para a identificação com o materno.

Por sentir a falta do apoio paterno, - *“(...) não quero correr o risco de os meus filhos não terem um pai presente e a minha mulher não ter um marido presente, eu acho um pouco injusto, sei lá, os africanos têm muito essa visão e eu acho que é um pouco errada”*, - reivindica um (re)ajuste na distribuição e ocupação de papéis – *“eu acho que hoje em dia o homem moderno tem que fazer as tarefas de casa para aliviar a mãe, tem que educar os filhos, sei lá, essas coisas que as mães fazem, (...) eu acho que o lugar da mulher não é na cozinha. O lugar da mulher é ao lado do marido, (...) é uma divisão de tarefas”*.

5.1.2. Análise do discurso da Luana

Depois de colocada a questão introdutória, a Luana inicia a sua narrativa invocando o papel da mulher e do homem relativamente às tarefas domésticas, sendo que, para ela, - *“(...) os homens são um bocadinho mais machistas (...)”* e *“(...) estão mais habituados a que as mulheres façam as coisas e eles vêm do trabalho e pronto já têm tudo feito (...)”*, tomando como exemplo o tio da sua prima que veio há pouco tempo para Portugal e ainda espera que *“(...) a mulher tire o prato da mesa (...)”*. Ainda na sua explicação do que é ser casal cá e lá, a Luana invoca uma outra questão relativamente ao casamento, em que na sua opinião, *“(...) a realidade africana e europeia é um bocadinho distinta (...)”* e, por isso, *“(...) a relação não é tão amigável, parece mais... epá ok vamos casar porque pronto eu gostei de ti e às vezes até sabes trabalhar, às duas por três vais-me dar um filho e pronto (...)”*. A seu ver, parece haver bastantes diferenças em ser casal cá ou lá, em que lá a união dá-se apenas por interesses.

Já em relação aos seus pais enquanto casal, a Luana acha que as coisas são diferentes – *“(...) já há um clima de entreajuda, o meu pai às vezes cozinha, também lava a loiça (...), há tarefas*

que são divididas e não é tão só a mulher e o clima óbvio que fica mais amigável (...)". Entre realidades distintas, a *africana* e *européia*, entre a partilha e troca de papéis entre o homem e a mulher na realização das tarefas domésticas, torna-se confusa a sua ideia de casal.

Luana continua dizendo que a migração pode causar algum tipo de *"atrito"* na relação e refere a razão pela qual os seus pais vieram para cá: *"(...) o meu pai veio primeiro (...) para fazer tratamentos médicos (...)"* e depois é que *"veio a minha mãe e o meu irmão mais velho que na altura tinha 3 anos"* e que, segundo Luana, *"(...) tecnicamente é mais português do que são tomense"*. Torna-se curioso, mas desconhecido o significado desta expressão dita por ela referente à nacionalidade do irmão, parece querer salientar algo. Acrescenta ainda que não sabe muito bem como é que as coisas funcionam porque, além de *"não conviver muito com pessoas que tivessem mudado de país"*, conhece mais *"(...) filhos que têm os pais separados ou então pronto nunca foram casados mesmo (...)"*, o que torna *"(...) diferente a relação que eu tenho com os meus colegas (...)"*. Ter os pais juntos ou separados parece ser condição para o modo de relacionamento com os colegas.

Em relação à cultura de lá, diz saber muito pouco mas o que sabe é através da sua avó (cabo-verdiana) sobre a qual tem uma opinião relativamente à relação conjugal que teve com o seu avô. Conta que ficou surpreendida quando lhe disseram que o seu avô tinha 44 anos quando casou com a sua avó que tinha 22 e para ela, *"(...) aquilo nem parecia ter amor na relação (...)"*, parecia mais um *"contrato"*. Na tentativa de encontrar uma explicação para aquela relação, mas com alguma estranheza em relação a este assunto, reflete e reformula a questão dizendo: *"(...) a minha avó perdeu os pais muito cedo e se calhar precisava de alguém que ficasse com ela para o resto da vida (...), nunca percebi muito bem o porquê deles terem casado assim (...), ou então porque gostava realmente dele, foi assim um bocadinho estranho, não percebo mesmo, é estranho (...)"*. Na sequência disto, por associação livre de ideias, relembra o que absorveu sobre como era ser casal e introduz a temática da proximidade, - *"a minha mãe às vezes dizia que antigamente os casais mal se beijavam, mal se relacionavam como um casal, (...) a minha avó tratava o meu avô por você (...), antigamente os casais tratavam-se por você porque não é aquela ligação (...) muito próxima"*, - e com isto fica perplexa e confusa, pois *"se eu tiver um namorado não o vou tratar por você mas é estranho (...)"*, encerrando logo este assunto: *"(...) não tenho muito a dizer sobre essa questão porque não sei muito bem..."*. A temática da proximidade pode ser um organizador para tentar compreender este processo. No entanto, vai buscar coisas concretas, por exemplo tratar por você é estranho, a história de mal se tocarem também não é compreendida. Afinal, qual é o lugar que Luana interroga? Será o do

afeto? Torna-se confuso devido à outra questão que ela interroga que é: Então eles casam para quê? Para perpetuar o amor ou porque celebram um contrato? Não sabe, fica confusa.

Luana aborda este tema (do casamento) de uma forma superficial e parecem surgir algumas perplexidades relativamente ao mesmo, sendo que, o que a confunde é saber o que realmente significa o casamento e o que é um casal verdadeiramente. Na sequência, as suas perplexidades oscilam: Dá-se o casamento porque *“até sabes trabalhar e vais-me dar um filho...”*? ; Outra questão é o facto de partilharem as atividades (domésticas) que torna o casamento mais *amigável* (ou não), havendo a categoria dos casados e dos não casados. Admirada com a diferença de idades dos seus avós, não entende porque é que um homem de 44 anos e uma mulher de 22 se casam. Será um *contrato*? Ou haveria mesmo *amor na relação*? Ela não sabe bem, mas parece que o amor é uma variável que surge pela primeira vez e ela não sabe o que fazer com isso, aumentando a sua inquietação.

Luana começa a falar dos seus pais e refere que são um exemplo para si em tudo, espontaneamente interrompe este raciocínio e volta à questão do casamento – *“(...) quando era pequena achava muito giro o casamento e não sei quê mas claro que à medida que fui crescendo a realidade vem à tona”*. Quando a dita realidade “veio à tona” ela percebeu que era outra coisa e parece que ao longo do seu crescimento foi obtendo outras perspetivas acerca do casamento.

Ainda neste sentido, continua a falar dos pais e acrescenta que *“educaram 3 filhos de uma forma muito parecida”* e que sempre a educaram *“com a religião”*. Na sua perspetiva, *“a relação dum casal transparece na educação dos filhos”* e, por isso, *“eu e os meus irmãos não somos propriamente mal educados”*. Explica ainda que a confiança é a base da relação e tem sido o motivo pelo qual se mantêm juntos – *“(...) estão casados à 20, vão fazer 27 anos este ano e é bom porque já lá vão alguns anos né e têm confiança um no outro e é um exemplo para qualquer casal de século XXI 2017 porque agora eu vejo muita gente na televisão que, por exemplo, 5 meses depois ou nem tanto e divorciam-se”* - voltando à temática que a inquieta, dos casais juntos ou separados.

Continua: *“(...) não estou habituada a essa realidade, tou habituada aos pais que estão há muito tempo e às vezes até é um bocadinho mau quando falo dos meus pais (...)”*. Luana não sabe muito bem o que significa, mas encontra constância a longo curso neste tipo de relações características de lá. Os seus pais estão cá, mas mantém esse “princípio”, tendo em conta que “cá” as relações são precárias e pouco duradouras, portanto ela introduz esta variável. Esta

lógica permite-nos levantar a seguinte questão, que até será uma das suas interrogações: *se lá os casais ficam juntos e cá acabam por ficar separados, o que estão os seus pais a fazer juntos?*

Parece diferenciar-se dos seus colegas por ter os pais juntos e os outros os pais separados: *“(…) é um bocadinho estranho, não tenho muita gente assim a conhecer os dois pais ou então a lidar com o pai ou então com a mãe, uns vivem com os avós, outros são educados pelos tios, então é estranho (…) conviver numa escola em que maioria dos pais não estão juntos ou então os filhos não conhecem os pais, é estranho”*.

Quando pergunto se costuma falar com os seus pais sobre como é ser casal, Luana responde que sim, que fala muito com a sua mãe (e não com o pai). Luana revela que, *“principalmente de madrugada”* e *“no quarto da sua mãe”*, costumam conversar bastante. Diz também que por vezes têm alguns *“desentendimentos”* como é *“normal nos pais”*, mas que, como é *“a única rapariga no meio dos rapazes (…) a revolta é maior”*, com este movimento introduz um novo assunto sobre a sua condição na fratria que lhe causa algum desconforto, pois além de ser a irmã do meio, é a única rapariga.

Retoma o assunto e volta a sublinhar que conversa bastante com a mãe e uma das coisas que aprendeu com a mãe foi sobre a *“(…) relação que a mulher tem que ter na sociedade, como é que eu tenho que me comportar, que eu não posso ser uma mulher de muitos rapazes (…)”*, surgindo então a explicação de um feminino que tem de se comportar de acordo um determinado padrão de comportamento perante a sociedade. Acrescenta ainda que essas conversas surgiram logo desde muito cedo – *“(…) quando eu já andava, por exemplo no 1º ano já sabia muita coisa, sobre a relação, de homem e mulher, e isso por acaso fez me crescer bastante (…)”*. Luana faz um movimento de retorno à infância quando refere que já sabia muita coisa quando começou a andar ou mesmo no 1º ano. Como se o momento de *“começar a andar”* lhe concebesse algum discernimento e já pudesse assimilar este tipo de informação.

Ainda sobre os ensinamentos da sua mãe relativamente ao casamento, diz que *“às vezes mais valia não ser casada”*, mas quando existe *“amor”* é bastante bom, a variável que parece confundir as suas reflexões. No entanto, o amor surge quando há um clima de entreaajuda entre o homem e a mulher, isto é, quando dividem as tarefas (domésticas) – *“(…) é bastante bom quando há amor, por exemplo quando o marido ajuda e a mulher ajuda e é bastante bom quando isso acontece, mas é preciso escolher a pessoa certa (…)”*. Deste modo, Luana confessa: *“agora eu até tenho medo de casar ou uma coisa assim porque tenho medo do que pode acontecer mas eu não sei né, o futuro só Deus sabe, por isso…”*. A carga com que é

revelado este assunto é evidente, surgindo o medo de se juntar com alguém que não nutra amor por ela ou não a ajude nas tarefas e, na impossibilidade de saber o que pode vir acontecer, entrega o futuro a Deus, um ser onipotente que ficará encarregue de lhe reservar o melhor.

Quando fala sobre as conversas que tem com a mãe, conta a história que “inventaram” quando o seu pai veio para Portugal – *“o meu pai veio pra cá para Portugal e a minha mãe não tinha muitas notícias do meu pai porque era difícil comunicar e ele também tava em tratamentos (...) muita gente dizia à minha mãe que o meu pai tinha morrido (...) e para ela não esperar por ele que era jovem e era bastante concorrida (...)”*. Depois de ouvir esta história contada pelo casal, verifico que a mesma história, mas agora contada pela Luana é diferente. Isto é, na primeira versão, contada pelo casal, ele (o seu pai) veio para Portugal e ela (a sua mãe) ficou lá e foi maltratada e as coisas que eles tinham foram-lhe retiradas porque ele deixou de lá estar. Na segunda versão, contada pela Luana, o seu pai tinha morrido e a sua mãe deveria refazer a sua vida porque tinha tido muitas oportunidades. Posto isto, verifica-se a diferença entre a história contada pelo casal e a transmissão que a filha acha que a mãe lhe fez. Segundo Luana, a sua mãe *“não acreditou no que as pessoas disseram porque eram comentários malignos”*, por isso ela veio para Portugal à procura do pai. Entretanto, também as pessoas “más” diziam que a sua mãe não vinha para Portugal, mas quando ela chegou à casa onde estava o seu pai a viver (não diz como), ele ouviu a sua voz e *“(...) pronto ele soube que a minha mãe estava lá e depois ficaram até hoje sem intrigas e isso (...)”*. Quando fala sobre os seus pais enquanto casal atribui sempre a culpa aos de fora quando algo corre menos bem: *“(...) claro que há sempre aquela discórdia que as pessoas tentam sempre causar, mas eles tentam manter-se firme porque confiam um no outro (...)”*. Provavelmente o afastamento entre o casal já foi uma interferência para possíveis discórdias, no entanto Luana arranja uma explicação para tal acontecimento: ou porque as pessoas são maléficas, ou porque intrigam e criam separação. Luana continua: *“Há confiança e isso tudo, por isso eu sei muita coisa sobre os meus pais, mesmo antes de eu ter nascido (...), porque a minha mãe fala comigo, porque ela conta tudo e não tem segredos (...)”*. As histórias de ambas parecem divergir no que diz respeito ao percurso dos pais e ao motivo da vinda para cá, pois o que a sua mãe transmite é que lá havia falta de recursos e a Luana acha que ela tinha outros recursos aumentados e outras oportunidades. Isto recobre mais uma vez a história de que *lá é uma coisa e cá é outra*, e confirma ainda a sua perplexidade pelo facto de os pais estarem juntos, visto que cá o mais comum é estarem separados e lá é juntos.

Entretanto a narrativa desvia-se do tema central e centra-se em si própria. Diz que quer bastante constituir família no futuro, contudo como estuda música pode tornar-se complicado: *“(...)”*

como estou a estudar música, eu receio porque é mais complicado ter vida social (...) porque ficamos bastantes horas naquela escola (...). Estudar música é um bocadinho ingrato, (...) porque perde-se um bocadinho a vida social e a relação familiar”. Reforça que se realmente conseguir obter um “*futuro estável*” pretende “*constituir família como os meus pais*”.

Luana manifesta mais que uma vez falta de sentido de orientação e mostra-se confusa relativamente às suas escolhas: “*(...) tive vários incentivos para seguir música claro, (...) não queria mesmo, mas depois pensei e não me via a fazer mais nada, queria mesmo seguir música só que tava com as minhas dúvidas e tinha medo (...)*”.

Da mesma forma que a sua mãe, Luana tem tendência para atribuir aos outros todo o mal que lhe acontece, – “*(...) estudar música é super venenoso, porque há mais gente a querer mais o teu mal do que o teu bem. (...) tenho audições e tenho exame todos os períodos (...) e saber que atrás da porta há pessoas a desejar mais que tu tenhas um 10 ou um 12 do que um 18 e dá para sentir a vibração, dá para sentir que as pessoas não querem o teu bem (...)*”. Quando não encontra uma explicação razoável ou concreta para as coisas, faz uma atribuição à realidade externa.

Como podemos constatar em cima, sempre que existe alguma dificuldade aparece sempre a mediação do mal, está sempre o mal do lado de fora à espreita - “*(...) às vezes desisto porque aquilo é muito fácil de desistir, é super difícil ter uma autoestima elevada quando logo de manhã já há pessoas a tentar destruir e isso é complicado (...)*”. No entanto, ela também parece estar confrontada com um sentimento de impotência e falta de maturidade perante um mundo que é sentido como ameaçador, ou seja, não sabe se é bem aquilo que ela quer, as pessoas também não são aquelas que ela gosta mais, portanto todo o clima ela vive-o como uma adversidade.

Novamente, num movimento projetivo, manifesta dificuldades em se integrar naquela escola ou com as pessoas da escola, pelo que acaba por invocar mais as pessoas pelo que representam de risco do que pelo que representam de companheirismo: “*Nós somos 90 pessoas e toda a gente se conhece, toda a gente sabe como é que o outro toca, toda a gente sabe tudo sobre toda a gente, os podres e isso, é difícil conviver naquela escola quando as pessoas estão mais focadas nos outros do que neles próprios (...)*”

Embora queira partir (para estudar fora) vai colocando algumas impossibilidades pela frente, quer por dificuldades económicas, ou por não querer colocar os pais “num tempo instável”, ou até mesmo pela dificuldade da língua, - “*(...) mas eu quero ir para o Porto, não quero ficar em*

Lisboa, Lisboa não tem grandes oportunidades, primeiro queria ir para a Alemanha né mas depois é o alemão ou o inglês mesmo fluente; queria ir experimentar no estrangeiro para ver, mas é complicado, o dinheiro é sempre aquela coisa que impossibilita as pessoas de fazer (...); pode ser egoísta querer tanto tanto tanto ir para fora e depois não ter possibilidades para tal, não quero que os meus pais pronto... não entrem num tempo um bocadinho instável (...), - procurando incessantemente um lugar (qualquer) que lhe confira algum sentido.

Na angústia de não saber o que os pais possam pensar sobre o facto de ela querer sair do país, continua o assunto, procurando uma possível explicação, - *“(...) eles vão perceber, vão perceber porque é que eu quero, mas se calhar porque a minha mãe vai querer que eu estude bastante e não sei quê e o meu pai vai logo pensar “opa se calhar, não sei quê” (...)*” – que, mais uma vez, evidencia a identificação ao materno e a omissão das diretrizes paternas, pois parece não saber o que diz o pai, mas sabe muito bem o que a sua mãe diz e pensa.

Na tentativa de aceder a algo mais profundo sobre si mesma, no sentido identitário, o discurso torna-se confuso e duvidoso: *“(...) é complicado transmitir a minha vontade para os meus pais que não percebem muito, é diferente. Percebem, mas não ao mesmo tempo. Não estão a estudar comigo, qualquer coisa, música, humanidades, tanto faz é igual. Por isso, não sei... é isso, não sei explicar, também não sei explicar nada... incrível (...)*”.

Ao longo da sua narrativa vai demonstrando que pode falar com os seus pais (mais com a mãe) sobre os seus insucessos ou os disparates que fez, *“(...) como eu não sou uma aluna perfeita e sou bastante reguila, às vezes quando eu começo a rir na aula (risos), a professora diz: “Luana, por favor vá lá fora apanhar ar”. E eu chego a casa e conto aos meus pais, não é uma coisa que eu tenho assim receio de contar. (...) as notas, na escola e isso, na relação com os meus amigos, (...) eu conto logo ao meu pai e à minha mãe, eles sabem logo, sabem logo o que acontece (...)*” mas sobre os seus sonhos, sofrimentos ou angústias já não há espaço ou abertura para conversarem. Ainda na mesma lógica do seu raciocínio sobre a importância da representação parental, evoca algumas memórias de atitudes e sentimentos passados que provaram ser seguros e gratificantes: *“(...) é bom saber, por exemplo quando é que nasceu o meu primeiro dente, quando é que comecei a andar e quando juntamos na sala e, às vezes surge uma conversa e ficamos assim a falar, antes, porque agora já não temos cassetes, (...) e víamos cassetes quando eu era pequena ou então quando tudo era mais feliz e sei lá...”,* que parece ser uma fuga a um presente angustiante em que não há abertura para expor as suas emoções e sentimentos, - *“(...) porque podem não perceber o que eu estou a sentir”*.

De seguida, a Luana evoca algumas atitudes da mãe em relação a si e em específico à construção do seu feminino: *“claro que a minha mãe por ser mulher e por ser mais doida (...) por compras, compras como quem diz, comprar sempre coisas para os filhos, principalmente eu que sou rapariga, ela vê uma blusa: - “ai que gira que é, vou comprar para a Luana”, - então tipo compra para ela mas, - “bem eu acho que isso ia ficar melhor em ti, então toma”, - e eu: “ok obrigada”*”. Assim, a seu ver, a mãe ocupa-se da construção do seu feminino.

Num registo oscilante, revela a sua ambivalência entre um lar que a conforta e protege - *“o lar é o refúgio”* -, e que ao mesmo tempo lhe traz alguma inquietação - *“(...) então às vezes não me apetece vir para casa (...), às vezes até na escola apetece-me ficar, assim com os meus colegas ou então na sala a estudar (...)*”.

Da mesma forma que é angustiante não poder falar sobre os seus sucessos e conquistas, também o é estar longe de casa, - *“(...) é falta de tocar e sei lá, só para ouvir a voz (...), então eu sentia falta dos meus pais (...)*”, - pois sentiu uma saudade extrema e a necessidade de estar em contato permanente enquanto esteve longe dos pais: *“(...) eu tive 2 semanas no Algarve, fui com uma amiga minha e com a família, e ligava todos os dias aos meus pais (...)*”.

Luana continua e conta como é importante ter alguém à sua espera quando regressa a casa: *“(...) quando cheguei a casa fui recebida, tipo e eu pensei: “é tao bom chegar a casa e sentir que há alguém à tua espera” (...)*”. Sobre este assunto, Luana utiliza uma metáfora para explicar o seu sentimento: *“(...) porque chegar a casa e ser bem recebida é como sair, por exemplo, à noite com uns saltos e não conseguir tirar e depois chegar a casa e conseguir finalmente descalçar, é um alívio, é tipo tirar a roupa, tipo para as raparigas tirar o soutien e é grande alívio (...)*”.

Através da análise de grupo sugere-se que Luana evoca os pais (que estão juntos/casados) várias vezes como se quisesse garantir a continuidade e a estabilidade (identitária), sendo que a principal referência que ela tem são os mesmos pais, aqueles dois que estão com ela desde o princípio, mesmo antes de ela nascer eles já lá estavam, a sua dúvida é: *“Se eu me for embora, o que é que vai acontecer?”* À medida do seu desenvolvimento teve sempre aqueles pais, dando conta da existência de continuidade. Com esta ideia de continuidade em torno dos seus pais revela que não consegue escolher de quem gosta mais. Num exemplo afirma: *“Epá eu não sei explicar de quem é que eu gosto mais, é como aquela pergunta, quem é que salvarias a tua mãe ou o teu pai? Então pronto morreria, dava a vida aos dois (...)*”. Numa linguagem psicanalítica,

a uma dada altura, os filhos matam os pais para conservá-los como significantes. Neste caso, Luana fala em salvar os pais, talvez para garantir a ideia de continuidade.

Por não conseguir dizer ou escolher de quem gosta mais, fica surpresa quando uma colega sua lhe diz que gosta mais do pai, (“(...) *“não sei de quem é que gosto mais mas acho que gosto mais do meu pai”*”, e eu: *“oh meu deus”* (risos), *“oh meu deus”*.) não se compreende se é por estar de acordo ou por estar em desacordo. Até aqui mostrou-se sempre dividida entre os dois, o pai e a mãe, no entanto faz uma revelação incongruente de acordo com o que foi dito até agora: *“Bem, já dá para perceber que eu gosto bastante de ter um pai.”*, deixando a ideia de que quando se refere à amiga que gosta mais do pai está a falar dela própria, no entanto vê-se impedida de o demonstrar devido à sobreposição materna.

5.2. Análise dos Grandes Temas

5.2.1. Análise dos Grandes Temas do Abel

Identidade

Representação do cá e do lá: o “lá” representa o lugar onde estão as suas raízes, onde tem outro tipo de *sensações* e se sente *livre*. É um lugar que mal conhece, mas que se reporta como sendo um bom lugar para um dia viver.

Portugal dá-lhe “tudo” menos um olhar limpo de preconceito sobre ele – *“(…) mas eu sinto um pouco esse preconceito, mas como nasci cá já tou habituado, eu habituo-me mas não é uma coisa que fique contente né, eu às vezes sinto um pouco de preconceito”* – surgindo um conflito de tensão entre o mundo interno e o mundo externo que promove a desintegração do processo de construção do Eu. Neste caso, Abel nasceu e viveu sempre cá, mas não se sente como português porque as suas *raízes* remetem para o outro lugar.

A segunda geração de filhos de casais migrantes muitas vezes é possuidora de uma identidade estigmatizada, - *“(…) há situações cá que às vezes sinto-me estrangeiro devido a coisas que acontecem (...) há pessoas que não aceitam muito bem os PALOPS estarem cá em Portugal (...)”*, - o que gera um turbulento conflito na construção de uma unidade integrada do Eu, que muitas vezes é provocado pela perda do núcleo “cultural” original. A vivência num duplo registo cultural em que, ora procura referências identitárias no “outro lugar”, ora rege-se pelas

referências identitárias do local de origem, torna o processo de construção e reconstrução da identidade confuso pelo “espaço estranho” – o “outro lugar”, o que conseqüentemente gera estranheza em relação ao meio e sentimento de estranheza em relação a si mesmo. Tendo em conta o padrão cultural em que Abel está inserido acaba por se sentir *estrangeiro* no lugar de origem e *desconfortável* e *reticente* no lugar das suas origens (São Tomé). Desta forma, alude a um (não-)lugar que o deixa suspenso entre as duas culturas que, por sua vez, irá ser constituinte do processo de construção identitária.

Em contrapartida, faz um movimento de identificação ao Outro – ao africano - no sentido de dar continuidade às suas origens africanas: “(...) *há muitas pessoas da etnia africana, prontos, da minha raça, dos pretos que marcaram a diferença e eu gostava de ser uma pessoa tal como eles (...)*”. Assim como os da sua *raça* quer fazer algo que sobressaia pela diferença e que seja um exemplo para a população africana, - “*aqui em Portugal, (...) há muitos que pensam como eu, que querem ser bem-sucedidos na vida, querem ser um role model para o resto da população africana*” - como se quisesse representar a população africana na comunidade portuguesa.

O seu país de origem é Portugal embora São Tomé esteja bastante presente no seu discurso e na sua vida. Apesar de não conhecer muito bem São Tomé, é também considerado um lugar que considera “seu” – “*eu tava muito reticente em conhecer o meu país porque estou habituado a Portugal*”. Em constante referência aos dois lugares, adota um discurso que oscila entre o *cá* e o *lá*, apropriando-se da herança cultural simbólica transmitida pelos pais migrantes que torna evidente o sentimento de dupla pertença.

Abel conta que quando esteve em São Tomé sentiu-se desconfortável por causa da língua, - “*(...) eu estando lá e tendo raízes são tomenses eu não estava muito confortável em relação à comunicação devido a não saber falar dialeto (...)*”, o que remeteu logo para uma impossibilidade no sentido da comunicação. Ao estar lá e não conseguir comunicar ficou exposto a um lugar desconhecido, de não pertença. Acrescenta ainda que, “*(...) quem fala português lá tipo é as classes mais altas, o presidente, os advogados, os médicos, (...) maioritariamente do resto não fala português*”, sendo a sua língua materna o português e não conseguir falar lá, faz com que nem pertença lá porque sente-se na impossibilidade de comunicar, nem cá porque apesar de cá poder falar, as suas *raízes são-tomenses* fazem com que ainda queira pertencer lá.

Segundo Abel o motivo que levou os pais a deslocarem-se para cá foi a procura de melhores condições de vida, contudo ele acha que “*as pessoas em África sabem saborear melhor a vida (...) com o pouco que têm*”. Em Portugal tem reunidas as condições para que possa ter uma vida relativamente estável a nível económico, mas, como “*tudo tem os seus prós e contras*”, o dia-a-dia é muito *agitado* e stressante e, pelo que parece, “*passa tudo ao lado (...) por mais que a pessoa tente ser calma a agitação acaba por se apoderar da pessoa (...)*”. Esta ambivalência entre cá e lá revela a impossibilidade de total satisfação perante um lugar que lhe possibilite a construção de um sentido de continuidade no espaço e no tempo e de um referencial identitário.

Moro (2003) atribuiu o conceito de *vulnerabilidade específica* a sujeitos migrantes que, por perda de referências culturais e abandono do país de origem, pode suscitar dificuldades ao preparar a criança para o mundo externo onde esta se vai desenvolver. Os seus pais ao vivenciar a passagem de um lugar (de origem) para outro (de acolhimento) confrontaram-se com a impossibilidade de reconhecer a contribuição do outro para a sua alteridade, e, dessa forma, não se apropriam de uma herança elaborada o que conseqüentemente poderá levar à perda de referenciais identitários. Nesta fase da adolescência a vulnerabilidade dos pais aparece como sendo perturbadora no processo de transmissão transgeracional, o que implica a desorganização das modalidades identificatórias e dos modelos de (a)filiação. Em torno das representações não interiorizadas e confusas do quadro de referência cultural de Abel, parece surgir uma vulnerabilidade que aparentemente pertenceria aos pais (na condição de migrantes), que lhe foi transmitida e põe em risco o processo de construção linear da sua identidade.

O seu sentimento de pertença a um lugar não é coerente, vai oscilando e variando entre o *cá* e o *lá*, acabando por não se situar em nenhum lugar. Neste sentido, observamos que se refere a Portugal como sendo um lugar que lhe *dá tudo* – “*estou muito feliz em Portugal, dá-me tudo praticamente, tudo, tudo, tudo*”, - e a São Tomé como sendo o seu país-natal “*ouvia muitos relatos dos meus pais, dos meus irmãos e sempre tive aquela cena de querer conhecer o meu país-natal...*”, embora tenha nascido cá.

Estava hesitante quando foi conhecer o seu país: “*(...) quando fui lá fiquei muito surpreendido porque eu tava muito reticente em conhecer o meu país porque estou habituado a Portugal (...)*”, pois certamente já tinha constituídas algumas expectativas e referências anteriores. Receio este que passou pelo fato de na eventualidade não corresponder às suas expectativas. Está habituado a Portugal, mas o seu país (de referência) de eleição continua a ser São Tomé.

Abel faz um movimento de idealização quando alude ao “cá” como sendo o melhor lugar para se viver e estudar “(...) *era melhor vir pra cá para ter melhor qualidade de vida, dar-nos um melhor acesso à educação e a prova disso é que nós chegamos todos à faculdade*” e igualmente descrito como a terra prometida - “*estou muito feliz em Portugal, dá-me tudo praticamente, tudo, tudo, tudo*”. Abel faz conexões “cá” que mobilizam para uma possível e aparente integração, mas em contrapartida há determinadas situações em que se sente *estrangeiro*, assim como se sentiu em São Tomé relativamente à língua. Tanto cá como lá sente-se estrangeiro, o que dá conta de um estado de ambivalência perante os dois lugares que simultaneamente lhe trazem coisas positivas e negativas.

No entanto, continua a fazer uma idealização do “cá” que lhe dará *todas as condições para constituir família*. Há uma idealização transmitida pela vivência subjetiva do pai – a da migração - que se traduz numa idealização simbólica de que se for de “cá” para “lá”, irá *ser bem-sucedido*. Imagina que é “cá” que se vai emancipar porque é “cá” que tem os recursos e os meios necessários para *constituir família* e um dia poder *viver em São Tomé com a minha família*. Mais tarde, os recursos que adquirir “cá” serão para usar “lá” e são para *tentar fazer crescer o país, fazer a diferença e ser um role model para o resto da população africana*. Ao investir num discurso idealizado sobre o “cá” está a pôr-se numa posição defensiva que atua contra os conflitos geradores de ansiedade pela falta de um lugar de referência e atenua as suas vivências negativas que ameaçam o sentimento de identidade.

Privado da coerência e conexão entre cultura e sociedade que torna o mundo imaginável, poderá ter que enfrentar uma realidade dolorosa no dia-a-dia - "conhecer o mundo de forma traumática", isto é, sem proteção, sem intermediário, sem referências sustentáveis, preservando uma fragilidade – a de ser filho de pais migrantes - e a ilusão de que é fora do comum, fora da norma (Moro, 1992). Como ele próprio explica: “(...) *às vezes aqui sinto-me um pouco mais, como é que hei-de dizer? Às vezes, há situações cá que às vezes sinto-me estrangeiro devido a coisas que acontecem*”.

Apesar de não experienciarem diretamente o processo migratório, podemos concluir que ser filho de migrantes pode ser razão para ter que enfrentar algumas vulnerabilidades: sentir e elaborar a fragilidade dos seus pais, cujos referenciais foram prejudicados pela migração e o seu próprio funcionamento em clivagem baseado num duplo contexto, as referências de cá e as de lá, cujas duas polaridades não estão seguras (Moro, 1992). Dá-se conta que Abel não chega a ter um referencial relativamente a um lugar, o que poderá comprometer seriamente o processo

de construção da sua identidade, tendo em conta a fase da adolescência em que se encontra. A representação que tem dos dois lugares é ainda mais assustadora que a dos seus pais, porque ao menos os seus pais encontram motivos de felicidade lá e ele destaca elementos positivos e negativos tanto num lugar como noutro, verificando-se a perda de afiliação e a impossibilidade de se fixar (num lugar).

Representação do Casal

A representação que Abel tem sobre como é ser casal varia consoante a referência do lugar. *Lá é muito mais fácil ser casal do que cá*, pois *as pessoas são originárias de lá*. Quando “lá” é o país de origem, a vivência enquanto casal é mais favorável, até porque *as pessoas conhecem-se todas umas às outras*, ao contrário de “cá” por viverem na condição de migrante. Todo o processo de adaptação ao país de acolhimento, passando pela *habitação*, o *clima*, a *língua*, é um *choque cultural* que o casal tem que enfrentar e é necessário mover recursos psicológicos para se adaptar neste processo de transição cultural. Acha que o casal se sente muito mais feliz lá, porque nasceram lá e cresceram lá, verificando a fragilização dos laços de afiliação destes pais relativamente ao país de acolhimento. De fato, o sentimento de pertença está ligado ao país de origem e verifica-se que a migração implica (re)ajustes na relação conjugal – *“eu aposto que todos os casais que vieram de São Tomé, aí, de África, tiveram as suas dificuldades e uns superaram melhor que outros (...)”* – senão pode mesmo levar ao *divórcio*.

Os casais de lá nunca se vão habituar cá devido ao stress vivido do dia-a-dia, a vida cá é uma *azáfama*. *Portugal é um país muito agitado* e lá é muito calmo, sendo essa uma das razões pelo qual os casais de lá nunca se habituarão cá.

A seu ver, cá os casais são muito mais desconfiados um com o outro do que lá: *“a percentagem de desconfiança tende muito mais para os casais cá em Portugal”*. Por não terem tanta confiança, há mais possibilidades de se dar o divórcio, como diz Abel - *“eu acho que Portugal tem muitas... (...) Tem muitas tentações... Tantas provas a nível do casal, é muito fácil um casal perder-se cá do que lá em São Tomé, é muito fácil*. Neste sentido, explica que se for um casal com *cabeça, tronco e membros* (como os seus pais) já é menor a probabilidade de isso acontecer. Um casal com *cabeça, tronco e membros* é um casal com *confiança* um no outro e quando há *respeito mútuo*.

Ainda a nível do casal, convoca a existência de uma *assimetria* na distribuição de papéis: *“eu acho que hoje em dia o homem moderno tem que fazer as tarefas de casa para aliviar a mãe,*

tem que educar os filhos”. Assiste-se cada vez mais a uma expressiva mudança dos papéis sociais tradicionais a partir da experiência da migração. A mulher adquire uma maior emancipação através do trabalho remunerado, o homem passa a participar mais das atividades domésticas, ocorrem transformações nas concepções de família e de relação entre gêneros; assim como os jovens migrantes podem desafiar as estruturas tradicionais estabelecidas pelo seu grupo social e adotar novas perspectivas (Pnud, 2009; Rosas, 2010). Desta forma, não se pode pensar a migração apenas como geradora de rupturas nas relações familiares, este fenómeno também possibilita a consolidação e ainda o estabelecimento de novas configurações de género, que podem quebrar relações de dominação. Observamos, no caso de Abel, pertencente à dita segunda geração de jovens afrodescendentes, a reivindicação de um homem mais participativo na vida familiar e na partilha das tarefas domésticas com a mulher, dando primazia à *história da igualdade de género*. Como ele diz: “*essas coisas que as mães fazem, os pais podem fazer muito bem e as mulheres podem fazer o trabalho que os pais fazem*”.

No que diz respeito à representação dos ímagos parentais acha que na maioria das famílias africanas, assim como a dele, cabe à figura paterna *trabalhar para sustentar a família*, ao contrário do papel da mulher, que é fazer as tarefas domésticas e *cuidar dos filhos*. No entanto, Abel não concorda com esta divisão de tarefas, para ele *o lugar da mulher é ao lado do marido, e o marido tem que estar ao lado da mulher*, apoiando a *igualdade de género*. Abel valoriza muito a família por todas as dificuldades que passaram e não quer *desapontar os pais* de maneira nenhuma e, por isso, compensa-os com boas notas na escola. Representa as figuras parentais como sendo lutadoras e dedicadas (aos filhos).

As referências ao materno convocam segurança, apoio, confiança e afetividade. A mãe é referida como sendo o seu *ídolo* porque foi quem o educou, - “*eu praticamente fui educado pela minha mãe e pelo meu irmão mais velho (...) passo muito mais tempo com a minha mãe, tenho mais confiança com ela (...)*”, - o que fez com que criassem fortes laços de ligação. O materno possibilita a existência de um continente-conteúdo que potencia as suas capacidades de transformação e integração.

O discurso de Abel está marcadamente inscrito na herança paterna. O pai representa o modelo a seguir, é quem comanda e trabalha para sustentar a família - “*raramente estava em casa porque tinha de trabalhar, trabalhar, trabalhar, para nos sustentar*”. Inscreve-se no que dita a lei paterna, isto é, acha que é comum nas *famílias africanas* ser a *figura paterna que se esforça mais*, assim como faz o seu pai. Abel sublinha que valoriza muito o pai por todo o esforço que

fez para chegarem onde estão, no entanto não foi o pai que o encaminhou, pois nunca estava presente. Foram os irmãos que substituíram a função paterna de o colocar no *caminho certo*. O pai representa todas as dificuldades que enfrentaram na vida, é considerado o *herói da família*. A interiorização da autoridade paterna parece ser uma referência marcadamente profunda que acaba por se manifestar explicitamente no seu discurso - “(...) *eu acho que em Portugal dá-me todas as condições para eu constituir família e basicamente é isso que o meu pai pensa (...)*”. Abel não diz o que pensa, mas sim o que o pai pensa, e o que o pai pensa é o melhor para ele, sem lugar para questionamentos.

A figura paterna foi uma *pessoa guerreira* e assume especial importância pelo fato de ter conseguido *sustentar* a família, contudo também é referenciado pelo desamparo, pelo desaparego e pela ausência afetiva que se fez sentir. A ausência (ou inexistência?) do pai faz-se notar em diversos momentos: na adolescência que é a *época mais difícil*; na atribuição da função paterna aos irmãos de o porem no *caminho certo*; na educação que lhe foi dada pela mãe e pelo irmão mais velho, como podemos observar no seu discurso: “*é triste por um lado porque às vezes eu gostava de ter o meu pai mais presente*”.

Sentimento de pertença: dimensão filiativa e afiliativa

Abel nasceu em Portugal, mas é tem influência das referências culturais do país dos seus pais e em simultâneo das referências culturais do seu país. Ao longo da sua narrativa observa-se uma (in)constância entre o sentimento de pertencer cá, onde nasceu, ou lá, onde estão as suas origens.

Ao longo da narrativa de Abel surgem várias contradições entre o que é bom e mau relativamente ao lugar. É contraditório quando evoca as condições necessárias para permanecer cá, - no país das *tentações* - ou quais os motivos para emigrar para São Tomé – o país da *felicidade*. Ele representa o país onde nasceu num duplo movimento - por um lado, Portugal é bom porque reúne todas as condições para constituir família e seguir um caminho ao nível da educação, mas também é mau porque é um país muito *agitado* e está munido de *preconceito* e de *tentações*. Por outro lado, São Tomé não tem condições para viver apesar de ter muitos *recursos naturais* que sustentam algumas pessoas, não tem um bom nível de ensino e tem falta de emprego, no entanto as pessoas são muito *acolhedoras* e *felizes* e é uma hipótese poder viver lá um dia. A representação de si é baseada no sentimento de dupla pertença e não-pertença.

5.2.2. Análise dos Grandes Temas da Luana

Identidade

Ao longo da sua narrativa elabora a representação de si através da representação das imagens parentais. Na sua narrativa torna-se claro a distinção que faz entre si e o(s) Outro(s) de uma forma muito vinculada. O que a faz distinguir dos outros não é uma especificidade sua, mas sim o fato de ter os pais casados, - “(...) *eu sou uma das únicas pessoas que tem os pais casados por exemplo*”. É importante que os pais estejam juntos porque só estando juntos é que ela consegue assegurar a sua identidade, se se separarem a ideia de continuidade e de integração da identidade fica comprometida. Para Luana, o tema da separação é sempre algo muito sensível, pois evoca constantemente a importância e o impacto que tem na sua vida o facto de ter os pais juntos.

Dada a sua constante procura em se rever através da identidade uma do casal parental, não é de admirar que a identidade de Luana esteja tão investida nesta versão idealizada dos pais. Quer evocar uma condição que lhe de unicidade dentro da diferença. Por si só, já é diferente por ter os pais com outras origens, o que vale é que os tem juntos, senão seria igual aos outros. Assim como tem os pais juntos e os outros não, torna-se única na diferença. Ela tem a ideia de que é um caso excepcional porque os casais cá acabam sempre separados, ninguém sabe do pai nem da mãe, e ela é diferente porque tem os pais juntos. Este discurso é compreendido na medida em que este fenómeno é algo que lhe permite investir numa diferenciação do Eu-Outro. Imaginar os pais juntos permite-lhe conciliar e tornar mais seguro o sentimento de incompletude da sua identidade. O investimento pessoal nesta questão é uma forma de confirmar e assegurar um Self ameaçador que não permite sequer imaginar os pais separados, pois apenas os dois juntos conferem a identidade que ela não tem perante os outros.

O uso deste discurso comum ao longo de toda a narrativa torna-se repetitivo por ser modificado por significados que resulta das tensões e conflitos de sua própria identidade. O efeito deste discurso é tornar o sentido de identidade numa condição única e diferente (que não é esta) de forma a poder proteger a sua identidade.

Parece fazer este afastamento com o intuito de se querer afastar de uma realidade (migrante) como a dos seus pais. Isto é, identifica-se com os princípios de cá – *habituada ao núcleo português* – e há um desfasamento de valores entre ela e os pais, embora continue a dizer sempre que são um exemplo para si.

Refere também dificuldades em comunicar com os outros, porque sente-se diferente pelo fato de ter os pais juntos e os outros terem os pais separados, parecendo ter encontrado uma forma de expressar a sua condição de rejeição da filiação parental relativamente ao quadro cultural de origem e ausência de identificação com estes outros. Pode-se dizer que, ao ver o outro como diferente, ela própria se diferencia, o que remete para um estranhamento em relação a si mesma.

O sentimento de incompletude relativamente a um lugar que lhe permita destacar a sua identidade parece convocar algo *estranho* que não sabe como elaborar. Isto está diretamente relacionado com a transmissão dos conteúdos psíquicos de uma geração para a outra, que assume especial importância no processo de (re)construção (identitária) do sujeito. Muitas vezes estes pais, principalmente a mãe, parece confrontar-se com algumas situações de um passado doloroso e, por sua vez, adotam a estratégia de não falar sobre esse sofrimento, supondo que só se transmite o que se diz e que, portanto, deve-se passar a ideia de um mundo harmonioso e bem-sucedido para que os filhos tenham bons exemplos e sintam-se felizes (Rosa, 2001). De fato, conseguimos observar esta lógica sempre que Luana evoca os pais sentidos como felizes e como um exemplo a seguir, mas sempre com a agravante da incerteza e estranheza, “*não sei, é estranho*”, - o que poderá isto significar que na transmissão destes conteúdos há uma parte sua que a inquieta e uma parte tóxica que é transmitida pelos pais, apesar de não ser dita (o tal *não-dito*).

A adolescente aparenta assimilar esta dinâmica familiar como sendo a “família feliz”, reverberando a separação e a união, - oscilando entre o *cá* e o *lá* - do casamento vivido pelos pais, o que, conseqüentemente, faz com que se sinta num lugar cativo – “*então agora eu até tenho medo de casar ou uma coisa assim porque tenho medo do que pode acontecer*”, - de repetição do passado.

Observamos então, neste caso, como se dá a transmissão psíquica transgeracional materna e paterna. O peso da transmissão de conteúdos psíquicos maternos é perceptível ao longo da sua narrativa. Luana inscreve-se claramente numa linhagem materna em que todas as normas e valores sociais são ensinados pela mãe, incluindo “*a relação que a mulher tem que ter na sociedade, como é que eu tenho que me comportar, que eu não posso ser uma mulher de muitos rapazes*”, e ainda “*sobre a relação de homem e mulher*”.

Esta conduta transmitida pela sua mãe parece ter tido um grande peso e está carregada de significado, de tal forma que parece ser exacerbado quando diz que “no 1º ano já sabe muita coisa sobre homem e mulher”. Luana sublinha esta questão e observamos a transmissão da

herança materna, pois ela não sabe nada sobre casais e o que sabe não é de ouvir os pais, mas sim o que a mãe lhe transmite.

Luana pronuncia várias vezes o mal, convocando a realidade externa. O mal é sempre ditado pelas pessoas de fora, - *as pessoas disseram porque eram comentários malignos* – em que nesta situação específica em que o pai estaria *morto*, a mãe *manteve-se firme e veio para Portugal e encontrou o meu pai*. A mãe *conta-lhe tudo e não tem segredos*, e ao contar esta história, e tantas outras, ocorre a transmissão do não-dito ao serviço da intersubjetividade, numa posição reveladora de salvação do paterno.

A herança paterna encontra-se latente ao longo do discurso de Luana. Quando fala sobre o pai nunca sabe o que ele tem para dizer, “*o meu pai vai logo pensar “opa se calhar, não sei quê”*”, no entanto este pai está bastante presente e tem influência na dinâmica familiar, apesar de não (querer) saber como. Sempre que tenta evocar os conselhos paternos acaba sem sucesso - “*(...) se calhar não sei quê, não sei que mais (...)*”, - pois não sabe dizer o que o pai tem para lhe dizer. Aparenta estar “surda” relativamente às mensagens paternas.

Ainda relativamente ao facto de não ouvir o que o pai tem para lhe dizer, no momento da análise em grupo surge uma intervenção a propósito de uma associação livre de ideias que relembra novamente a história da sua mãe que veio atrás do marido que pensava já estar *morto*, mas, quando chega a casa dele, ele ouve-a. Deste modo, dá-se o encontro porque ele a ouviu, passando a expressão. A natureza do método de investigação (FANI) possibilitou a análise e associação da seguinte maneira: a Luana parece não querer ouvir o pai, no entanto ele ouviu a sua mãe e deu-se o encontro, ele fala, mas ela não o ouve. Os homens descobrem as mulheres porque as ouvem, as mulheres não sabem o que fazer com os homens porque não os ouvem, ficando, portanto, mais expostas a poderem ser como ela dizia que era em Cabo-Verde, em que o homem chega e diz, - “*tu até sabes trabalhar, às duas por três vais-me dar um filho (...)*”, - e como ela diz, lá também são mais “*machistas*”. Ainda o exemplo que ela deu do seu avô que arranjou uma mulher com metade da idade dele e, como ela diz, é “*estranho*”. Quer isto dizer que, quando os homens dizem ou fazem coisas é a perplexidade absoluta.

Há uma sobreposição clara do (poder) materno sobre o paterno que, implicitamente vamos observando no discurso de Luana, pois este pai apenas ecoa sobre as ordens da mãe: “*Ou então a minha mãe diz uma coisa e o meu pai parece o eco dela, “pois é, não sei quê não sei que mais*”. A inibição de referências explícitas ao paterno surge sempre que ela considera a opinião

da mãe que, parece predominar sobre a do pai, isto é, depois de dizer o que a mãe acha já não sabe o que o pai tem para dizer, apenas diz: “não sei quê, não sei que mais...”.

Neste sentido, parece haver uma constante aniquilação do paterno, este que não tem lugar, seja onde habita e/ou predomina o materno, seja para existir – o paterno é eliminado (pelo materno?). Na sua fantasia sobre a história contada pela mãe acerca do (re)encontro com o pai, este *tinha morrido* quando veio para cá. Na medida em que cá inicialmente seria um lugar desconhecido, o paterno também parece ser desconhecido.

Curiosamente no final da sua narrativa, depois de explicar que não consegue escolher de quem gosta mais, - *há coisas que eu gosto mais no meu pai e há coisas que eu gosto mais na minha mãe* – porque “fica feliz por ter um pai ou por ter uma mãe”, termina com a seguinte confissão, ou lapso: “*Bem, já dá para perceber que eu gosto bastante de ter um pai.*” Deixa-nos a pensar se a ausência (ou quase inexistência) do pai é (des)considerada pela presença (ou existência) da mãe ou se realmente, a representação paterna assume importância na sua vida em que o pai assume algum lugar, mas não sabe bem de que maneira. Parece que a herança paterna é quase inexistente, pelo menos no discurso manifesto.

Representação do casal

Luana começa por fazer uma distinção entre os casais, diz que os casais de cá e os casais de lá relacionam-se de maneira diferente, no entanto tem apenas uma breve ideia sobre os de lá – “(...) é o que eu acho mas não sei explicar muito bem essa relação porque não conheço.”. Já os de cá têm “(...) uma relação muito mais (...) vincada”, assim como os seus pais.

Refere que não se identifica com o tipo de relacionamento que têm os casais de lá por ser *uma realidade antiga – retrógrada* – em que a *relação não é tao amigável*. Com isto, dá o exemplo dos pais por serem diferentes dos de lá e regerem-se pelos princípios da sociedade portuguesa, em que há um *clima de entre-ajuda*, nomeadamente nas tarefas domésticas. A sua marca identitária relativamente ao sentimento de pertença a um lugar parece ser estar mais próximo aos valores de cá, tanto que ignora as origens dos pais e diz serem, também, como os de cá. Este movimento de querer englobar os pais na mesma realidade social que a sua é uma forma de não criar hipóteses para a ambiguidade de conceitos, papéis e normas sociais. Ou então será até mesmo um movimento de fuga à inscrição das características e origens culturais dos pais que remetem para uma designação – imigrantes. Distancia-se assim desta condição social que a perturba - “(...) não sei muito bem como é que é e nunca convivi muito com pessoas que tivessem mudado de país (...)”.

A maioria dos casais de cá estão *separados* ou *nunca foram casados mesmo*, enquanto que o habitual de lá é os casais estarem juntos. Como os pais são de lá e estão cá, o fato de permanecerem juntos é realçado. De forma a compensar o sofrimento dos pais por estarem cá e estarem deslocados do seu país de origem, ela destaca uma eventual potencialidade de lhes poder atribuir qualidades no sentido de serem um bom casal cá.

Para Luana, a confiança (“(...) *é bastante bom ter por exemplo uma relação com os pais assim, é vencida, têm muita segurança um no outro*”) e o amor (“(...) *mas é bastante bom quando há amor, por exemplo quando o marido ajuda e a mulher ajuda (...)*”) são a base para uma relação saudável, sendo que são estas duas premissas que sustentam a relação conjugal dos seus pais.

Sempre que destaca o pai, junta-os logo de seguida, pois a mãe pode aparecer sozinha, mas o pai aparece aglutinado à mãe. Luana fala várias vezes da história de quando os pais estiveram separados e quando disseram que o seu pai estava morto, como “*nada é mais forte do que a morte*” e “*é a única coisa que sabemos do nosso futuro*”, “*então ela contrariou, como quem diz, essa lei e veio para Portugal na mesma, á procura dele*”. Vemos aqui uma mãe descrita como poderosa que ressuscita o pai e dá-lhe uma nova vida (feliz). Assim, onde os homens fracassam as mulheres conseguem. Dada a sua fantasia, parece que fala sobre a morte de uma forma melancólica, mas não, Luana fala sobre a morte para dizer que a mãe domina a situação ou o pai, neste caso.

No meio desta confusão de quem morreu ou quem salvou, não é tao disparatado assim imaginar que na cabeça da sua mãe a forma como ela sente a partida do marido e o lugar de risco em que ela ficou, ela tenha sentido que este homem morreu, isto é, ele deixou de poder protege-la. Ela contou esta história à Luana que compreendeu uma parte mais profunda e interpretou segundo a sua subjetividade, aqui se observa a transmissão de material psíquico.

A sua dinâmica e representação da função do feminino e do masculino parece desempenhar um papel importante no seio da sua relação com o materno e o paterno. Logo no início da sua narrativa, faz uma distinção clara entre um masculino que *lá*, - *é machista e está habituado a que a mulher faça as coisas*, - e um masculino de *cá* – que parece ser o oposto. O masculino parece ter lugar, tanto *cá* como *lá*, no entanto desempenha papéis diferentes, visto que são duas realidades distintas – a *africana* e *européia*. Embora o pai seja de *lá*, é-lhe atribuído um lugar *cá*, pois - *o meu pai às vezes cozinha, também lava a loiça, por exemplo, há tarefas que são divididas e não é tão só a mulher*, - e, por isso que, segundo Luana, torna o *clima mais amigável*.

De fato, constata-se o aparecimento de novos reajustes para o papel da função paterna. Segundo Staudt (2007) dá-se a chegada de um “novo homem”, mais participativo na vida afetiva e familiar, compartilhando com a mulher os âmbitos público e privado. Para a autora, os estereótipos de homem ligados ao machismo, virilidade e força têm vindo a ser atualmente questionados. Assim como podemos observar, este masculino que é intimamente associado às tarefas domésticas, à morte e ao desconhecido, padece do sentimento de virilidade e de poder, havendo um enfraquecimento da cultura patriarcal.

Luana identifica-se com este feminino-materno e parece haver uma conduta que é transmitida sobre os deveres da mulher perante a sociedade, - “(...) *a minha mãe conversa sempre comigo, primeiro da relação que a mulher tem que ter na sociedade, como é que eu tenho que me comportar, que eu não posso ser uma mulher de muitos rapazes (...)*”. Essencialmente tem que se comportar como uma dama, apresentando assim um feminino disciplinado e construído através das normas impostas pela sociedade.

Este feminino ligado ao materno aparece como sendo contentor das suas angústias e, ainda, onipotente perante as suas (im)possibilidades. A presença do masculino parece ter bastante influência na dinâmica (familiar) e é sentida como uma ameaça à identidade feminina e, por isso, precisa de ser silenciado. Esta constante insistência em suprimir o masculino-paterno mostra uma cumplicidade feminina que necessita de proteger e preservar a sua identidade.

Quando conta a história que a mãe lhe contou sobre a separação aquando da vinda do pai para Portugal, segundo ela este pai estaria *morto*, o que demonstra a necessidade de abafar o masculino e exaltar o feminino, de modo a dar continuidade ao poder feminino. Percebe-se claramente esta interpelação do poder feminino sobre o masculino quando Luana fala sobre o pai e não remete para qualquer referência patriarcal, apenas diz: “*não sei quê não sei que mais...*”, o que dá conta de um masculino inválido.

À procura de um lugar de pertença: o não-nomeado

No caso da Luana, além do que se pode observar no discurso manifesto e latente e no campo da intersubjetividade, há uma constante que se prende com o não-nomeado. Com isto quer dizer que há assuntos delicados e tormentosos que não são nomeados para não evidenciar ou emergir a angústia. Estes assuntos aparecem com regularidade no psíquico e no discurso latente, mas pelo facto de serem indefinidos não são nomeados. Quando é possível nomear, a angústia deixa

de ter função, como estes assuntos continuam sem ser nomeados continua a existir angústia que se revela na sua narrativa.

Luana perante o cenário exposto, em que o seu pai vem porque está doente e só cá se podia tratar, a sua mãe vem vítima da cobiça ou à procura do marido, ela tenta inscrever-se numa lógica (de cá) mas estranha tudo, inclusive a maneira como fala com os amigos porque eles não vivem a mesma realidade, sobretudo esta de terem os pais separados e os seus são os únicos que estão juntos. Assim sendo, apesar deste ser o seu país (pelo menos de nascença), o sentimento de pertença a um lugar parece não existir, visto que em casa não “cabe”, com os amigos não “cabe”, na escola não “cabe”, não cabe em lado nenhum e, por isso, necessita de procurar um outro lugar onde se sinta bem, onde sinta que pertence e, de preferência, que não haja esta competição e rivalidade entre os colegas que a perturba.

Por diferentes motivos, mas assim como os seus pais, pensa em ir para fora do seu país numa procura incessante de um lugar (qualquer) que lhe confira algum sentido. Na angústia de não saber o que os pais possam pensar sobre o facto de ela querer sair do país, tenta encontrar uma possível explicação, - *“(...) eles vão perceber, vão perceber porque é que eu quero, mas se calhar porque a minha mãe vai querer que eu estude bastante e não sei quê e o meu pai vai logo pensar “opa se calhar, não sei quê” (...)*”.

Possivelmente este e outros acontecimentos fazem com que Luana (re)pense na ideia de querer partir versus o que pode permanecer ou ficar em risco. Por essa mesma razão, a separação trás consequências. E para que a separação não traga consequências penosas é preciso haver firmezas e consistências, isto é, para quem se está a interrogar se vai embora percebe-se que isto acabe por ter muito peso. Luana explica: *“(...) quando cheguei a casa fui recebida, tipo e eu pensei: “é tão bom chegar a casa e sentir que há alguém à tua espera” (...)*”. Esta sensação remete para o que foi dito anteriormente sobre o facto de as coisas estarem tanto mais certas quando se pode confirmar, isto é, é bom poder regressar a casa e ser acolhida porque é uma garantia de que tem (um) lugar. A representação que se tem da possibilidade de retorno é uma possibilidade bastante ambivalente porque cruza várias coisas: tem que se partir porque não se tem possibilidades e, por isso, aquele não é um lugar bom, mas é um lugar para o qual ela quer voltar. Neste sentido, apesar de não ser um lugar bom, mas é o meu lugar e não quero perder este lugar. A ideia de que se parte porque aqui não dá - cruza com aqui dá, mas eu não tenho possibilidades. Esta é uma lógica comum que sustenta o desejo de migrar, sobretudo este tipo de migrações associada a dificuldades económicas. É um lugar onde não se pode mais viver, mas é um lugar que se teme perder, portanto ela reencontra este fantasma que é proferido por

grande parte dos sujeitos migrantes, nomeadamente pelos pais. Nesta ideia de representação da partida, surge uma questão: o que é que isso significa em termos do impacto relativamente ao sítio de onde se parte? Ou seja, o que é que pode mudar ou deixar de existir no local que se deixa para trás, daí a importância de chegar a casa e ser recebida. Utiliza ainda uma metáfora para reforçar a ideia: “(...) *porque chegar a casa e ser bem recebida é como sair, por exemplo, à noite com uns saltos e não conseguir tirar e depois chegar a casa e conseguir finalmente descalçar, é um alívio, é tipo tirar a roupa, tipo para as raparigas tirar o soutien e é grande alívio, é igual*”. A roupagem que ela põe para fora, em casa pode não usar, portanto não significa no sentido literal andar sem soutien ou descalça. Interessante porque podia ser outra peça de roupa qualquer mas escolheu precisamente algo onde nós nos sustentamos, que é os pés e um elemento de destaque da identidade feminina. Posto isto, faz levantar as seguintes questões: *Como é que ela se aguenta em pé e como é que pode ser mulher? Qual o seu impasse entre partir e ficar? Que consequências implica a partida?*

Luana recupera uma parte de Cabo-Verde que ficou para trás, pois os seus pais só falam de São Tomé e não de Cabo-Verde, o não-nomeado. No entanto, o facto de Luana não ter nascido nem em Cabo-Verde nem São Tomé, mas ser confrontada com algumas questões que diz respeito a esses lugares, põe em questionamento qual será o seu lugar perante a família e relativamente ao sentimento de pertença.

Em síntese, é curioso a maneira como a Luana vai introduzindo diferentes variáveis, mas não sabe muito bem o real significado e o que fazer com elas. Tendo em conta a sua idade (16 anos) é típico este movimento de “mexer” com as coisas que ela faz, por isso quando ela afirma frequentemente que é “*estranho*” remete para algo que está ainda confuso na sua cabeça. A dada altura, Luana até diz que quando era pequena teria uma ideia sobre o casamento, mas quando cresceu “a realidade veio à tona”, quer com isto dizer que está a construir novos significados e simbologias para as coisas. É como se a realidade estivesse negada e a contextualização fez emergir a evidência fundamental e obteve outro significado. Essa evidência, por sua vez, sugere as seguintes questões: O que está a ser negado? Em termos concretos, o que é propriamente essa negação?

6. Discussão

Depois de fazer a análise das narrativas dos participantes, podemos concluir que os dados que surgiram são congruentes. Isto é, no geral, podemos encontrar temas comuns entre ambos os participantes que se cruzam, talvez, pela mesma condição migrante que ambos os pais têm, que, por sua vez, é transmitida através do fantasma transgeracional e se evidencia no processo de construção identitária dos seus descendentes. Contudo, as temáticas emergentes são expressas de maneiras diferentes por cada um dos participantes, atendendo às especificidades.

Antes de mais, como foi mencionado ao longo da investigação, é importante explicitar que estes jovens não são sujeitos migrantes porque não elaboram nenhum projeto migratório, não passam pela experiência migratória e nasceram em Portugal. Contudo, o que acontece é que os seus pais vivenciaram a experiência migratória, e este fenómeno torna-se marcadamente influente na transmissão geracional (Machado, 1994). Quando remetemos para a experiência vivencial e subjetiva destes sujeitos dá para observar uma maneira peculiar de olhar o mundo perante um cenário constituído por duplas referências culturais. Este cenário por vezes não é propício à construção da identidade e à interiorização do sentimento de pertença, correndo o risco de fragilização do Eu.

Abel manifesta uma oscilação na sua organização identitária, que não se fixa, não encontra um caminho no sentido de dar continuidade psíquica. Ao mesmo tempo que transmite a tranquilidade e estabilidade que “cá” pode obter, também refere o “cá” como um lugar preconceituoso e estrangeiro a seu ver, que por vezes, não lhe confere a segurança de que precisa. Além disso, é também um lugar muito *agitado*, assim como as movimentações psíquicas que faz na procura de uma identidade estável, seja “cá” ou “lá”. No mesmo registo oscilante, refere que São Tomé remete para as suas origens e é onde as pessoas sabem aproveitar a vida e são mais felizes, mas ao mesmo tempo, também é um lugar que se torna desconfortável e não tem condições para se viver pela falta de emprego e pela precariedade ao nível do ensino. Apesar de tudo, novamente em contradição com aquilo mencionado por ele, quer um dia voltar a este lugar e, possivelmente viver lá.

A sua representação de lugar (São Tomé), de possível pertença, revela-se ambígua, habitando no seu (in)consciente de uma maneira muito vincada. Lugar este que remete para o desconhecido, ou pouco conhecido, mas que suscita muita curiosidade e vontade de permanecer lá. Assim como a ambiguidade do lugar, também o é, o sentimento de identidade. Este

sentimento além de ambíguo, está também vulnerável, pois a falta de elementos securizantes das suas incertezas e dúvidas torna este processo, que está em permanente construção, para além do difícil.

É de destacar que este modo de pensar e de posicionar as concepções e aprendizagens pode-se observar maioritariamente no sujeito migrante. Assim como Abel, muitos outros adolescentes, uns com mais e outros com menos intensidade, adotam esta simbologia transmitida pelos pais e pela força da dinâmica intersubjetiva geracional fruto da experiência migratória. Está submetido a uma lógica paterna rígida que está aprisionada à condição de estrangeiro/migrante. Como explica Faimberg (2006), a transmissão de conteúdos não elaborados e fantasmáticos de uma geração para outra, dificulta o processo subjetivo de transformação e simbolização da individualidade e da identidade do mais novo, processo a que ele chamou de “telescopagem de gerações”.

Abel encontra-se numa fase importante e apreensiva do desenvolvimento – a adolescência - que é quando se dá a reorganização e elaboração dos conteúdos intrapsíquicos interiorizados até então. A introjeção e a identificação às figuras parentais são de extrema importância. Inscrito na linhagem paterna acede com alguma intensidade ao que foi transmitido pelo paterno, isto é, na representação do que é o bom e o mau ele só pode seguir pelo caminho que o pai lhe ensinou. Ensinou-lhe o “bom caminho”, aquele no qual se deve estudar para um dia ascender e mais tarde constituir família alargada, de preferência, em Portugal. Neste sentido, não foi permitido a criação de um espaço psíquico partilhado que desse abertura para a criação, atribuição simbólica e introjeção dos elementos que constroem e constituem a identidade. Este processo foi boicotado na e pela transmissão psíquica de conteúdos invasivos e do paterno. Ou seja, o seu projeto de construção identitária, quer a nível das referências culturais, quer ao nível das conquistas pessoais, foi interpelado pelo legado paterno quando dita a exigência de bons resultados escolares e a interiorização do dever de seguir o “bom caminho”. O peso da transmissão psíquica paterna torna-se ainda mais evidente quando Abel se apropria da sua história, para justificar o seu caminho a percorrer. Tem que tirar boas notas para compensar o pai porque é a partir da educação que vai ascender, motivo pelo qual vieram para cá, tem que marcar a diferença em tudo o que faz para se diferenciar do Outro e por outro lado, quando diz que Portugal tem todas as condições para constituir família, é o pai que pensa isso. Refere ainda que idolatra o pai, mas quando ele tiver filhos irá ser diferente porque quer ter mais tempo para estar com os filhos. Faz um movimento de recuo em relação ao paterno que revela a carência afetiva da relação com o paterno. O movimento de aproximação e afastamento das figuras

parentais é típico do desenvolvimento da adolescência, surgindo a necessidade de se evidenciar como diferente, separado e autónomo. Compreende-se que assim seja, pois a fase da adolescência é um período de alguma instabilidade psíquica que se situa entre a dependência e a proteção do Outro e, por outro lado, entre a autonomia e independência (Marques, 1999).

Anuncia o pai como sendo um *guerreiro* e um *herói* por ter trabalhado para dar sustento à família. Ao idealizar a figura paterna está a tentar colmatar a falha afetiva que existe na relação. Conforme sugere a tese defendida por Hollway & Jefferson (2000), o sujeito defendido é aquele que adota mecanismo(s) de defesa contra a ansiedade que o tema despoleta, como forma de proteger o sentimento de identidade, recorrendo ao discurso. Neste caso, a defesa contra a ansiedade prende-se com o investimento no discurso, passando a ser o sujeito discursivo. Este investimento na idealização da figura paterna, não substitui a ideia de ser um pai ausente (e pouco afetivo) e isso causa-lhe tristeza, apenas desvia a atenção do conflito e convoca algo idealizado para compensar a vulnerabilidade que isto causa no sentimento de identidade.

Nas questões ligadas à filiação, de acordo com Darchis (2000), a criação do laço de filiação vai depender em grande parte da qualidade do retorno que os pais fazem à família de origem para (re)organizar determinadas ideias *a priori*. De forma a construir o plano da parentalidade é preciso a atribuição simbólica aos novos conteúdos que darão origem ao laço filiativo. O autor defende ainda que quando este processo não é concluído com sucesso e há traumas passados na ordem do segredo fantasmático e do não-dito o laço de filiação entre os pais e o filho fica distorcido e sob ameaça.

A família tem um papel fulcral na transmissão da cultura que, através da intersubjetividade e da criação de laços de filiação e afiliação, irá contribuir para o desenvolvimento e formação da identidade. É nesta altura que surge um desfasamento na transmissão do padrão cultural em que, os pais dão-se conta da presença de dois modelos sociais e culturais, - o da sociedade de origem e o da sociedade de acolhimento – gerando um sentimento de confusão no domínio da identidade que é transmitido aos filhos. Podemos dizer então que, tanto o sujeito migrante como o seu filho, estão expostos a um panorama de “dupla ausência” (Sayad, 1999 citado por Moro & Giraud, 2004) de referenciais identitários.

Apesar das suas dúvidas e estranhamentos normais da adolescência, Luana explica-se muito bem relativamente à representação da dinâmica familiar e da representação de si mesma, isto é, fica claro o que ela considera como sendo proveitoso, em termos de representações psíquicas estruturadas e funcionais, ou o que considera conflitual. Perante isto, é possível observar uma

incessante procura de resolução do conflito que emerge. O conflito passa essencialmente pelo que está na ordem do que é transmitido (ou silenciado) pelas figuras parentais. Luana procura garantir o sentimento de uma identidade estruturada através do materno e do paterno. Embora seja mais evidente a identificação ao materno, através da transmissão psíquica, a sua relação com o paterno também tem grande importância e é reveladora de algo que é silenciado. Segundo Kaes (2005), a identificação é o meio mais comum para a assimilação da transmissão psíquica entre gerações. Assim sendo, Luana deveria ter recebido o transmitido tóxico dos pais e fazer disso material psíquico introjetado mas não herdado. O que acontece é que a idealização ocupa um lugar predominante com características fantasmáticas dos conteúdos psíquicos não elaborados inconscientes transmitidos pelos pais, que são consequência da perda das referências culturais e dos objetos perdidos. Luana idealiza uma ascensão ao bem, mas nunca consegue alcançar porque há elementos externos que a impedem de conseguir. Convoca uma atribuição externa que impera sobre a sua ascensão ao bom, parecendo isto ser da ordem do transmitido. Discretamente e com alguns receios, Luana pondera um plano de partida, pelo fato de este não ser um lugar bom. Em contrapartida, revela medo de partir e preocupação com o lugar que deixa para trás, visto que não é um lugar bom, mas é um lugar que ela não quer perder. Esta dinâmica psíquica revela semelhanças com a história de migração dos pais, convocando o fantasma da subjetividade migrante. A recuperação do mito familiar de que fala Prado (2000) está relacionado com esta dinâmica que Luana faz, de recuperar a história migratória dos pais, que se baseia na transmissão psíquica do não-dito por via do desejo (Rosa, 2001). O mito familiar pode remeter para vários acontecimentos da história individual, mas é essencialmente, através da intersubjetividade enquanto criadora do psiquismo e transmissora de conteúdos psíquicos elaborados e por elaborar, que este vai passando de geração em geração. Segundo a explicação de Levi-Strauss (1970), o mito é uma criação inconsciente e construção lógica de várias histórias passadas que sucedem ao longo do tempo e não se baseia apenas numa situação específica. Neste caso, Luana transporta consigo o mito familiar da experiência subjetiva da migração, quando pensa na procura de um outro lugar e nas consequências de deixar este lugar e, também, quando retoma parte da história de Cabo-Verde que os seus pais não mencionam e que de alguma maneira os ligam às origens.

O mito familiar permite a homeostase e, por isso, pode servir de mecanismo de defesa contra a angústia provocada por experiências dolorosas como a migração. Segundo Prado (2000), (citado por Gomes & Henriques, 2005) o mito aparece como uma forma de “manter a concordância grupal e fortalecer a manutenção de papéis de cada um (...) como uma espécie

de proteção à existência, na media em que promove um triunfo sobre as angústias” (p.33), “apresentando-se como um enunciado que ajuda a manter o equilíbrio familiar por compensar as anciloses, as desilusões” (p. 39). Luana dá continuidade ao silêncio da angústia vivida pelos pais e agora transmitida para ela, no sentido em que não sabe qual é o lugar dos pais nem o seu. Esta ideia de um lugar indeterminado e de suspensão entre o mundo interno e o mundo externo revela-se na falta de organização psíquica e na manutenção do mito, na ordem do não-nomeado. Isto é, o conflito existe, mas não é nomeado, caminhando para a confusão identitária.

Este processo organiza-se e degenera da transmissão psíquica da família, da qual Luana sofreu a alienação na sua identidade. Ao longo da sua narrativa quando fala de si, cria lugares estranhos que revela a ausência de atribuições simbólicas capazes de fazerem sentido e do sentimento de pertença. Herda um conjunto de conteúdos psíquicos causadores de confusões identitárias provocados pela impossibilidade de subjetivação.

Muitas vezes, a negociação entre o mundo interno e o mundo externo causa instabilidade no sentimento de identidade.

Conclusão

Foi, então, possível direcionar o projeto de tese para uma investigação acerca da construção da identidade e do processo de transmissão psíquica em adolescentes filhos de casais migrantes. O tema foi sempre desenvolvido em torno das questões do “cá” e do “lá”, isto é, o sentimento de pertença ao país de origem ou ao país das origens dos pais. Ou então, posta também em causa, a possibilidade de ausência do sentimento de pertença substituída pela alienação ao Outro *estrangeiro* e causada pela transmissão psíquica da geração anterior (migrante). A partir da pesquisa teórica e empírica, podemos, então, dizer que a confusão relativamente às referências culturais pode ser experienciada com algum sofrimento e sentimento de desespero, ou mesmo como perda da continuidade de si mesmo. O facto de o sujeito não conseguir integrar a cultura como algo contínuo e dinâmico em vez de perturbador, gera uma “esquizofrenia” identitária e um conflito psíquico entre identidade pessoal, étnica e social (Mata, 2014).

Ser português e africano, em terras portuguesas, sendo diferente e igual, sem no entanto, sentir-se como pessoa nascida nesta terra que é sua, perante as regras da sociedade portuguesa e frente a um contexto precário e desfavorecido para os jovens desta nova geração que muitas vezes são rotulados, suscita as perguntas: o que caracteriza o modo de ser português? Qual a identidade destes jovens descendentes de migrantes vista pela sociedade? Portuguesa, africana ou não tem expressão?

Com a análise dos dados obtidos nas entrevistas podemos destacar que o peso da herança cultural transmitida pelos pais tem um grande impacto no mundo interno do sujeito que recebe, que, por sua vez, tem implicações no processo de construção da identidade na fase da adolescência.

A metodologia utilizada para abordar a temática foi de natureza qualitativa e privilegia o acesso à vivência subjetiva do sujeito. O uso do Método das Narrativas de Associação Livre (FANI – Free Association Narrative Interview), proposto por Hollway e Jefferson (2000; 2008) permitiu solicitar e aceder à dimensão vivencial e experiencial do sujeito em vez de algo meramente biográfico ou formatado pela estrutura da entrevista. Neste caso, é concedido um espaço de escuta ao sujeito e é dada a oportunidade de expor na primeira pessoa a sua narrativa que tanta importância tem para o estudo destas temáticas. Acreditamos que a narração de histórias de vida fica mais próxima da vivência subjetiva da vida real do que métodos que deduzem explicações (Hollway, 2009), pois é no contato direto com o sujeito e na criação de um espaço

para a partilha psíquica intersubjetiva que a relação se proporciona e, é aí que surgem as problemáticas e o conflito que está encoberto pelas defesas inconscientes e pelo discurso manifesto.

Esta metodologia, apesar de não conceber hipóteses ou teorias *a priori*, desafia o investigador a pensar criativamente e a considerar o sujeito na relação como sendo único e resultado de vivências subjetivas que premeiam a construção da sua identidade e narrativa. Obriga também o investigador a se colocar numa atitude de escuta do Outro e a obter alguma sensibilidade para decifrar além do sentido literal das palavras. Como estudante vi-me confrontada com a minha inexperiência ao nível da recolha dos dados, no entanto este método possibilitou enfrentar as minhas dificuldades no sentido de se tornar enriquecedor e construtivo de uma reação intersubjetiva que foi para além da simples entrevista com perguntas e respostas. Foi através do estudo de caso e comparação dos casos, da exploração das relações entre pais e filhos, da interpretação subjetiva e simbólica da narrativa, do significado da experiência migrante, dos processos na construção da identidade que permitiu que a informação fosse organizada de acordo com os temas emergentes das narrativas e posteriormente cruzada com o enquadramento teórico.

Ao nível da psicologia clínica, existem poucos estudos acerca da transmissão psíquica entre pais migrantes e filhos que nasceram em Portugal e do impacto que isso tem na construção da identidade no período da adolescência. No entanto, partindo da ideia central que estas questões relacionadas com a migração que, neste caso específico envolvem um pano de fundo que remete para o silenciado existente e uma correspondência dominante-dominado que foram proporcionadas pela guerra colonial devem ser abordadas numa perspetiva multifatorial e atenta, tornando-se necessário considerar, não só, a exploração das vivências actuais, mas também do nosso contexto histórico-social.

Deste modo, é imprescindível desenvolver estudos para apurar a relevância dos (des)encontros psicossociais e culturais no que diz respeito à transmissão psíquica transgeracional. É igualmente importante definir quais as adaptações e os (re)ajustes psicológicos a considerar nas relações familiares, realçando as consequências da migração principalmente no relacionamento conjugal, na parentalidade e no impacto que tem na primeira infância ou na fase da adolescência. A vulnerabilidade psíquica que os pais enfrentam, tem repercussões no desenvolvimento e na relação com a criança e com o adolescente, sendo que o impacto é muito

maior nesta fase do desenvolvimento porque o psiquismo está em processo de maturação e, por isso, encontra-se frágil.

Na prática clínica, é essencial um trabalho no sentido de suspender a repetição de vivências geração após geração. Em primeiro lugar, é fulcral o trabalho feito com o sujeito migrante para compensar o sentimento de desamparo e a perda das referências culturais e identitárias.

Em segundo lugar, no trabalho com os jovens, é necessário potencializar o sentimento de identidade e fornecer as ferramentas necessárias para consolidar a (des)organização psíquica que está aprisionada a uma herança cultural. Neste sentido, é útil que os clínicos construam um trabalho de preparação para este tipo de problemáticas que estão diretamente relacionadas com a cultura e com o passado histórico.

Referências Bibliográficas

- Barros, M. L., & Bairrão, J. F. (2010). Etnopsicanálise: Embasamento crítico sobre teoria e prática terapêutica. *Revista da SPAGESP – Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*, 11(1), 45-54.
- Bossé, M., L. (2004). As questões de identidade em geografia cultural: algumas concepções contemporâneas. In Rosendahl, Z.; Corrêa, R. L. (Orgs.). *Paisagens, textos e identidade*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 157-179.
- Bouche-Florin, L., Skandrani, S. M., & Moro, M. R. (2007). La construction identitaire chez l'adolescent de parents migrants. Analyse croisée du processus identitaire. *Santé mentale au Québec*, 32(1), 213-227.
- Casey, Edward S. (2001). Between Geography and Philosophy: what does it mean to be in the placeworld? *Annals of the Association of American Geographers*, 91(4), 683-693.
- Darchis, E. (2002). L'instauration de la parentalité et ses avatars. *Le divan familial – blessures de la filiation*. *Revue de thérapie familiale psychanalytique*. Automne. Paris: Press Éditions.
- Devereux, G. (2009). *La renonciation à l'identité: Défense contre l'anéantissement*. Saint-Germain, Paris: Petite Bibliothèque Payot.
- Eiguer, A. (1984). *La thérapie psychanalytique de couple*. Paris, Dunod.
- Faimberg, H. (2006). El telescopage de generaciones: genealogia de las identificaciones alienantes. In El telescopage de generaciones: A la escucha de los lazos narcisistas entre generaciones *Madrid: Amorrortu editores*, 23-45.
- Gomes, I., C. & Henriques, M., I. (2005). Mito familiar e transmissão psíquica: uma reflexão temática de forma lúdica. *Psychê*, 16, 183-196.
- Grinberg, L. & Grinberg, R. (1996). *Migração e exílio. Estudo psicanalítico*. Lisboa: Climepsi.
- Hall, Stuart (2006). A identidade cultural na pós-modernidade. (Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro, Trad.). (11ª ed). Rio de Janeiro: DP&A.
- Hermans, H., J., M., & Kempen, H., J., G. (1998). Moving cultures : The perilous problems of cultural dichotomies in a globalizing society, *American Psychologist*, 53, 1111 – 1120.
- Hollway, W., & Jefferson, T. (2000). *Doing qualitative research differently: Free association, narrative and the interview method*. London: Sage Publications.

- Hollway, W., & Jefferson, T. (2008). The free association narrative interview method. In L. M. Given (Ed.), *The SAGE encyclopedia of qualitative research methods* (pp. 296-315). Sevenoaks, California: Sage.
- Hollway, W. (2009). Relationality: The Intersubjective foundations of Identity. In *The Sage Handbook Of Identities (Chap. 11, p. 216-232)*. M. Wetherell.
- Jacques, M. da G. C. Identidade e trabalho. In: Cattani, A. D.; Holzmann, L. Dicionário de trabalho e tecnologia. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2006.
- Kaes, R. (1993). *Transmission de la vie psychique entre générations*. Paris: Dunod.
- Kaes, R. (2001). Introdução: O sujeito da herança. In Kaes, René et al. *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lecomte, Y., Jama, S. & Legault, G. (2006). Présentation : L'ethnopsychiatrie. *Santé mentale au Québec, 31(2), 7-27*.
- Machado, F., L. (1994). Luso-africanos em Portugal: nas margens da etnicidade. *Sociologia, Problemas e Práticas, 16, 111-134*.
- Marandola, Jr., E. (2014). *Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana*. São Paulo: Blucher.
- Marques, M. E. (1999). *A psicologia clínica e o rorschach*. Lisboa: Climepsi
- Mata, I. (2014). Estranho em permanência: a negociação da identidade portuguesa na pós-colonialidade. *Revista de cultura política: Crítica e Sociedade, 4, (1), 5-34*.
- Mohamed, A. (2001). Vivre son adolescence à la croisée de deux cultures: Entre crise identitaire, rupture, délinquance et galère? *VEI Enjeux, 126, 166-186*.
- Moro, M. R. (1992). Principes théoriques et méthodologiques de l'ethnopsychiatrie: L'exemple du travail avec les enfants de migrants et leurs familles. *Santé Mentale au Québec, 17(2), 71-98*.
- Moro, M. R. (1994). *Parents en exil, psychopathologie et migrations*. Paris: PUF.

- Moro, M. R. (2003). Parents-enfants en situation migratoire: Une nouvelle clinique des métissages. In T. Baubet & M. R. Moro (Eds.), *Psychiatrie et Migrations*. Paris: Masson.
- Moro, M. R. (2004). *Psychothérapie transculturelle de l'enfant et d'adolescent*. Paris: Dunod.
- Moro, M. R. (2014). Parenthood in Migration: How to Face Vulnerability. *Cult Med Psychiatry*. 38, 13-27.
- Moro, M. R. (2015). Psicoterapia transcultural da migração. *Psicologia USP*. 26 (2), 186-192.
- Pastori, S. S. (2006). *Mudança de lugar/lugar de mudança: Impasses psíquicos no processo migratório* (Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo).
- Recuperado de http://www.bc.ufpa.br/Portal/...2006/PASTORI_Suzana.htm
- Prado, M., C., A. (2000). Questões edípicas na inversão de gerações. *Psicologia Clínica*. 12(1), 147-169. Rio de Janeiro.
- Rosa, M., D. (2001). O não dito familiar e a transmissão da história. *Psychê Revista de Psicanálise*. 5 (8), p. 123-137.
- Yin, R. K. (2015). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 5. ed. Porto Alegre: Bookman.
- Woodward, Khateryn. (2011). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In Silva, T., S. (org.); Stuart Hall; Woodward, Kathryn. Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. (10 Ed). Petrópolis: Vozes.7-72.

ANEXOS

Anexo A: Carta de Consentimento Informado para os Participantes

Carta de Consentimento Informado

Venho por este meio pedir a sua participação na presente investigação, no âmbito da dissertação de mestrado realizada por mim, Isabel de Oliveira Ramos, aluna do 5º ano a frequentar o Mestrado Integrado em Psicologia Clínica no ISPA - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, no sentido de desenvolver estudo sobre a construção identitária e o processo de transmissão psíquica em filhos de casais migrantes. Para o efeito, será realizada uma entrevista com a duração média de 50 minutos e será necessária a sua gravação. Os dados da gravação serão utilizados apenas na investigação, mantendo o anonimato dos mesmos, isto é, toda a informação que identifique o participante é eliminada, de maneira a não existirem possíveis riscos ou danos sociais.

A qualquer momento, o participante poderá interromper e desistir da sua participação sem qualquer tipo de consequências. Poderá colocar todas as dúvidas que tenha em relação ao procedimento ou a qualquer outro assunto.

A sua participação será de grande relevância para a compreensão deste fenómeno, visto que neste tipo de investigações o que se pretende é obter resultados o mais próximo possível da realidade individual através do acesso à experiência e vivência subjetiva.

A assinatura neste documento serve para indicar que li, compreendi e concordei com toda a informação contida nesta carta de consentimento informado.

O/A participante

A investigadora

Anexo B: Transcrição da Entrevista do Abel

Abel, 19 anos, nasceu em Portugal e tem nacionalidade são-tomense

(E: Entrevistadora; A: Abel)

E: Basicamente a minha pergunta inicial é: Como achas que é ser casal em São Tomé e cá em Portugal?

A: Eu penso que em São Tomé... Ser casal se calhar é mais fácil lá do que aqui. Tipo porque as pessoas são originárias de lá, conhecem-se todas umas às outras, tipo se as pessoas têm um problema é muito mais fácil ajudarem-se umas às outras, o nível de vida é baixo, tanto que uma pessoa ganha lá chega pra todas as despesas da casa e isso, e não há muitas áreas urbanas como cá em Portugal. Tipo a maioria das pessoas, acho que os meus pais viviam em barracas e isso mas o meu pai trabalhou muito para estar cá. Ya e no início foi tudo muito complicado, nós não conseguimos ter uma casa assim... no início foi tudo muito complicado, mas eu penso que lá, ser casal em São Tomé é muito mais fácil do que cá.

E: Hum hum

A: Haaa, deixa lá ver mais... Também o nível de adaptação, acho que é um pouco um choque cultural, eu nasci cá já tou habituado à cultura portuguesa, à gastronomia e isso, mas os meus pais demoraram muito tempo a habituar-se cá, tanto o clima, como lá em São Tomé é um clima tropical, raramente está esse calor tão abafante como é cá em Portugal e penso que isso afetou-os muito no início. Também o nível de vida, aqui para uma pessoa ter uma vida estável se calhar tem que trabalhar muito e nós como eramos, somos 4, 5 irmãos e criar 5 irmãos foi um bocado difícil no início. Eu por exemplo nasci cá, mas os meus irmãos são 4 e eles não chegaram logo, não vieram todos de rajada, tipo primeiro veio o meu pai, trouxe os filhos, depois a minha mãe ficou lá, depois arranjou passagem para vir, foram muitas complicações... mas o maior motivo de os meus pais terem saído de São Tomé foi tentar dar qualidade de vida aos filhos porque o nível de educação em São Tomé, hoje em dia já é muito melhor, tem protocolos com países asiáticos mas na altura não era muito bom e tanto uma pessoa chega ao 10º ano e lá as universidades que tem são praticamente todas de engenharia e uma pessoa quer seguir um curso diferente, tem que arranjar bolsa do Estado para estudar fora e isso, e os meus pais acharam que era melhor vir pra cá para ter melhor qualidade de vida, dar-nos um melhor acesso à educação e a prova disso é que nós chegamos todos à faculdade. Uns já estão formados outros não... mas todos seguimos o nosso caminho na educação somos uma família muito esforçada e pelo

feedback que eu tenho da região onde eu moro, a maioria das pessoas estuda muito para conseguir dar uma qualidade de vida melhor aos nossos pais quando eles forem mais velhos e isso, eu penso que foi mais por aí... A língua nunca foi um problema, talvez se calhar um pouco para a minha mãe porque ela falava muito dialecto lá e não costumava falar muito português. Pelo que vi quando estive lá, a maioria das pessoas fala dialeto e o português é muito diferente do de cá, muito diferente... tanto a forma como eles falam, o vocabulário e isso, as pessoas mais idosas raramente sabem falar português. Eu estando lá e tendo raízes são tomenses eu não estava muito confortável em relação à comunicação devido a não saber falar dialeto e lá acho que tem 4 diferentes dialetos e as pessoas não se resignam muito a querer falar português, normalmente quem fala português lá tipo é as classes mais altas, o presidente, os advogados, os médicos, é a classe mais elevada do país é que fala português, maioritariamente do resto não fala português. Quer que fale mais alguma coisa? Se tiver mais alguma pergunta assim para eu desenvolver mais...

(Bate o relógio)

E: Normalmente as pessoas vêm para cá para procurar uma melhor qualidade de vida, é isso?

A: Sim mas uma coisa que eu vejo e, eu acho é que as pessoas em África sabem saborear melhor a vida, eu penso que a população lá é mais feliz com o pouco que tem do que cá, eu estive lá pouco tempo e o pouco tempo que tive lá, não sei explicar, eu tive outro tipo de sensações, tive muito livre, é um clima, é um país muito mais tranquilo, menos azáfama e eu penso que aqui em Portugal... Eu pessoalmente que estudo em Lisboa parece que passa tudo a lado, é uma vida muito agitada, por mais que a pessoa tente ser calma a agitação acaba por se apoderar da pessoa, sei lá, às vezes temos que apanhar o metro, correr para o barco, apanhar o autocarro, é tudo uma azáfama. Eu pessoalmente, eu acho isso, eu tenho colegas que dizem o mesmo, eu tenho vários colegas africanos, angolanos, cabo-verdianos, guineenses e eles dizem a mesma coisa, a vida lá é muito mais tranquila, tudo tem os seus prós e contras. Em São Tomé, por exemplo há algumas restrições em caso de transportes públicos, lá só tem autocarro, metro não há, é uma ilha, não tem comboio, eléctrico. Só tem o barco porque São Tomé são varias ilhas, é a ilha de São Tomé, a ilha de Príncipe e depois tem alguns ilhéus. Temos que viajar de barco ou de avião mas normalmente a nível de transportes públicos isso é muito complicado, lá é muito diferente no tipo por exemplo, a nível de transito, não há sinais de trânsito, as pessoas regem-se basicamente pelas apitadelas do carro e a maioria das pessoas consegue andar sem ter carta e maioria das pessoas andam de mota. Compram uma mota e podem andar, não têm carta e andam de mota

pela região inteira, o país não é muito grande né, e a maioria das pessoas anda de mota, é muito raro andarem de autocarro. As pessoas que moram nos arredores da cidade se quiserem ir para a cidade, há motoqueiros que alugam, que usam a mota como se fosse um táxi e apanham a mota e vão pá cidade, basicamente é isso. Deixa lá ver mais... a nível... sinceramente acho que isso é a maior vantagem de lá, também conhecer as raízes, eu também nunca conheci bem São Tomé e quando fui lá fiquei muito surpreendido porque eu tava muito reticente em conhecer o meu país porque estou habituado a Portugal, eu pensava que lá, é completamente uma realidade diferente, mas pensava que seria um choque maior...

E: Quando foste lá?

A: Fui lá em 2015, tinha 16 anos, a minha mãe já não ia lá acho que era à mais de 20 anos e fui lá eu, a minha mãe e o meu irmão. O meu pai costuma ir lá todos os anos praticamente.

E: Em trabalho?

A: Não, ele vai visitar família, às vezes vai em trabalho. Essencialmente é isso... eu tenho uma família muito grande e quando eu tava lá, eu tenho tios que estudaram fora e eles me contavam, quer dizer, eu tenho dois tios que estudaram em Cuba, por bolsa de São Tomé eles foram estudar engenharia aeronáutica em Cuba, acho que foi um curso desses e o que eles me disseram é que... eu perguntei porque é que eles não queriam viver em Portugal ou fora de São Tomé e eles disseram que, acham o mesmo que viver em São Tomé e tentar fazer algo diferente para que o país cresça é isso que faz a diferença, ele acha que do ponto de vista dele que emigrar não era a solução, ou seja, deviam estar lá, deviam ficar lá pa tentar marcar a diferença. O resto do povo que quisesse subir na vida tentaria fazer do mesmo jeito. Mas infelizmente isso não é possível a toda a gente. Muita gente emigra e eu quando apanhei o avião pa São Tomé tinha lá muita gente, o avião tava completamente cheio de pessoas que iam visitar São Tomé de novo ou iam lá passar férias, basicamente é isso. Aqui por acaso não tem uma comunidade São Tomense tão grande mas onde eu vivia antes havia muita gente que saiu de São Tomé.

E: Onde vivias?

A: Eiii, esqueci-me...

E: Mas era aqui no Barreiro?

A: Não, era em Lisboa. Eu esqueci o nome completamente, eu era bebé ainda. Me esqueci mas havia lá uma comunidade de São Tomé. Eu acho que é isso, pronto a nível de educação aquilo tá a subir muito...

E: Então devido às dificuldades de lá (a nível de qualidade de vida) significa que é mais fácil ser um casal cá?

A: Isso depende muito... Eu acho que isso depende de vários fatores, talvez pra, sei lá, um casal com menos filhos se calhar é muito mais fácil, eu tenho plena noção que se nos fossemos os 5 viver pra São Tomé viver com os meus pais, talvez o meu pai ia ter mais dificuldade para arranjar a mesma quantia de dinheiro pra nos sustentar lá do que cá, eu acho que ao ele trabalhar cá e a minha mãe trabalhar cá, já tão no emprego à muito tempo, tem uma maior estabilidade tanto no emprego e financeira que nos consegue dar tudo.

Eu sempre que tive em Portugal, sempre que estive cá nunca passei fome, os meus pais sempre conseguiram sustentar, todas as dificuldades que tivemos conseguimos superar, eu nunca me queixei de nada... talvez goste da maneira de ter nos dado assim, como nasci neste panorama, isso se calhar fez me valorizar muito o esforço, a dedicação, nunca querer desapontar os meus pais, sempre tirar boas notas na escola, eu acho que foi por aí, que eu tentei os compensar, eu não posso compensar com dinheiro, só posso compensar com a confiança que eles depositam em mim e tentar ser o melhor aluno possível e a melhor pessoa possível, sempre tive uma boa educação e eu acho que foi muito por aí. Os meus irmãos também pensam da mesma forma, nós sempre valorizamos muito, muito, acima de qualquer coisa nós valorizamos muito a nossa família, eu aposto que todos os casais que vieram de São Tomé, ai, de África, tiveram as suas dificuldades e uns superaram melhor que outros, eu acredito que nós valorizamos a nossa família mais do que qualquer outra coisa. O que eu posso dizer, por experiência própria, o que eu vejo à volta nas famílias africanas é sempre tipo a figura paternal que se esforça mais, eu praticamente fui educado pela minha mãe e pelo meu irmão mais velho, o meu pai raramente estava em casa porque tinha trabalhar, trabalhar, trabalhar, para nos sustentar e foi muito por ai. Por isso é que eu valorizo muito mais o meu pai porque só ele sabe o quanto é que ele teve de se esforçar para nós estarmos estáveis hoje em dia e eu ter tido irmãos que me conseguiram sempre levar no caminho certo porque viver num bairro nunca é fácil porque há muitas tentações, muitos caminhos fáceis a seguir, as pessoas podem se perder muito facilmente e o que eu acho é que se eu não tivesse a família que eu tenho e nunca tivesse saído de São Tomé não tinha tudo o que tenho hoje. Nós não somos uma família rica, mas eu acho que somos uma rica família por tudo o que passamos e tudo o que temos hoje em dia, eu acho que estamos muito bem, talvez a nossa relação, sei lá, com o meu pai nunca foi muito afetuosa, mas pelo que ele fez eu acho que sim, ele foi o herói da família por tudo o que ele fez, sustentar-nos a nos e isso, trabalhar muito, raramente o via, tavamos mais juntos nas coisas especiais, no natal,

nenhum aniversário dele celebramos praticamente. É uma pessoa guerreira e eu acho que por aí, hoje em dia pra mim, dado ao que se passou, os meus pais se viessem pa São Tomé se calhar, se voltassem pa São Tomé se calhar não seria tão fácil como estamos aqui agora. Pra mim é esse ponto de vista.

E: Hum hum

A: E já tou muito habituado cá em Portugal e ir pa São Tomé acabaria por, sei lá, pôr em causa a minha vida académica e isso, mas eu penso um dia seriamente quando for mais velho poder retornar a São Tomé se as coisas tiverem melhores, sim.

E: Gostarias de voltar lá?

A: Sim gostaria, mas e sim pra viver, se eu tivesse boas condições de trabalho aí sim eu voltaria e formaria a minha família lá. Se fosse hoje em dia não, porque eu sou uma pessoa com uma mente muito aberta e eu sei muito bem o que se passa na maioria dos países africanos, nós temos condições pra evoluir mas as pessoas que estão no poder dificultam muito isso, os líderes têm formas pra conseguir investir, tem dinheiro, tem muito capital mas o capital eles não investem nas coisas certas, na educação, na saúde, não investem no país. Por exemplo, uma coisa que me deixou muito chocado quando fui lá a São Tomé tipo ver no mar barcos encalhados. Tipo isso não cabe na cabeça de ninguém ver vários barcos encalhados no mar. Isso tanto no ponto de vista paisagístico é muito negativo, eu perguntei ao meu pai porque é que os barcos tavam encalhados e é porque as pessoas não querem gastar dinheiro a tirar os barcos de lá. Eu acho isso muito estranho por exemplo. São essas pequenas coisas que me faz pensar muito, agora a nível de alimentação não me posso queixar, é um país com muitos recursos naturais, lá eu duvido muito que as pessoas passem fome porque a maioria do país está coberta por savanas, florestas, são coisas perigosas né, roças, roças de gente rica, tem muitos recursos naturais e as pessoas se tiverem fome não passam fome porque têm, é um país com muita diversidade de comida, nesse facto não havia complicação, agora a nível de infraestruturas o país tem de evoluir muito, muito. Para passar férias claro que pra mim é muito bom, agora viver é uma realidade completamente diferente, eu não sei como vai estar o país daqui a 10/15 anos mas se o país crescesse sustentavelmente claro que queria voltar lá. Mas hoje em dia estou muito feliz em Portugal, dá-me tudo praticamente, tudo, tudo, tudo. Só me posso talvez queixar de, sei lá, às vezes aqui sinto-me um pouco mais, como é que hei-de dizer? Às vezes, há situações cá que às vezes sinto-me estrangeiro devido a coisas que acontecem. Eu sei muito bem que, hoje em dia se calhar é mais aceite, mas há pessoas que não aceitam muito

bem os PALOPS estarem cá em Portugal. E tem sido maior as migrações pra cá. Não tou a dizer que isso é a maioria da população, mas eu sinto um pouco esse preconceito, mas como nasci cá já tou habituado, eu habituo-me mas não é uma coisa que fique contente né, eu às vezes sinto um pouco de preconceito. Eu acho que isso não é nada bom, é a única coisa que me aborrece, de resto cá em Portugal dá-me tudo. Mais alguma questão?

E: Bom, então como casal o que te transmitem os teus pais? Que seriam mais felizes cá ou lá, se sentem diferenças...?

A: Definitivamente o plano dos meus pais era assim: é nos formarmos e arranjar a nossa vida e eles voltam pa São Tomé, eles sentem-se muito mais felizes em São Tomé, é uma realidade completamente diferente, eles viveram lá 20 e tal anos, nasceram lá, criaram raízes lá e eles sentem-se muito mais felizes lá, principalmente a minha mãe.

E: Eles falam-te disso?

A: Sim falam, falam. Eles falam muito de histórias que acontecem, eles têm muita proximidade, as pessoas, eles conhecem a maioria das pessoas e às vezes quando as pessoas falecem, o meu pai conta na minha mãe e a minha mãe conta no meu pai, eles ficam tristes porque conhecem maioria das pessoas. Eles criaram uma vida lá e se eles não tivessem filhos, eles provavelmente ficavam lá, eles querem muito voltar pra lá, eles estão à espera que nos construámos a nossa vida, conseguimos arranjar estabilidade, e eles voltam pra lá, sentem-se muito mais felizes lá definitivamente.

E: Porque achas que se sentem mais felizes lá?

A: Eu acho que por mais que eles se habituem eles nunca se vão habituar assim tanto. Eles acham que Portugal é um país muito, muito, muito, muito agitado e para as pessoas que viveram num país muito calmo, que se vive numa forma muito relaxada, eu acho que isso tem um impacto muito grande. Eu acho que sinceramente as pessoas que trabalham em Portugal não aproveitam muito a vida que têm, trabalham 11 meses num ano e só têm um mês pa aproveitar e as vezes nem esse mês de férias eles aproveitam. Eu acho que a maioria da população de Portugal não aproveita a vida que tem. É uma vida muito rotinada, acordam, trabalham, voltam pra casa, normalmente as mulheres fazem o jantar, às vezes vêm um pouco de televisão, cama e voltam à mesma rotina.

E: E lá fazem o quê?

A: Os horários são muito mais doseados, trabalham pouco mais de 5/6 horas, vão pra casa porque lá o horário é completamente diferente, já tá de dia pra lá as 5 da manhã e escurece por volta das 18h da tarde, no horário de verão, não de inverno é assim. As pessoas trabalham poucas horas ao dia e no resto do dia têm as suas plantações e vão plantar ou assim.

As pessoas cá em Portugal têm a sua família e eu acho que a conexão que têm dentro da sua família é um pouco mais afastada, eu por exemplo acho muito isso. Também porque é um país maior né, mas eu acho que a nível de família as pessoas estão mais distanciadas, parece que há uma certa barreira e eu acho que em São Tomé é muito difícil isso acontecer, as pessoas são muito acolhedoras, são muito próximas umas das outras e é daí que eu parto do princípio da felicidade, as pessoas com o pouco que tem são muito felizes. Eu acho que cá em Portugal... duvido muito que a maioria das pessoas sejam muito felizes.

E: Pelo facto de lá se ter mais tempo livre...

A: Sim é isso, potencia muito mais a relação, a relação com a família, eu sinceramente acho que se uma pessoa tiver muito bem com a sua família que é uma premissa básica para se estar bem consigo mesmo, eu parto daí pela felicidade. Por exemplo, os jovens lá em São Tomé... haaa... a única forma de eles tentarem ser alguém na vida tem que ser pela educação e eles lá valorizam muito a educação, valorizam muito. Claro que há jovens que se perdem né, mas a maioria dos jovens valorizam muito a educação e eu cá em Portugal não noto muito isso, eu pelo *background* que tenho eu valorizo muito a educação e eu tenho amigos ou conhecidos que saem da escola muito cedo, muito facilmente e eu pessoalmente acho que o Estado português dá muitas hipóteses... Por exemplo, acabar o 12º ano, em São Tomé não sei se há cursos profissionais, toda a gente vai pelo ensino regular e eu acho que em Portugal dão muitas facilidades em relação a isso e só não acaba o secundário quem não quer... por aí, por exemplo, eu acho que as pessoas falham um pouco aqui em Portugal, por aí... e os jovens hoje em dia estão muito infelizes e como estão infelizes vão-se refugiar onde? Na bebida, nas drogas, andam em maus ambientes, saem muito à noite, perdem-se muito nisso... eu não critico quem sai à noite mas depende do objetivo que a pessoa tenha, se calhar para se divertir, para desanuviar a cabeça, talvez por terem estado 9 horas só a estudar, a estudar, a estudar. Mas o que eu acho é que a maioria dos jovens se perde muito nisso talvez por serem infelizes na vida. Muito infelizes mesmo...

E: E isso tem a ver com os valores que os pais transmitem...

A: Claramente, muito a ver com os valores mas as vezes os pais podem transmitir bons valores e as pessoas mesmo assim não acatam. Há pais muito impecáveis, dão uma ótima educação e depois os filhos não correspondem a esses valores e depois uma pessoa que não conhece os pais e vê os filhos assim desorientados, pensam que os pais não lhes deram uma boa educação ou não lhes educaram como deve ser, por aí. Mais alguma pergunta? Pode perguntar à vontade, é na boa.

E: Os teus pais contam-te como é ser casal?

A: Eles maioritariamente falam de memórias de lá mas o que eles falam para nós constituir família... eu acho que em Portugal dá-me todas as condições para eu constituir família e basicamente é isso que o meu pai pensa, que hoje em dia se nós quisermos ter uma vida estável e constituir uma família, Portugal dá-nos todas as condições. O que eu acho é: eu posso constituir família cá, mas um dia viver em São Tomé com a minha família, isso pode nunca vir a acontecer, não é o meu primeiro objetivo, mas se calhar é algo que eu queria adquirir na minha vida. Ser bem-sucedido na minha terra natal, tentar fazer crescer o país, fazer a diferença, eu acho que qualquer pessoa que queira ser bem-sucedida na vida queira marcar a diferença, pelo menos tento marcar a diferença em tudo aquilo que eu faço, a nível educacional. Aqui em Portugal, a maioria da população negra, há muitos perdidos aí na rua, há muitos que pensam como eu, que querem ser bem-sucedidos na vida, querem ser um *role model* para o resto da população africana, é como... sei lá, há muitas pessoas da etnia africana, prontos, da minha raça, dos pretos, que marcaram a diferença e eu gostava de ser uma pessoa tal como eles para tentar orientar as pessoas na vida. Ver uma pessoa como objetivo e tentar chegar a ela e fazer melhor, por exemplo isso.

Eu acho que atualmente em São Tomé são poucas as pessoas que querem fazer isso e as que querem fazer sentem uma barreira para tentar mudar porque as pessoas que estão no poder sentem-se mais cómodas ao ver como o país está porque estão a lucrar, do que ver o país a ter transformações lentas mas eficazes e tentar fazer melhorar o país, e eu acho que isso é a maior barreira de hoje em dia e eu gostava muito que a mentalidade africana mudasse muito em relação a isso porque África não cresce mais porque os líderes não querem, há muitos objetivos por trás disso, muitos objetivos. Talvez os países africanos estariam muito piores se não tivessem os recursos naturais que muitos países do Ocidente, países asiáticos queiram, por exemplo, o petróleo, diamantes, não sei. Esses recursos naturais são muito vazados do dia para o mercado internacional. Talvez se não fosse isso o país não estaria tão bem, mas se calhar era

outra forma de conseguirem crescer, pouco a pouco. Pelo turismo, por exemplo, o turismo deve ser a maior potência de São Tomé, o turismo, quando eu tava lá tinha muitos turistas. E pronto, a nível de trabalho, pra quem tira biologia marinha tem muitos investigadores de todos os cantos do mundo que trabalham em Príncipe devido a uma espécie de tartaruga do mundo que está lá e eles fazem estudos e isso, por exemplo, por aí. Isso foi uma forma de potenciar o país porque entram dívidas externas e vão lá pessoas novas, cria-se postos de trabalho, isso é outra forma e depois há o turismo, mas eu não gostaria que o país tivesse apenas dependente do turismo para crescer, deviam de tentar criar a longo prazo outras formas de sustentar o país. Respondendo à sua pergunta, eu acho que Portugal tem tudo para uma pessoa construir a sua vida.

E: Então seria melhor construir família cá...

A: Atualmente sim, sem dúvida que seria melhor cá. Sem dúvida mesmo...

E: Então significa que ser casal cá e lá não tem nada a ver...

A: Não, não tem nada a ver. Não tem nada a ver mesmo. Eu até acho que é muito mais fácil um casal a nível de sentimentos talvez é muito mais fácil um casal divorciar-se, separar-se cá do que lá.

E: Porquê?

A: Eu acho que Portugal tem muitas... como é que hei-de dizer? Tem muitas tentações... Tantas provas a nível do casal, é muito fácil um casal perder-se cá do que lá em São Tomé, é muito fácil. Há várias coisas que pode fazer um casal divorciar-se e tanto como eu disse à bocado eu aposto que os casais lá em São Tomé são muito mais felizes do que cá e têm menos motivos para, sei lá, desconfiar um do outro, do que cá. Também pela rotina de vida do português à noite, os maridos saem muitos à noite, as mulheres ou os maridos viajam muito, a mulher vê menos vezes o marido do que em São Tomé, é muito mais por aí. Mas claro, se for um casal com cabeça, tronco e membros é muito difícil acontecer, tanto pode acontecer em São Tomé como cá mas é muito mais provável acontecer cá do que lá.

E: O que é um casal com cabeça tronco e membros?

A: O que é um casal com cabeça tronco e membros? Sei lá... haaa, sei lá, respeito, respeito mútuo, confiar muito um no outro porque eu acho que hoje em dia há muitos ciúmes, os casais são muito ciumentos, eu falo por experiência própria e pelo que eu vejo, tanto o homem como a mulher desconfiam muito um do outro e eu acho que sinceramente em São Tomé as pessoas como, sei lá, o país é pequeno e o casal se calhar cresceu, cresceram os dois no mesmo meio e

conhecem-se muito melhor um ao outro, é muito mais difícil pra eles gerarem aquelas desconfianças. Aqui em Portugal eu não sei no meu futuro, mas eu sou de Setúbal e posso vir a ter uma mulher de Coimbra ou de Aveiro e temos tido a maioria da vida sem nos conhecermos, eu não sei a vida pessoal anterior dela ou posso vir a conhecer, mas nunca saberei a 100% e é muito mais difícil eu conhece-la ao mesmo período de tempo que uma pessoa em São Tomé e se calhar ter o mesmo nível de confiança.

E: Porque lá conhecem-se desde cedo?

A: Sim é isso, o país é pequeno, é muito mais fácil conhecerem-se um ao outro. Por exemplo, o meu pai e a minha mãe, pelo que eu sei, eles estão juntos desde os 16 anos e foram raras as discussões que há cá em casa, por exemplo, por aí, conhecem-se um ao outro, ela sempre conheceu a família dele, ele sempre conheceu a família dela, por aí. Têm mais proximidade e confiança, se calhar, do jeito que o meu pai vive, ele nunca está em casa, está sempre a trabalhar, eu acredito que os portugueses, se calhar também estejam na mesma situação, se calhar a mulher pode ter mais desconfiança sobre aquilo que o marido possa estar a fazer, pode não estar a trabalhar, do que por exemplo neste caso a minha mãe. Porque o meu pai esta sempre a trabalhar, viaja muito por aí

E: Mas mantêm a confiança...?

A: Sim mantêm a confiança, eu noto isso, muito grande mesmo. Eu não estou a dizer que há casais que não tenham essa confiança, eu creio que há, mas a percentagem de desconfiança tende muito mais para os casais cá em Portugal, claramente.
(silêncio)

E: O que é que faz com que isso aconteça?

A: Não sei, isso talvez tenha a ver com o ADN do português, não sei (risos). Deve ser mesmo do estilo de vida, deve ser mesmo por aí.

E: Lá as pessoas confiam mais umas nas outras...

A: Claramente, confiam mais umas nas outras e possivelmente se o marido tiver na cabeça em, sei lá, em querer ter interesse noutra mulher é muito fácil a outra pessoa saber se ele “pisou na bola ou não”, é muito por aí.

E: É fácil...

A: É, porque, sei lá, eu creio que o país inteiro é quase como se fosse uma família e como a população é muito pequena, as pessoas conhecem-se muito umas às outras, vê-se muita coisa, é muito fácil, é muito fácil mesmo, muito fácil. Se um dia tiver oportunidade de visitar lá vai ver, vai ver. Também as viagens pra lá não são baratas né, não são baratas mesmo. Também se calhar isso foi uma das razões para que a minha mãe demorasse tanto tempo a arranjar viagens para nós os 3 irmos pra lá, é muito caro. Para uma pessoa já é caro, para 3 pessoas já é muiiito caro, mas pronto, consegui ir visitar o país... E o que eu falo não é só em relação ao tempo que eu estive lá, porque eu estive lá praticamente 1 mês, mas também pelo que os meus irmãos transmitem desde que eu sou pequeno, nós falamos muito, muito, muito. Também tive sempre muita curiosidade em conhecer São Tomé e ouvia muitos relatos dos meus pais, dos meus irmãos e sempre tive aquela cena de querer conhecer o meu país-natal... Fiquei muito surpreendido...

E: Os teus irmãos já constituíram família?

A: Não, só o meu irmão mais velho é que tem. O meu irmão acho que tem namorada mas não constituiu bem família com ela, não vive com ela. Depois a minha irmã está a trabalhar na Dinamarca e o meu irmão tá acabar ou vai começar o mestrado no ISCTE. Estamos quase todos ainda a estudar, mas atualmente só vivo eu, o meu pai, a minha mãe e o meu irmão que tá a estudar cá, de resto já não moram connosco.

E: Então o teu irmão mais velho sabe como é ser casal lá...?

A: Não, só cá mesmo. O meu irmão mais velho estudou lá até à 7ª classe, eles tiveram uma boa parte da infância lá, depois eu e a minha irmã já vivemos a infância cá. Ela andou no infantário cá e eu também, sempre cá. Por isso é que é muito fácil, eu consigo fazer as comparações de cá e de lá porque os meus irmãos contam de lá e eu conto de cá e eles também viveram a maior parte do tempo cá.

Eu espero mesmo que um dia São Tomé consiga se emancipar, mas até lá é um caminho, uma estrada longa e dura.

E: Ainda à pouco disseste que as pessoas conhecem-se todas, então comunicam muito entre si...

A: Sim, sim, sim. Comunicam muito umas com as outras, é muito frequente as pessoas lá ou comerem juntas no mesmo meio ou comeram na casa dos outros, porque até tipo o tempo de trabalho que se tem lá possibilita isso, terem uma vida muito tranquila e eles conseguem-se

encontrar muito uns com os outros e normalmente as pessoas têm sempre a mesma altura para ir comprar comida ou ir à cidade tratar de qualquer coisa, ou ir à cidade jantar ou sei lá, praticar atividades livres... Humm, mais alguma pergunta?

E: Concluindo, os teus pais como casal pode-se dizer que são um exemplo para ti...

A: Sim, sim, eu acho que sim... Eu digo isso porque nenhum dos meus irmãos se desviou por maus caminhos e eu acho que isso para um pai ao ver que os filhos seguiram o caminho correto, eu acho que isso é um sucesso, e não foi só um sucesso foram 5 sucessos, foram 5 casos de sucesso, por isso... eu não sei o que o futuro poderá reservar, se eles se vão perder ou não, mas o que os meus pais transmitiram eu acho que nós... saiu por um ouvido e ficou cá dentro. Eu como filho e se um dia for futuro pai a única coisa que eu não vou querer, que eu vou querer é, conseguir passar mais tempo com os meus filhos, isso sim. Isso é uma coisa que eu habituei-me com o meu pai, a ter pouco tempo com ele mas eu acho que quando eu for pai eu vou querer passar mais tempo com os meus filhos, acompanhar muito a sua infância, a sua adolescência que talvez seja a época mais difícil, eu acho isso, ter um maior acompanhamento... o meu pai acompanhou muito a minha infância mas a minha adolescência foi muito pouco. E claro, a pessoa habitua-se a isso, é triste por um lado porque às vezes eu gostava de ter o meu pai mais presente mas eu tenho de compreender por outro lado porque ele faz isso pela família. Mas pra mim sim, os meus pais são o meu verdadeiro ídolo, principalmente a minha mãe, mais que o meu pai talvez porque eu passo muito mais tempo com a minha mãe, tenho mais confiança com ela, eu acho que isso é normal... Essencialmente passa por aí.

A única coisa que praticamente eu mudaria. Eu sou um caso, mas se calhar se for outras pessoas encarariam da mesma forma ou se fossem outras não encarariam da mesma forma e eu não quero correr o risco de os meus filhos não terem um pai presente e a minha mulher não ter um marido presente, eu acho um pouco injusto, sei lá, os africanos têm muito essa visão e eu acho que é um pouco errada. E não sei se os portugueses também pensam assim, talvez na altura do Salazar teriam muito essa visão de o pai trabalha e a mulher cuida dos filhos, eu não sou apologista disso. Eu acho que hoje em dia o homem moderno tem que fazer as tarefas de casa para aliviar a mãe, tem que educar os filhos, sei lá, essas coisas que as mães fazem, os pais podem fazer muito bem e as mulheres podem fazer o trabalho que os pais fazem. É mais aquela história de igualdade de género, eu apoio completamente isso, eu acho que o lugar da mulher não é na cozinha. O lugar da mulher é ao lado do marido, e o marido tem que estar ao lado da mulher em tudo o que ela faça, é uma divisão de tarefas. A mulher não tem que passar tudo a

ferro, não tem que cozinhar para o marido, não tem que cozinhar para os filhos, não tem que levar os filhos à escola, essas coisas...

O pior é que maioria das mulheres se acostuma a isso. Nós somos 5 irmãos e só tenho o meu irmão e claro, a minha irmã falava muito disso, nós cá em casa, por exemplo, o meu pai cozinha muito bem, mas ele não cozinha porque não tem tempo, mas agora eu tenho a certeza que há casais que o marido tem tempo e ele fica em casa a ver televisão e a mulher faz as tarefas de casa, eu acho isso muito errado sinceramente. Eu acho que as mulheres não deviam aceitar isso. Isso é uma coisa que tem que mudar em África, em Portugal nem tanto mas eu sei que há, tem que mudar seriamente.

E: Então, em relação aos papéis do casal, existe uma assimetria...

A: Sim, sim, hoje em dia, hoje em dia há essa assimetria e sinto essa assimetria nos meus pais mas muito devido ao trabalho que o meu pai tem e eu acho que isso também um pouco culpa do Governo, se calhar deviam diminuir as horas de trabalho das pessoas. Eu acho que a pessoa não se devia esfalfar tanto para ganhar aquilo que tem e ter pouco tempo de família, até porque um trabalhador feliz trabalha sempre melhor e se tiver pouco tempo de família duvido que vá estar contente, digo eu... Acho muito isso... Mais alguma questão?

E: Por agora é tudo, obrigado.

A: Não tem mais?

E: Não, obrigado, mas se quiser dizer mais alguma coisa está à vontade...

Anexo C: Transcrição da Entrevista da Luana

Luana, 16 anos, Portuguesa

Filha de pais migrantes, a sua mãe nasceu em Cabo-Verde e o pai em São Tomé mas viveram em São Tomé

(E: Entrevistadora; L: Luana)

E: Como achas que é ser casal lá e cá...

L: Isso depende porque, bem como eu nunca fui a Cabo-Verde é diferente mas não sei eu acho que a população lá, por exemplo os homens são um bocadinho mais machistas porque eu tenho aqui uma prima que o tio dela veio à pouco tempo aqui para Portugal e ele tá habituado que a mulher tire o prato da mesa, a mulher que não sei quê não sei que mais e agora é que ele tá a começar a habituar-se à realidade portuguesa, tipo aqui europeia, e é mais complicado porque os homens estão mais habituados a que as mulheres façam as coisas e eles vêm do trabalho e pronto já têm tudo feito e eu acho que a realidade africana e europeia é um bocadinho distinta porque, sei lá, a relação não é tão amigável, parece mais... epá ok vamos casar porque pronto eu gostei de ti e às vezes até sabes trabalhar, às duas por três vais-me dar um filho e pronto isso é mais uma realidade antiga mas como eu não conheço muito bem o país né e isso tudo... é mais o meu ponto de vista... há sítios que ainda são muito assim, é um bocadinho retrógrado. Sei lá, não me identifico muito com isso...

E: Essa mentalidade é cá ou lá?

L: Eu acho que lá porque, por exemplo, os meus pais já há um clima de entre-ajuda, o meu pai às vezes cozinha, também lava a loiça, por exemplo, há tarefas que são divididas e não é tão só a mulher e o clima óbvio que fica mais amigável, há uma relação muito mais... há uma parceria muito mais vincada do que deixar o trabalho todo “atrás” da mulher, é o que eu acho mas não sei explicar muito bem essa relação porque não conheço.

E: Por exemplo a experiência migratória é um acontecimento marcante e há casais que migram de lá para cá e vice-versa, achas que isso altera alguma coisa na relação?

L: Eu acho que muda um bocadinho porque estão num clima totalmente diferente, a relação que têm com as pessoas é diferente e se calhar às vezes o stress do dia pode causar um bocadinho de atrito na relação porque está stressado com o novo emprego ou então porque não arranja emprego e o parceiro é que pode sentir-se um bocadinho sobrecarregado... Acho que a mudança

de sítio às vezes causa um bocadinho de atrito na relação, não sei, os meus pais vieram para aqui mas o meu pai veio primeiro que a minha mãe porque o meu pai veio para fazer tratamentos que ele é transplantado renal e foi só por isso.

E: E a tua mãe veio ter com ele?

L: Sim, com o meu irmão mais velho que já tinha nascido.

E: Tens quantos irmãos?

L: Tenho dois, um mais novo e um mais velho, sou a do meio.

E: O teu irmão mais velho também vive cá?

L: Sim, sim mas ele agora tá a trabalhar. Ele nasceu lá mas veio com três anos e tecnicamente é mais português do que são tomense. Mas é basicamente isso, eu não conheço muito bem porque quando eu nasci os meus pais já estavam cá à uns anitos e então... é um bocadinho... não sei muito bem como é que é e nunca convivi muito com pessoas que tivessem mudado de país e que os pais tivessem “coiso”, porque hoje em dia conheço mais pais que estão separados, tipo filhos que têm os pais separados ou então pronto nunca foram casados mesmo e então é diferente a relação que eu tenho com os meus colegas, a maneira como eu oiço a falar dos pais é diferente, eu sou uma das únicas pessoas que tem os pais casados por exemplo.

E: E isso é bom?

L: Sim, é bastante bom, por isso não sei muito bem (risos)...

E: hum hum

L: Não sei muito bem responder a essa questão é um bocadinho complicado (risos) desculpa... (risos)

E: Não faz mal... Então não sabes muito sobre a cultura, é isso?

L: Não porque... Quer dizer, sei porque a minha avó é cabo-verdiana e então sei mais ou menos o que é e pronto... mas nunca vivi mesmo assim como se tivesse em cabo-verde porque já tou mais inserida aqui no núcleo português então é diferente mas sei que por exemplo a relação dos meus avós era um bocadinho, é diferente porque o meu avô casou-se com a minha avó quando tinha 44 e a minha avó tinha 22 e aquilo... eu quando soube dessa história fiquei “wow”, aquilo nem parecia ter amor na relação porque aquilo parecia mais um contrato mas eu nunca percebi

o casamento deles mas sei que a minha avó gostava bastante dele e que ele gostava bastante da minha avó, por isso há situações e situações... é estranho.

E: Mas um contrato...

L: Por exemplo, porque a minha avó perdeu os pais muito cedo e se calhar precisava de alguém que ficasse com ela para o resto da vida, nunca percebi muito bem o porquê deles terem casado assim, ela podia ter esperado mais uns anos e arranjar outra pessoa ou então porque gostava realmente dele, foi assim um bocadinho estranho, não percebo mesmo, é estranho, não sei... (riso) Pronto e os meus pais... eles aqui... é que eu não consigo assemelhar os pais e a relação que temos aqui com a relação que temos em cabo-verde, eu não conheço mesmo, é um bocadinho estranho. A minha mãe às vezes dizia que antigamente os casais mal se beijavam, mal se relacionavam como um casal, sei lá... a minha avó tratava o meu avô por você... antigamente os casais tratavam-se por você mas é estranho porque não é aquela ligação assim, não é muito próxima, é estranho. Por exemplo, se eu tiver um namorado não o vou tratar por você mas é estranho, não tenho muito a dizer sobre essa questão porque não sei muito bem...

E: Mas queres dizer algo sobre outra coisa?

L: Sobre a relação dos casais e isso...?

E: Sim

L: Os meus pais... não sei acho que os meus pais são um casal tipo... são um exemplo para mim... porque eu quando era pequena achava muito giro o casamento e não sei quê mas claro que à medida que fui crescendo a realidade vem à tona. Mas eu acho que o facto de os meus pais educarem 3 filhos de uma forma muito parecida, claro que segue o caminho quem quer, mas os meus pais sempre me educaram com a religião e depois vamos ao domingo ou sábado à missa, sei lá acho que é... têm uma relação estável e são unidos e pronto basicamente é isso, a relação dum casal transparece na educação dos filhos também e eu e os meus irmãos não somos propriamente mal educados e sabemos ter uma relação tanto com as pessoas de fora como com as pessoas de dentro e acho que é extremamente importante e isso é só assim porque os nossos pais são um exemplo né, são tipo a locomotiva para a educação e para o sucesso escolar também, há muitas pessoas que têm insucesso escolar porque a relação em casa é instável e há sempre conflitos e graças a deus nós não é assim. Não é todos os dias, quer dizer, não é... por isso acho que é bastante bom ter por exemplo um relação com os pais assim, é vincada, têm muita segurança um no outro, por exemplo o meu pai tem amigas, a minha mãe

tem amigos e não há ciúmes e é uma coisa que até deixa-me bastante feliz e faz até impressão porque a minha mãe não tem ciúmes e o meu pai não tem ciúmes mas é porque eles têm bastante segurança um no outro e já estão casados à 20, vão fazer 27 anos este ano e é bom porque já lá vão alguns anos né e têm confiança um no outro e é um exemplo para qualquer casal de século XXI 2017 porque agora eu vejo muita gente na televisão que, por exemplo, 5 meses depois ou nem tanto e divorciam-se, sei lá é um bocadinho estranho porque não estou habituada a essa realidade, tou habituada aos pais que estão à muito tempo e às vezes até é um bocadinho mau quando falo dos meus pais, por exemplo eu tenho colegas que nunca conheceram o pai e sinto-me as vezes mal a falar do meu “ah gosto tanto do meu pai”, “ah nem sabes o que o meu pai fez”, é um bocadinho estranho, não tenho muita gente assim a conhecer os dois pais, ou então a lidar com o pai ou então com a mãe, uns vivem com os avós, outros são educados pelos tios, então é estranho. Eu às vezes até pergunto - “os teus pais estão juntos?” - e depois - “oh meu deus porque é que fizeste essa pergunta”, sei lá, sinto-me um bocadinho mal porque eu estou habituada a ver pais unidos e assim, conviver numa escola em que maioria dos pais não estão juntos ou então os filhos não conhecem os pais, é estranho. Pronto, é basicamente isso... não sei. Não tenho mais assim a dizer, não sei se tens mais alguma pergunta (riso).

E: Os teus pais costumam falar de como é ser casal?

L: Sim, eu falo todos os dias com a minha mãe e principalmente de madrugada que agora como eu estou de férias costumo dormir um bocadinho mais tarde e então às vezes vou para o quarto da minha mãe e converso com ela, claro que às vezes temos assim aqueles desentendimentos, acho que é normal nos pais, porque eu posso ter assim uma ideia mais rebelde e os pais não gostam porque eu também gosto muito de questionar e “porque é que tenho de fazer isso e não sei quê”, sou a única rapariga no meio dos rapazes e então às vezes a revolta é maior e então pronto... mas sim, eu converso bastante com a minha mãe, eu desde pequena, a minha mãe conversa sempre comigo, primeiro da relação que a mulher tem que ter na sociedade, como é que eu tenho que me comportar, que eu não posso ser uma mulher de muitos rapazes, são aquelas conversas que as mães têm, mas a minha mãe por acaso teve conversas assim comigo relativamente cedo quando eu já andava, por exemplo no 1º ano já sabia muita coisa, sobre a relação, de homem e mulher, e isso por acaso fez me crescer bastante porque fui crescendo e fui vendo e isso ajudou-me. Mas sim a minha mãe ajudou-me bastante. Diz-me como é que é ser casada, diz-me os contras e os prós também, diz-me tudo né e é bom porque a minha mãe tem uma relação muito aberta comigo. Em relação ao casamento diz que pronto às vezes mais valia não ser casada né mas é bastante bom quando há amor, por exemplo quando o marido

ajuda e a mulher ajuda e é bastante bom quando isso acontece mas é preciso escolher a pessoa certa e as vezes isso não é bem assim, então agora eu até tenho medo de casar ou uma coisa assim porque tenho medo do que pode acontecer mas eu não sei né, o futuro só Deus sabe por isso... Mas sim a minha mãe conversa bastante comigo. Já ontem tivemos a conversar acerca do casamento e ela conta-me sempre a história dela que muita gente tentou dizer, o meu pai veio pra cá para Portugal e a minha mãe não tinha muitas notícias do meu pai porque pronto era difícil comunicar e ele também tava em tratamentos, era difícil, muita gente dizia à minha mãe que o meu pai tinha morrido e que pronto... e que era bastante difícil acreditar né... que ele esteja vivo e para ela não esperar por ele que era jovem e era bastante concorrida porque a minha mãe era a mais popular e havia muita gente atrás dela... pronto, ela não acreditou no que as pessoas disseram porque eram comentários malignos e a minha mãe manteve-se firme e veio para Portugal e encontrou o meu pai. Entretanto houve uma grande história porque o meu pai não sabia que a minha mãe tinha vindo para Portugal e, entretanto, disseram que a minha mãe não vinha para Portugal e depois a minha mãe chegou à casa que o meu pai tava a viver e o meu pai ouviu a voz da minha mãe e pronto, ele soube que a minha mãe tava lá e depois ficaram até hoje sem intrigas e isso, claro que há sempre aquela discórdia que as pessoas tentam sempre causar mas eles tentam manter-se firme porque confiam um no outro, lá está. Há confiança e isso tudo por isso eu sei muita coisa sobre os meus pais, mesmo antes de eu ter nascido e isso tudo, porque a minha mãe fala comigo porque ela conta tudo e não tem segredos. Eu também não guardo segredos para a minha mãe, então há uma relação bastante boa porque ela conta-me muita coisa, conta tipo quase tudo e eu também, claro que há coisas que pronto não conto né (risos) mas pronto a maioria das coisas ela sabe e eu também por isso... temos uma relação muito boa.

E: Mas há sempre algum segredo...

L: Sim, aquele segredo que só as amiguinhas sabem ou então só eu sei (risos), mas pronto faz parte. Mas ela sabe, sabe muita coisa, conhece os meus amigos, aconselha tudo, por isso, é um clima bom porque ela sabe e não precisa de perguntar aos meus amigos – “sabes alguma coisa?”, por isso acho que é bom. Eu gosto de ter os meus pais casados porque sei lá, é um exemplo pra mim, é um exemplo de relação e uma coisa que algum dia se eu conseguir, se tiver sorte possa vir a ter, não sei, é basicamente isso. Eu admiro muito os meus pais por isso, mas eles não podem ouvir isto senão ficam convencidos (fala baixinho).

E: Ai sim?

L: Bastante, mas isso são todos os pais tipo não podem ouvir um elogio – “Ah a sério não sabia que eu era assim” (tom irónico).

E: Então ambicionas constituir família?

L: Sim, sim, por acaso é uma coisa que eu quero bastante, só que eu como estou a estudar música, eu receio porque é mais complicado ter vida social quando se estuda música, eu desde que entrei para a escola de música... Porque eu fiz um ano em humanidades porque eu queria tirar psicologia, toda a gente dizia que eu devia ter ido para ciências porque é a área que está mais direcionada para psicologia mas eu queria mesmo ter ido para humanidades porque eu acho que em humanidades interage-se mais com as pessoas e eu acho que psicologia pronto, tem muita ciência e não sei quê mas não é taaao científico como as pessoas pensam. Eu acho que humanidades era mais a minha praia que ciências, então eu fui um ano para humanidades e eu vi que queria seguir música ... psicologia também é uma forma de tocar as pessoas e conversar através da música então eu fui para música e fiz um ano em humanidades e depois vim para Lisboa, estudar na metropolitana e pronto. Só que perdi um bocadinho a minha vida social porque ficamos bastantes horas naquela escola e o dia começa às 8h e acaba às horas que eu quiser, a escola fecha à meia noite, por isso estudar é até às horas que eu quiser, pronto o período letivo acaba às 19h, 19h e pouco mas é uma carga horária bastante grande e uma pessoa perde um bocadinho a vida social, a relação em casa também, há muitas vezes que eu janto sozinha, às vezes nem janto perco o apetite e então... e depois a relação, os meus pais acompanham muito menos a minha evolução porque eu tou cada vez menos em casa, tou mais ligada a fazer outras coisas, às vezes não tenho paciência para chegar a casa e sentar no sofá e conviver, por isso pronto é diferente, estudar música é um bocadinho ingrato, vale a pena né se eu conseguir um bom emprego mas é um bocadinho ingrato porque perde-se um bocadinho a vida social e a relação familiar. Mas não sei, se eu conseguir por exemplo ter um futuro estável, sim gostaria de constituir família como os meus pais.

E: Foste tu que escolheste ir para música?

L: Sim fui eu, tive vários incentivos para seguir música claro, de professores e isso, não queria mesmo mas depois pensei e não me via a fazer mais nada, queria mesmo seguir música só que tava com as minhas dúvidas e tinha medo, mas depois eu pensei se eu for para advocacia vai ser muito difícil encontrar emprego em Portugal, para quem tira por exemplo, eu conheço muita gente que formou-se com o curso de humanidades e precisa mesmo de ser bastante bom para arranjar emprego e eu disse – “Epá estando em música ou em humanidades é igual”, por isso

vou para o que eu mais gosto que era música. Então pronto escolhi ir para música e à partida os meus pais não gostaram, eu nunca chumbei e voltar um ano atrás num curso diferente é complicado...

E: Mas o curso equivale ao 12º ano?

L: Sim, é o secundário, só que como não há ensino regular naquela escola fui para o profissional, ainda por cima. Era um ambiente totalmente diferente, um sítio diferente, um curso diferente, no mesmo ano, o passe era mais caro, é tudo mais caro na música tenho que comprar o meu próprio instrumento que ainda não comprei as minhas próprias coisas, os acessórios para os instrumentos que não é tipo um brinco, são mesmo coisas caras, então é diferente, como eu disse é um bocadinho ingrato, estudar música porque gasta-se bastante para uma coisa que se gosta, mas por outro lado é gratificante, porque quando eu tenho um concerto e vejo as pessoas a aplaudirem e a dizerem “bravo” e isso é bastante bom por isso tem as suas vantagens e desvantagens. Mas sim fui eu que escolhi o curso, à partida os meus pais não concordaram porque não tava no ensino regular e eu para falar a sério não gosto muito do ensino regular, não gostei do meu ano, do secundário naquele ensino regular. Ambientizei-me bastante com a turma mas não fazia o meu estilo, não eram as pessoas que eu gostava e fui sozinha, não era a turma que eu desejava, não tínhamos os mesmos objetivos e então decidi mesmo mudar para música. Foi basicamente isso. Agora estou lá à um ano e este ano vou fazer o 11º ano e vou ver como é que corre porque aquilo é um bocadinho complicado, não é um curso assim tão normal como parece, porque é muita pressão, já tamos a viver com aquilo é, sei lá estudar música é super venenoso, porque há mais gente a querer mais o teu mal do que o teu bem. Por exemplo eu tenho audições e tenho exame todos os períodos e é super complicado não ter as coisas prontas para um exame e saber que atrás da porta há pessoas a desejar mais que tu tenhas um 10 ou um 12 do que um 18 e dá para sentir a vibração, dá para sentir que as pessoas não querem o teu bem. E não há amigos naquela escola, não há relação naquela escola, as relações que eu tenho são de pessoas que eu já trago detrás ou então pessoas que eu percebi – “ok, realmente vale a pena ser amigo dessa pessoa” – mas, tu caminhas sozinho naquela escola, eu tenho colegas que tocam o mesmo instrumento que eu, somos amigas, por acaso tive grande sorte em calhar com aquela rapariga na minha turma, mas eu sei que, nós somos bastante amigas, mas há sempre aquela coisa “fogo eu quero mesmo ser melhor do que ela, eu quero mostrar ao meu professor que eu consigo fazer isso melhor do que aquela pessoa, ou então consigo ser melhor do que eu fui ontem”. Mas nem toda a gente tem esse pensamento de ser melhor do que fui ontem e etc..., e às vezes quando eu chego a casa super revoltada – “fogo pá não tou a conseguir

“, - e é um bocadinho mau porque os meus pais conhecem muito bem isso do que é estudar música, então não conseguem ajudar muito bem, e às vezes eu mesma não quero conversar com ninguém, quero simplesmente ficar no meu quarto isolada e quero tentar fazer melhor, às vezes desisto porque aquilo é muito fácil de desistir, é super difícil ter uma autoestima elevada quando logo de manhã já há pessoas a tentar destruir. E isso é complicado, não sei preciso mesmo de ter amigos lá dentro para conversar e depois também não se pode confiar em toda a gente. Nós somos 90 pessoas e toda a gente se conhece, toda a gente sabe como é que o outro toca, toda a gente sabe tudo sobre toda a gente, os podres e isso, é difícil conviver naquela escola quando as pessoas estão mais focadas nos outros do que neles próprios. Então é complicado e eu não gosto de contar isso aos meus pais porque eu quero que eles acreditem que eu, por acaso até gosto daquela escola, mas claro há mais desvantagens do que vantagens, mas eu não conto isso tudo aos meus pais, é mais uma daquelas coisas que disse que não conto tudo à minha mãe, porque eu quero que eles acreditem que eu estou mesmo bem e que... para não ficarem tristes porque eu mudei de curso e depois afinal não tou a gostar porque depois dizem, “ah mas tu é que escolheste, não fui eu”, - mas claro que quem está de fora não percebe, eu quando tava de fora pensei “ah quero mesmo ir para aquela escola”, com tantas escolas quis mesmo ir para aquela e pronto... mas sim, depois é complicado porque em Portugal estudar música é um bocadinho chato, há bastantes universidades mas ou são muito caras ou são inacessíveis, por exemplo. Eu se quero ir para uma universidade pública tenho que ir para o Porto por exemplo, Braga e sou de Lisboa. Então as propinas não são muito caras, mas a casa, a alimentação, o transporte, não fica barato e depois a minha escola é uma universidade, um conservatório e uma escola profissional e agora vão abrir o 7º ano lá na escola não sei porquê. Mas a universidade lá são 300 euros por mês, o que é um bocadinho difícil porque ao final do ano é o preço dos 3 anos de estudo então não compensa mas depois se for a ver é a casa e não sei quê que não vou ter de pagar, por isso é bastante complicado e eu já estou com medo de dizer aos meus pais porque eles já sabem o preço mas já tenho medo de dizer aos meus pais que eu quero ir para fora, eles sabem mas depois também é a questão do... é mesmo o dinheiro, o dinheiro é que impossibilita bastante porque as universidades não são tão acessíveis como se eu fosse por exemplo para outra universidade, por isso é complicado, não quero dizer isso aos meus pais. Depois tem que saber dividir as despesas e sei lá, é complicado, mas pronto, também já me estou afastar um bocadinho do assunto.

E: Pois, dividir as despesas...

L: Sim, eu tenho de trabalhar né, primeiro, mas depois eu não vou conseguir pagar tudo então eu tenho de pagar isto, o outro tem de pagar aquilo e então é difícil.

E: Já trabalhas?

L: Não, eu tenho 16, mas para o ano eu quero ver se consigo arranjar emprego de verão para começar a juntar mais o meu dinheiro e depois quando acabar o curso, porque é impossível trabalhar e estudar do 10º ao 12º, no secundário é super difícil trabalhar, mas quando for para a faculdade quero mesmo trabalhar porque nós temos horário para trabalhar e se eu não trabalhar eu não consigo fazer nada mas eu quero ir para o Porto, não quero ficar em Lisboa, Lisboa não tem grandes oportunidades, primeiro queria ir para a Alemanha né mas depois é o alemão ou o inglês mesmo fluente e...

E: Porquê a Alemanha?

L: Porque a Alemanha tem uma ótima escola, tem ótimas oportunidades na Alemanha e bons professores, coisa que aqui em Portugal é um bocadinho mais difícil, queria ir experimentar no estrangeiro para ver, mas é complicado, o dinheiro é sempre aquela coisa que impossibilita as pessoas de fazer, principalmente os meus pais que pronto, não são ricos né, então a divisão das despesas é, por exemplo às vezes a minha mãe compra, cobra a alimentação e os filhos, tipo roupa e essas coisas, o meu pai as despesas da casa, só que às vezes é mais complicado, não sei é estranho porque eu não quero ser egoísta, nos somos 6 cá em casa, quer dizer o meu irmão já trabalha mas... somos 6, é o meu pai e a minha mãe, três irmãos e a minha avó, a minha avó agora não está cá, está na casa da minha tia porque foi lá passar uns dias, mas é complicado porque pode ser um bocadinho egoísta querer tanto tanto tanto ir para fora e depois não ter possibilidades para tal, não quero que os meus pais pronto... não entrem num tempo um bocadinho instável (fala baixinho). Porque é difícil, ainda por cima nós queremos mudar de casa, então...

E: Isso pode criar instabilidade...

L: Entre eles os dois não sei, mas entre mim e eles talvez. Não, eles vão perceber, vão perceber porque é que eu quero, mas se calhar porque a minha mãe vai querer que eu estude bastante e não sei quê e o meu pai vai logo pensar “opa se calhar, não sei quê”, - pronto, é diferente, mas não vai chegar ao ponto de haver discórdia, mas pronto eu quero estudar e quero ter as minhas responsabilidades, é complicado transmitir a minha vontade para os meus pais que não percebem muito, é diferente. Percebem, mas não ao mesmo tempo. Não estão a estudar comigo,

qualquer coisa, música, humanidades, tanto faz é igual. Por isso, não sei... é isso, não sei explicar, também não sei explicar nada... incrível (riso). Mas pronto é basicamente isso, haaaa, claro que a relação dos meus pais dá-me força para continuar e isso porque eu sei que eles gostam de mim e estão sempre a torcer, por exemplo quando eu tenho um exame e estou bastante nervosa ligo logo à minha mãe, ligo logo à minha mãe a dizer – “olha vou entrar agora para a sala, estou bastante nervosa, olha reza por mim”, - ela tá no trabalho e diz – “claro que vou rezar por ti”, - e depois dá-me forças e quando corre mal ou corre bem ligo logo para ela e digo – “X, correu assim”. Ou então tenho um teste e digo assim: “Ai, tu nem sabes mas tive uma pergunta super fácil no teste e a professora disse-me a resposta, não sei que não sei que mais...”, sei lá, ou então como eu não sou uma aluna perfeita e sou bastante reguila, às vezes quando eu começo a rir na aula (risos), a professora diz: “Luana, por favor vá lá fora apanhar ar”. E eu chego a casa e conto aos meus pais, não é uma coisa que eu tenho assim receio de contar. Pronto, mais cedo ou mais tarde vão descobrir, portanto eu conto logo, não há necessidade de esconder. E tanto as notas, na escola e isso, na relação com os meus amigos, por exemplo, se eu deixar de falar com a minha amiga, - “olha discuti hoje com a minha amiga e pronto”, - eu conto logo ao meu pai e à minha mãe, eles sabem logo, sabem logo o que acontece, porque é uma maneira de manter-me firme e saber que eu tenho um conselho de alguém que realmente gosta de mim, porque há amigos e há amigos, nós nunca vamos perceber quem é que ta sempre no nosso lado. Vamos e não vamos ao mesmo tempo, isso vai-se percebendo com a idade e com a relação que vamos tendo com as pessoas. Mas eu sei, por exemplo, que os meus pais nunca me vão falhar, se eu precisar de um conselho eu sei que a minha mãe vai-me sempre dizer alguma coisa, o meu pai vai sempre dizer-me alguma coisa. Se eu tiver uma discórdia com alguém eu conto logo aos meus pais, porque é uma maneira de afirmar que ao menos tenho alguém que me compreenda por isso é bastante bom ter uma mãe e um pai que vivam comigo e sigam passo a passo o meu caminho. E é bom saber, por exemplo quando é que nasceu o meu primeiro dente, quando é que comecei a andar e quando juntamos na sala e às vezes surge uma conversa e ficamos assim a falar, antes, porque agora já não temos cassetes, mas antes ficávamos na sala ao fim-de-semana e víamos cassetes quando eu era pequena ou então quando tudo era mais feliz e sei lá... Nós morávamos em Algés e havia muita gente em nossa casa e não sei quê, aquilo parecia tudo tão giro e tão... Mas acho que era mais pessoas a querer o mal do que o bem, por isso não sei, é estranho...

E: O mal como?

L: Era inveja, muita inveja, porque os meus pais sempre foram bastante unidos e não sei quê, se calhar as pessoas, muitos eram amigos mas só queriam o mal, sei lá.

E: Pois, à pouco disseste que tentaram separar os teus pais...

L: Muitas vezes, com conversas parvas e a dizer “ah de certeza que ele não vai esperar por ti” ou então tipo “ela não vai esperar por ti”, e pronto, o meu pai em Portugal e a minha mãe em São Tomé e sei lá. É preciso confiar mesmo bastante, com 3 anos de casamento ou 2, é um bocadinho recente ainda e então é preciso gostar mesmo e ter bastante confiança. É uma das coisas que eu admiro bastante nos meus pais é a confiança que depositam um no outro e só fazem querer construir família, ter por exemplo, uma relação estável e isso, é bastante bom ver a relação que os meus pais têm. Às vezes ficam aí a lutar, a brincar e a gozar um com o outro, depois vamos todos à missa juntos, temos planos de família, e é giro, eu gosto bastante de dizer que eu tenho um pai e uma mãe que ainda tão juntos, graças a deus e que têm 3 filhos e uma relação estável. Isso ajuda-me bastante a querer continuar a estudar e a conviver com as pessoas, sou bastante feliz porque tenho os pais felizes, que ajudam, que nunca deixaram faltar nada, mesmo que às vezes possamos ter mais coisas para pagar ou isso, nunca me falta nada, nunca me falta roupa, o passe para ir a escola, tenho muitos colegas que nos primeiros dias do mês não vão porque os pais não pagam o passe, mas não me falta nada porque os meus pais dividem bem as despesas e sabem conversar e acho que isso é bastante bom, quando há conversa, e nunca me faltou nada nem a mim nem aos meus irmãos e é bastante bom. Por isso fico bastante feliz vê-los. Por exemplo, hoje de manhã acordei, curiosamente fui a última pessoa a acordar e quando acordei fui para a cozinha e tavam lá os meus pais, estavam os dois sentados a descascar alhos e “que fofos”, tipo não há aquela coisa de o meu pai tá sentado na sala a ver televisão e a minha mãe nas lides e isso é bastante bom ver. Às vezes quando o meu pai limpa os vidros, ou então quando decide aspirar, quando acorda estende logo a cama. Por isso, mesmo não falando um com o outro para dizer “ah faz isto e aquilo”, eles vão lá e pensam “vou ajudá-la a fazer isto”. Claro que a minha mãe por ser mulher e por ser mais doída por limpeza faz sempre mais e pronto, e por compras, compras como quem diz, comprar sempre coisas para os filhos, principalmente eu que sou rapariga, ela vê uma blusa: “ai que gira que é, vou comprar para a Luana”, - então tipo compra para ela mas, - “bem eu acho que isso ia ficar melhor em ti, então toma”, - e eu: “ok obrigada”. Então é diferente, e o facto deles darem se bem transparece bastante, como eu já tinha dito no início, na educação e no sorriso que eu às vezes tenho quando saio de casa ou então na escola e sei lá, às vezes, o lar é o refúgio, nem sempre né?! Às vezes estamos fartos de ver sempre as mesmas pessoas e sempre as mesmas conversas porque podem

não perceber o que eu estou a sentir. Claro que eu também estou um bocadinho naquela idade da revolta e do “porquê, porquê”, então às vezes não me apetece vir para casa, apetece-me ficar na escola. Às vezes até na escola apetece-me ficar assim com os meus colegas ou então na sala a estudar, mas depois venho para casa e vejo que tenho uma família para me receber e a dizer “olá”, não sei, é bom chegar a casa e ser esperada. Por exemplo, eu tive 2 semanas no Algarve, fui com uma amiga minha e com a família, e ligava todos os dias aos meus pais e eles ficavam “ai que mimada”, não é mimo porque eu nunca fui mimada nesse aspeto. Sei lá, é falta de tocar e sei lá, só para ouvir a voz, por exemplo, porque estou habituada. Falava com a minha mãe: “ah passa lá ao papá, não sei quê não sei que mais...”, “passa ao Paulo, só para ouvir a voz...”, é estranho. Sempre convivi com os dois e 2 semanas sem eles e com uma família que tem princípios totalmente diferentes, as regras são diferentes, e então sei lá, é diferente... E então eu sentia falta dos meus pais e quando cheguei a casa fui recebida, tipo e eu pensei “é tao bom chegar a casa e sentir que há alguém à tua espera, nesse caso mais do que uma pessoa à tua espera”. É bastante bom porque se os meus pais tivessem separados e um vivesse noutra casa mas eu vivia por exemplo com a minha mãe e queria mesmo estar com o meu pai, chegava a casa e era recebida apenas pela minha mãe ia sentir um vazio, mas não, eu sou recebida pelos dois e temos uma relação mesmo boa, tou sempre a brincar com o meu pai e a gozar e isso tudo, a minha mãe junta-se a festa e sei lá... Nós á noite fazemos bastante barulho porque estamos sempre a rir, claro que isso não é sempre aquele “ah somos todos unidos”, claro que às vezes há alguma discórdia, como eu já tinha dito. Eu sou bastante refilona né, ou então, porque isto está aqui (cinto em cima da cama) e a minha mãe não gosta de ver isto assim: - “porque isto é assim e não sei quê”, “mas o quarto é meu e não sei quê”, “mas a casa é minha”. Ou então a minha mãe diz uma coisa e o meu pai parece o eco dela, “pois é, não sei quê não sei que mais”. Então tipo até na hora de discutir estão juntos, é bom, eu gosto dessa relação, é gratificante chegar de um dia... porque chegar a casa e ser bem recebida é como sair por exemplo à noite com uns saltos e não conseguir tirar e depois chegar a casa e conseguir finalmente descalçar, é um alívio, é tipo tirar a roupa, tipo para as raparigas tirar o soutien e é grande alívio, é igual. Por isso poder chegar a casa e ter um pai e uma mãe é bastante bom, crescer com um pai e uma mãe e não uma mãe e um padrasto ou um pai e uma madrasta, sei lá, é diferente. Porque eles contam-me como é que eu era, sei lá, é diferente, porque acompanharam tudo, tudo, tudo. Os concertos, tudo.

Como tava a dizer, o meu primeiro dente, a primeira vez que eu andei, a primeira vez que eu falei mamã ou papá, sei lá, é diferente. É uma felicidade que já acompanha desde o meu

primeiro mês de vida, na barriga ou não. Fico bastante feliz quando falo isso e digo que eu tenho um pai e uma mãe que estão juntos e isso tudo, e até tenho uma boa relação, é mesmo bom. Sinto-me mesmo bem quando falo disso, é bastante bom (fala baixinho). Eu gosto. É basicamente isso, não tenho muito a acrescentar porque às duas por três acabei por dizer muita coisa e dizer que a relação deles ajuda-me bastante na escola e isso tudo e na relação que eu tenho com os meus amigos também. Aquela amiga com que eu fui para o Algarve adora os meus pais, tipo quando vem cá a casa, - “quem me dera que eles fossem os meus pais”, - e há muita gente a dizer, - “tu és tão maluca como os teus pais?!”, - sei lá, quando dizem “eu gostaria bué de ter uns pais que fossem comigo à missa, por exemplo, uns pais que praticassem e tivessem alguma coisa em comum comigo mas os meus pais estão separados”, - e depois aí quebra-me o coração um bocadinho porque não sei o que dizer, só “ah pois eu percebo, os meus pais também”, não, porque os meus pais estão juntos. É difícil às vezes aconselhar e quando eu era pequena eu tinha uma amiga que dizia “ah, eu não sei se gosto mais do meu pai ou da minha mãe porque o meu pai agora não tá a viver cá em Portugal”, tavam juntos mas ele tava trabalhar em Moçambique. O meu pai não tá cá em Portugal mas eu acho que gosto mais do meu pai, não sei quê não sei que mais... Epá eu não sei explicar de quem é que eu gosto mais, é como aquela pergunta, quem é que salvarias a tua mãe ou o teu pai? Então pronto morreria, dava a vida aos dois, sei lá, mas não sei explicar, não dá para..., quando se convive com os dois é uma pergunta super..., é mau perguntarem-me isso porque não se pergunta isso a nenhum filho. Tipo, sei lá, é estranho perguntarem-me de quem é que tu gostas mais e quando oiço as minhas as colegas a dizerem “não sei de quem é que gosto mais mas acho que gosto mais do meu pai” e eu: “oh meu deus” (risos). “oh meu deus”. Epá eu gosto dos dois e há coisas que eu gosto mais no meu pai e há coisas que eu gosto mais na minha mãe, é o que eu digo, porque é difícil dizer de quem é que eu gosto mais é tipo ter, por exemplo, dois anéis iguais e dizer “ah eu gosto mais deste porque à noite brilha mais” (risos), é estranho. Não consigo escolher, não dá para escolher, são coisas iguais e diferentes ao mesmo tempo e no dia do pai ou no dia da mãe fico feliz por ter um pai ou por ter uma mãe e fazer um bilhete ou comprar uma prenda, eu gosto bastante. Bem, já dá para perceber que eu gosto bastante de ter um pai.

E: É importante para ti eles estarem juntos?

L: Bastante importante, porque ajuda-me, é mais um exemplo de superação, porque com tanta coisa que já aconteceu em 27 anos, mesmo distantes ou não, saber que... é uma forma de também nunca desistir dos meus sonhos. O objetivo da minha mãe era vir para Portugal para estar com o meu pai e ela não desistiu e é uma maneira de não me fazer desistir, por exemplo

se hoje o exame me correu mal, eu acabei por exemplo com uma média um bocadinho má ou boa, tanto faz, é um motivo para continuar, porque afinal há sempre solução. Disseram que o meu pai tava morto não é? Nada é mais forte do que a morte, por exemplo. A morte é a coisa que sabemos que vai acontecer, é a única coisa que sabemos do nosso futuro, é a morte. Então ela contrariou, como quem diz, essa lei e veio para Portugal na mesma, á procura dele.

E: E quem lhe disse isso?

L: Muitas pessoas mesmo, pessoas que vieram pra cá para Portugal.

E: Conheciam o teu pai?

L: Sim, e a minha mãe. Pronto, é bastante triste quando pensas que conheces a pessoa e que podes confiar nela e depois ela dá-te uma notícia super estúpida. É preciso ter muita coragem, ouvir e engolir.

E: E qual seria a intenção?

L: Acho que era mesmo separar, é uma pessoa estúpida, é mesmo ser má pessoa, se calhar no fundo no fundo não havia uma intenção mesmo, é mesmo pura estupidez, por assim dizer, não sei explicar. Quando a minha mãe me contou isso eu fiquei: “A sério? Não estou acreditar!”. É estranho, porque é que fazem isso às pessoas? As pessoas ao ver a felicidade dos outros ficam incomodadas, porque “Fogo pá, não consegui, não consegui ser assim”. E depois a minha mãe também mostra-me fotos, conta-me, por exemplo do outro dia tive um concerto no aeroporto de Lisboa e tava lá o namorado de infância dela, ela apresentou e falou dele e não sei quê, eu achei bom porque ela não tem vergonha de dizer isso porque ela realmente gosta do meu pai e realmente estão bem por isso não há nada a esconder. Isso é bom porque os meus pais são um livro aberto e a minha mãe não se importa que o meu pai tenha muitas amigas e o meu pai não se importa que a minha mãe tenha muitos amigos, têm amigos em comum e tudo por isso... não há nada a temer. Eu gosto muito da relação, por exemplo o meu pai agora tá a cantar e daqui a pouco a minha mãe vai começar a gozar com ele e eu gosto de participar nessas brincadeiras, é uma maneira também de não me afastar muito porque eu às vezes também quero sair com os meus amigos, quero por exemplo ir ao bowling, ir ao cinema, sei lá, é só ir até lá ao fundo e voltar porque cansa estar sempre aqui em casa, com a mesma rotina, por isso às vezes tentar aproximar-me mais dos meus pais é uma forma de criar um laço mais forte, sei lá, é basicamente isso. E eu gosto da relação que os meus pais têm, às vezes têm discussões estúpidas porque um diz uma coisa e outro diz outra, e eu nem me meto porque eu sei que vai

ficar tudo bem outra vez por isso... “Ah se eu soubesse o que sei hoje, não sei quê não sei que mais” (em tom irônico), são coisas que saem mesmo da boca para fora e então... às vezes assusta né, porque é um drama que aquilo até dá medo, são tão dramáticos que eu até fico a pensar “como é que é possível eu ser filha desse casal, fogo...”. Mas depois fica tudo bem, é aquela briga entre marido e mulher e entre marido e mulher não se põe a colher, é tipo isso. Mas sim os meus pais têm uma relação bastante boa e isso é bastante gratificante para mim que sou filha, eu gosto, é basicamente isso. Não sei se tens mais alguma pergunta (em tom baixinho)...

E: Não é tudo, muito obrigada.